Mundo Encantado

(Treasures lost, treasures found)

Nora Roberts



Momentos Íntimos nº. 128

Nenhum tesouro do mundo poderia se comparar ás carícias de Ky.

Só por muito amor ela arriscaria a vida para salvar aquele homem.

Ao voltar para o barco, depois de mais uma etapa da busca a um navio naufragado há mais de duzentos anos, Kate sente-se excitada ao ver Ky despindo o traje de mergulho. Seu peito forte e bronzeado brilha ao sol, e os cabelos molhados dão-lhe um ar ainda mais sensual. Ela não resiste e se aproxima, envolvendo-o em seus braços, provocando-o com carícias atrevidas. Ky, vibrando de paixão, leva-a para a cabine impaciente para saciar o desejo que o consome. Kate está ansiosa para entregar-se a ele novamente, mesmo que seja pela última vez, mesmo que logo mais tenham de se separar para sempre.

TREASURES LOST, TREASURES FOUND
© 1986 Nora Roberts
Originalmente publicado pela Silhouette Books, Divisão da Harlequin Enterprises Limited.

MUNDO ENCANTADO
© 1987 - para a língua portuguesa
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.
Esta edição é publicada através de contrato com a Harlequin Enterprises Limited, Toronto, Canadá.
Silhouette, Silhouette Intimate Moments e o colofão são marcas registradas da Harlequin Enterprises B. V.

Tradução: Haydee Siqueira

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 - *3°* andar
CEP 01452 - São Paulo - SP - Brasil
Caixa Postal 2372

Esta obra foi composta na Artestilo Compositora Gráfica Ltda. e impressa na Artes Gráficas Guaru S/A.

Digitalização: Palas
Revisão: Nelma

CAPÍTULO I

Na biblioteca, uma única lâmpada iluminava a mesa de estudos na qual Kathleen Hardesty sentava-se pela primeira vez desde que seu pai falecera, há uma semana.

Tinha aprendido com ele que a principal preocupação de um educador deve ser o desenvolvimento integral do aluno. Durante todo o tempo em que viveram juntos, o pai sempre enfatizara a prioridade da educação sobre todos os outros aspectos da vida; para ele tratava-se de um elo de ligação entre as civilizações.

Edwin J. Hardesty fora um bem-sucedido estudioso de Literatura Inglesa. Todos o consideravam muito prático, incapaz de perder tempo com sonhos e divagações. Por ser uma pessoa muito fechada, jamais deixara que alguém desconfiasse de que dentro dele habitava um grande aventureiro, que durante quatro anos fizera várias pesquisas e algumas buscas com a intenção de resgatar um tesouro submerso há mais de dois séculos.

A exemplo do pai, Kate também seguira a carreira do magistério. Agora, aos vinte e oito anos, trabalhava como professora-assistente de Literatura Inglesa na Universidade de Yale. Era uma mulher madura, equilibrada e bonita.

Seus cabelos e olhos castanhos formavam um belo contraste com a pele clara, e os ossos salientes da face atribuíam-lhe um certo ar de arrogância.

Depois de alguma hesitação, Kate decidiu que já era tempo de examinar os papéis que haviam sido de seu pai.

Com pouco mais de sessenta anos, Edwin Hardesty aparentava plena saúde. Nada havia contado à filha sobre suas visitas periódicas ao médico, até que um ataque cardíaco o levara à morte.

Kate jamais imaginara que o pai pudesse ter sonhos como os que guardava em gráficos e registros de pesquisa nas gavetas de sua mesa na biblioteca.

Kathleen estava descobrindo um outro lado da personalidade do professor Hardesty. Da mãe restavam poucas e vagas lembranças, pois mal se haviam conhecido. A senhora Hardesty falecera há mais de vinte anos.

Aos poucos, a figura do pai ia se delineando no pensamento de Kate: um homem alto e encorpado, com cabelos grisalhos e uma expressão de paciência no rosto. Gostava de vestir terno escuro e camisa branca. Não possuía muitas vaidades. Como pai nunca tivera um gesto indelicado, mas também nunca conseguira demonstrar muita afetividade.

Fora um homem brilhante, incansável e dedicado em seu trabalho de educador.

Kathleen nunca o havia desapontado. Quando fora aceita no Departamento de Inglês da Universidade de Yale, sabia, embora nunca tivessem discutido a respeito, que o maior sonho dele era vê-la tornar-se, um dia, chefe do departamento.

Kathleen, enquanto fechava os olhos para descansar um pouco, depois de tantas horas lendo os manuscritos, pensava no que sentia por ele. Durante toda a vida tentou não desapontá-lo e, no entanto, jamais fora recompensada com um afeto ou ao menos um elogio.

Agora ela vivia só, na elegante casa de Cape Cod. A governanta continuava a vir às quartas-feiras pela manhã, e o jardineiro, aos sábados. Não se assustava com as responsabilidades que lhe caberiam dali para frente. Sua maior preocupação no momento era

organizar os papéis da biblioteca e talvez arquivá-los. No entanto, não resistindo à curiosidade, resolveu ler o que havia neles e descobrir o que o Sr. Hardesty guardava em segredo.

Tesouro... Um tesouro submerso, como nos filmes de ficção de Hollywood. Pelo número de documentos e anotações em sua mesa, o professor Hardesty devia ter passado meses, talvez anos, reunindo informações sobre a localização de um navio mercante inglês que se perdera nas proximidades da costa da Carolina do Norte há dois séculos.

A ilha de Ocracoke surgiu-lhe imediatamente na lembrança. Kathleen tentara afastar da mente tudo o que a fazia recordar o verão de quatro anos atrás. A idéia de um tesouro submerso a fascinava, mas as recordações se tornavam inevitáveis.

Tinha começado a se preparar para o doutoramento quando seu pai resolvera passar o verão em Ocracoke e convidou-a para que o acompanhasse. Kathleen aceitou o convite, mas levou consigo a máquina de escrever portátil, algumas caixas de livros e muitas folhas de papel. Entretanto, a brancura da areia das praias e o canto das gaivotas quase a fizeram se esquecer de tudo isso.

Sentia-se enfeitiçada pela natureza e invadida por uma louca paixão: Ky Silver.

Até mesmo o nome, ela pensou, era de mau gosto. Entre os dois havia tanta coisa em comum como há entre um leão e uma perdiz. Tudo isso, no entanto, não evitou que se entregassem um ao outro durante aquele mágico verão.

Gostava de vê-lo no leme do barco que seu pai alugara, navegando contra o vento, com os cabelos negros esvoaçando. A lembrança das emoções que sentira quando mergulhavam nas cálidas águas costeiras ainda parecia viva. Envolvida com tantas aventuras, Kathleen nem se deu conta do estranho interesse que o pai demonstrara por barcos e mergulho, coisas para as quais antes nem ligava.

Podia lembrar-se das muitas horas em que o Sr. Hardesty ficara enclausurado em seu quarto de hotel, lendo pilhas de livros que levara consigo. Já naquela época devia estar pesquisando muito. Kathleen tinha certeza de que a busca pelo tesouro do navio naufragado continuara nos verões seguintes, quando ela se recusara a acompanhá-lo, por causa de Ky Silver.

Ky não lhe oferecia nada além de sonhos absurdos, por isso ela o deixou e não quis retornar nunca mais.

Olhando para os documentos do pai, Kate tomou uma decisão. Tinha de voltar a Ocracoke e prosseguir com as buscas que ele havia iniciado. Talvez, entre todos os bens herdados, este fosse o de maior valor. Afinal, o mapa de um tesouro não é algo que possa ser esquecido ou arquivado sem verificação.

Tinha de voltar, reafirmou, inquieta. Retornaria ao lugar onde estava Ky Silver. Mas agora a Dra. Kathleen Hardesty conhecia a diferença entre contos de fadas e a realidade. Esticando o braço, tirou de dentro da gaveta da mesa algumas folhas de papel e pôs-se a escrever.

Duas coisas faziam a vida de Ky valer a pena: seus passeios de barco em alta velocidade e o descanso na rede da varanda ao entardecer. Gostava de sentir o cheiro da água salgada do mar. Apesar de bastante habituado à vibração do convés sob seus pés, sentia prazer a cada pequeno movimento do barco. Sendo muito sensível, nunca deixava as coisas passarem despercebidas. Tinha crescido numa calma vila situada à beira-mar e, apesar das muitas viagens que fizera, não desejava morar em nenhuma outra parte do mundo. Agradavam-lhe a liberdade proporcionada pela imensidão do mar e o convívio com uma pequena e agradável comunidade.

Não se ressentia com os turistas, pois eles ajudavam a manter a vila. Gostava mais do inverno, quando as tempestades eram violentas, e só os mais corajosos cruzavam a enseada de

Hatteras.

Todo o alimento que obtinha das águas era utilizado para seu próprio consumo. Mergulhar proporcionava-lhe imenso prazer. De vez em quando, descia às profundezas do oceano e lá passava minutos de indescritível satisfação, alheio aos problemas do mundo, coletando conchas apenas pelo prazer de fazê-lo. Com freqüência levava turistas para mergulhar ou pescar em alto-mar. No entanto, em certos dias, preferia ficar só, em seu barco, permitindo que os pensamentos voassem livres como as gaivotas, imaginando-se senhor absoluto das águas e de tudo que nelas vive.

Sempre fora uma pessoa inquieta. Segundo sua mãe, ele viera ao mundo duas semanas mais cedo, porque não agüentou esperar pelos nove meses normais. Ky havia completado trinta e dois anos na primavera, mas nem pensava em mudar sua maneira de viver. A única coisa que queria era ter liberdade para tomar suas próprias decisões quanto ao futuro. O problema é que nem ele mesmo sabia que tipo de futuro desejava. Sentir-se dono do céu límpido e daquele mar infinito parecia ser o suficiente para que vivesse feliz.

Uma brisa agradável amenizava o calor, e o barco de Ky já quase na praia vazia trazia alguns peixes que seriam preparados para o jantar.

Quem o olhasse a certa distância, em seu barco, poderia confundi-lo com um pirata, isso se houvesse piratas no século vinte. Os cabelos eram longos o suficiente para cobrir-lhe as orelhas e a nuca, e tinham uma cor negra, talvez proveniente do sangue siciliano que lhe corria nas veias. Os olhos assemelhavam-se ao escuro verde do mar num dia de sol. A pele bronzeada e o corpo perfeito tornavam-no muito atraente.

Seu sorriso continha uma expressão de liberdade e despreocupação que as mulheres amavam. Quando não sorria, no entanto, seus olhos podiam tornar-se frios como os de um leão que se prepara para atacar a presa. Ky descobrira, há muito tempo, que as mulheres achavam isso também irresistível.

Depois de ter diminuído a velocidade do barco, manobrou-o para a vaga que lhe era reservada no porto de Silver Lake. Com os movimentos rápidos e eficientes de alguém que nasceu para o mar, saltou para o cais e prendeu o barco pelos cabos com a ajuda de seu irmão, Marsh, que o estava aguardando.

— Apanhou alguma coisa? — perguntou Marsh.

— O suficiente — respondeu Ky, sorrindo. — E como está o movimento no "Paraíso"? Muito fraco?

Sem responder à pergunta, o irmão sorriu. Os dois eram bastante parecidos, mas Marsh costumava ser mais cuidadoso com a aparência.

— Preocupado com o seu investimento, Ky?

— Com você cuidando dos negócios? — observou, encolhendo os ombros.

Ambos se conheciam muito bem, e a diferença de temperamento nunca fora obstáculo para que se entendessem.

— Linda quer que jante conosco. Ela se preocupa muito com você.

A cunhada, apesar de ser cinco anos mais jovem do que Ky, tratava-o com o desvelo de uma mãe. Dirigia o restaurante com o marido, e grande parte do sucesso em que se tornara o "Paraíso" era devido a sua extrema dedicação, unida à competência e à facilidade de Marsh para os negócios, além das renovações inteligentes feitas por Ky. Quando montaram o negócio, ficou

decidido que a direção seria de total responsabilidade de Marsh e Linda, pois Ky, habituado com o trabalho ao ar livre, jamais conseguiria viver entre quatro paredes.

Depois de amarrar com força os cabos do barco, Ky limpou as mãos no calção e perguntou:

— Qual o cardápio desta noite?

— Teremos uma bela peixada!

Sorrindo, Ky levantou a tampa da pequena geladeira, mostrando o produto da pescaria.

— Diga a Linda para não se preocupar, eu tenho o que comer.

— Ela não vai gostar —- replicou o irmão, enquanto Ky contemplava a imensidão do mar. — Acha que você anda solitário demais.

— Uma pessoa só se sente solitária demais quando não gosta da solidão, e este não é o meu caso. — Ky tinha os olhos perdidos no horizonte. Voltou-se para o irmão e continuou: — Talvez se vocês tivessem um outro bebê, Linda ficaria ocupada o bastante para não ter tempo de pensar em mim.

— Ora, dê-me um tempo, Hope tem apenas dezoito meses!

— Pois ela parece ter pelo menos três anos. — Ky gostava muito da sobrinha, apesar de ela ser um verdadeiro demoniozinho. — De qualquer forma, parece *que* a tarefa de impedir o fim de nossa linhagem será da pequena Hope.

— Sim. — Marsh deu um tossido para limpar a garganta e calou-se, como quem diz: "Já que você não resolve a sua vida..." Este tipo de atitude às vezes aborrecia Ky, pois o fazia sentir-se cobrado por algo que não desejava fazer: assumir responsabilidades.

De repente, Ky pressentiu alguma coisa estranha no ar. Ao que tudo indicava, Marsh tinha algo a lhe dizer, mas hesitava.

— Você está com cara de preocupado. Diga logo o que é, pois preciso voltar para casa antes que chova.

— Tenho uma carta para você. Foi deixada em minha casa por engano.

Pela expressão no rosto de Marsh, Ky pressentiu que ainda havia algo mais. Sem dizer uma só palavra, ele pegou a carta.

— Ky... — disse Marsh, Não havia nada que ele pudesse fazer pelo irmão, como não houvera também quatro anos antes.

Ky nem precisou olhar o nome do remetente para saber de quem se tratava. A caligrafia inconfundível trouxe-lhe recordações dos muitos momentos felizes que vivera um dia. Prendeu o ar nos pulmões por alguns instantes, tentando não entregar-se às emoções. Procurou manter a calma e não demonstrar o que sentia.

— Obrigado — disse, com indiferença. Enquanto guardava a carta no bolso, foi tomado pelas lembranças. Recolheu os apetrechos que estavam no chão e pôs-se a caminho de casa.

— Ky! — gritou Marsh. — Se você mudar de idéia quanto ao jantar...

— Eu o avisarei — disse ele, andando pelo cais com uma expressão fria e impaciente nos olhos.

Por sorte não tinha vindo ao porto com seu carro. Quando algo o perturbava, o melhor para clarear as idéias era uma boa caminhada. Lembrava-se de coisas que não queria sobre o passado. Alguém de quem nunca se esquecera: Kate.

Quatro anos atrás ela saíra de sua vida com a mesma rapidez com que entrara. Ky costumava compará-la a uma boneca vitoriana: meio presunçosa, meio fria... Ele nunca tivera muita paciência com mulheres que se portam de maneira arrogante, mas se apaixonara por Kate e a desejara com loucura desde o primeiro instante em que a vira.

Na verdade, sentira-se desafiado por ela e sua maneira diferente de ser. Adorava ensiná-la a mergulhar e acompanhar passo a passo o seu aprendizado, lento mas eficiente. Gostava de ver seu corpo esbelto, elegante e atraente, delineado pela roupa de mergulho.

Ky ainda podia lembrar-se da primeira vez em que ela soltara os cabelos brilhantes e macios, permitindo que ficassem livres para flutuar ao ritmo do vento. Isso o deixou sem fôlego, fascinado, com um desejo incontrolável de tocá-la, de acariciar sua pele e seus cabelos. A presença do Sr. Hardesty muitas vezes o impedira de tocar Kate, mas um homem inteligente e determinado a levar adiante seus intuitos sem dúvida acharia uma forma de ficar a sós com a mulher amada. E Ky teve essa oportunidade diversas vezes.

O fundo do mar, com suas surpresas e emoções, atraía a ambos. Kate estava se dedicando ao mergulho com muita vontade, e Ky ensinava-lhe cada segredo daquele mundo encantado e perigoso.

Quando se beijaram pela primeira vez, estavam no convés do barco, descansando das aulas de mergulho. Os cabelos molhados de Kate pingavam, e as gotas iam escorrendo pelo seu corpo. Ky tocou-a como que enfeitiçado.

— O que está fazendo? — ela perguntou.

— Vou beijá-la.

Uma expressão de surpresa e espanto tomou conta dos olhos de Kate, excitando-o.

— Por quê?

— Porque eu quero — respondeu.

Para Ky era simples assim, mas ela relutou um pouco e enrijeceu o corpo para resisti-lo. Embora tentasse protestar, seus lábios foram cobertos pelos dele num longo e caloroso beijo. A rigidez foi desaparecendo, e Kate beijou-o com toda a paixão que sua inocência permitia. Ky, ao notar a ingenuidade dela, viu-se fascinado.

Kate permanecera um enigma, embora tivessem passado muitas horas juntos, rindo e conversando de maneira descontraída. Ky admirava-lhe a sede de aprender e divertia-se com aquele jeito complicado que ela tinha de falar, o que muitas vezes o deixava confuso. Era uma pessoa muito curiosa e não se contentava em nada sob a água com o auxílio de um tanque de ar, tinha de saber como eles funcionavam, como haviam sido construídos etc. Ky ficava encantado ao vê-la absorver com tanta vontade o que ouvia.

Gostava de fazer longas caminhadas pela praia à noite, e nessas ocasiões Kate recitava poesias, de cor. Belas poesias, como as de Byron, Shelley e Keats, que se revestiam de encanto especial quando declamadas por sua voz melodiosa e compassada. E Ky, que nunca se impressionara com esse tipo de arte, sentia-se envolvido pela emoção e pela vida que ela dava aos versos. Em seguida, começava, entusiasmada, a falar de teorias gramaticais, e ele logo

mudava de assunto, sem deixar que Kate percebesse.

Durante três meses pensou noite e dia na possibilidade de mudar de vida. Sua pequena cabana perto da praia necessitava de uma reforma e de mobília, Kate precisaria mais do que simples caixotes e redes de dormir. Começou a fazer mil e um planos para o futuro, mas Kate tinha seus próprios planos traçados e acabou deixando-o sozinho e voltando para a cidade.

O Sr. Hardesty voltou à ilha no verão seguinte, e assim o fez em todos os outros verões. Ela, entretanto, jamais retornou.

Ky sabia que Kate já havia concluído o seu doutoramento e que estava lecionando numa escola de grande prestígio, da qual seu pai fora um dos fundadores. Ky reconhecia as diferenças que havia entre eles, mas jamais se conformou com o fato de ter sido abandonado pela única pessoa que realmente amou em toda sua vida.

Colocando a geladeira portátil no chão da cozinha, abriu o refrigerador e bebeu uma cerveja gelada quase até a metade num só gole, como se isso o ajudasse a resistir à tristeza que sentia.

Mais calmo, decidiu ler a carta:

"Prezado Ky:

Não sei se você está informado de que meu pai faleceu na semana passada, vítima de um ataque cardíaco. Foi algo totalmente inesperado. No momento estou tentando acertar os muitos detalhes que ficaram pendentes com a morte dele.

Ao examinar os papéis que deixou, fiquei sabendo que pretendia voltar à ilha neste verão e utilizar os seus serviços. Creio que chegou o momento de eu assumir o lugar de meu pai e, por razões que prefiro explicar pessoalmente, necessitarei de sua ajuda. O depósito bancário já foi feito em seu nome por ele mesmo. Quando chegar a Ocracoke, no dia quinze, discutiremos os termos do acordo.

Se possível, entre em contato comigo no hotel, deixe um recado. É possível que venhamos a realizar um negócio interessante para ambas as partes. Por favor, dê lembranças minhas a Marsh. Talvez eu o veja durante minha estada.

Cordialmente

Kathleen Hardesty."

Ky não podia dizer que sentira afeição por Edwin Hardesty, pois ele estava sempre mal-humorado e era uma pessoa difícil de se lidar. No entanto, havia se acostumado à sua companhia nos últimos verões. Mas desta vez seria Kate!

Olhou para a carta e pensou: "Dois dias". Kate estaria ali em dois dias... para discutir os termos de um acordo. Um discreto sorriso surgiu em seus lábios, mas não era um sorriso de felicidade. Eles discutiriam os termos do acordo, repetiu em silêncio, enquanto corria os olhos pela carta.

Então Kate queria assumir o lugar do pai! Ficou imaginando se ela não teria percebido, quando escreveu a carta, o quão irônico era aquilo. A vida toda seguira os caminhos determinados pelo Sr. Hardesty e, mesmo após a morte dele, continuaria seguindo suas idéias.

Mas as recordações logo invadiram Ky. Será que aquela fascinante aura de inocência e indiferença ainda se achava presente nela? Ou teria se desvanecido com o passar dos anos. Em dois dias teria a resposta para essas perguntas...

Então Kate queria contratar os seus serviços, ele pensou, depois de ter atirado a carta sobre a mesa. Em seguida, apoiou as mãos na pia e pôs-se a olhar pela janela. O mar estava calmo e uma brisa gostosa vinha da praia. Um acordo comercial: o aluguel de seu barco, do equipamento de mergulho e o seu tempo. Sentiu um amargor subindo pela garganta e o engoliu tão rápido como havia feito com a cerveja. Teria seu acordo, sim. E pagaria por ele.

Ky deixou a cozinha sem retirar os peixes da geladeira portátil. O apetite, que surgira feroz com o cheiro da água salgada e a velocidade do barco, tinha desaparecido por completo.

Kathleen manobrou o carro para dentro da balsa que a levaria a Ocracoke. A manhã estava fresca e o céu, muito claro. Mesmo assim, ela sentia vontade apenas de recostar a cabeça no banco e fechar os olhos.

Ao seu lado havia uma pasta contendo todos os documentos que juntara na mesa da biblioteca de seu pai. Quando já estivesse no hotel da ilha, reexaminaria tudo. Quem sabe, então, a sensação de que estava fazendo à coisa certa voltasse, fortalecendo-a como acontecera alguns dias atrás.

Quanto mais se aproximava de Ocracoke, mais as dúvidas aumentavam. Talvez fosse um erro reencontrar-se com Ky, depois de tantos anos.

Restava-lhe pouco tempo para apagar as recordações que tinham invadido sua mente durante a viagem. Era tolice ficar se atormentando por coisas que aconteceram no passado. Afinal, não estava voltando para reconciliar-se com um amante, mas para incumbir um mergulhador competente de uma tarefa muito especial, pela qual seria muito bem remunerado. Os sentimentos pessoais não importavam em absoluto, pois fariam um negócio, apenas isso.

A Kathleen Hardesty que chegara à ilha do Ocracoke quatro anos atrás tinha pouca coisa a ver com a Dra. Kathleen Hardesty que se dirigia para lá agora. Não era mais uma jovem inexperiente. O tipo rude e ousado de Ky não mais lhe causaria abalos nem sustos. Seriam apenas sócios num acordo comercial.

Kathleen sentia a balsa movendo-se, enquanto olhava através do pára-brisa do automóvel. Sim, pensou, a menos que ele tivesse mudado muito, a perspectiva de mergulhar em busca de um tesouro perdido despertaria o seu espírito de aventura.

Ky, sem dúvida, daria conta do trabalho, pois era o melhor e mais competente mergulhador da ilha. Mais relaxada e sentindo-se menos cansada, Kate desceu do carro e ficou parada junto às grades da balsa. De lá observava o vôo majestoso das gaivotas e as belas ilhas desabitadas pelas quais passavam. Sentiu uma estranha sensação de estar voltando ao lar, mas tratou logo de afastá-la. Connecticut era o seu lar. E, uma vez que tivesse concluído o que viera fazer, retornaria para lá.

Redemoinhos iam se formando à medida que a balsa avançava, e, embora fosse impossível ouvir-lhe o som, devido ao ronco barulhento dos motores, Kate assistia maravilhada à agitação das águas. Era muito difícil distinguir uma ilha de outra, pois todas se confundiam sob o manto de grandes pelicanos marrons que as sobrevoavam. Sorria, satisfeita por rever aqueles pássaros esquisitos, de aparência grosseira e movimentos desengonçados. A balsa passou próxima a uma extensa ponta de terra, onde os pescadores estacionavam seus caminhões, e Kate acenou para eles antes de voltar para dentro do carro.

Logo que a balsa atracou, pôs o automóvel em movimento. E, sem perda de tempo, tomou a longa e estreita estrada que a levaria à vila.

A tensão já havia desaparecido, constatou aliviada. Só restava um leve nervosismo, coisa sem importância, muito comum em situações de ansiedade como aquela. Já se sentia preparada para rever Ky, falar com ele e trabalhar em sua companhia, desde que pudessem chegar a um acordo.

Enquanto dirigia, uma brisa úmida e suave penetrava pelas janelas, aliviando o calor e o cansaço que tomavam conta de seu corpo.

Ao avistar as humildes casas da vila, experimentou uma agradável sensação de serenidade e confiança. Estava lá, e agora não voltaria mais atrás.

O hotel onde se hospedara com seu pai quatro anos atrás ficava na melhor parte da ilha. Era um hotel simples e tranqüilo, onde o serviço de atendimento não era tão eficiente quanto na cidade, mas a maravilhosa paisagem do local compensava esse pequeno inconveniente.

Estacionou o carro e desligou-o. A satisfação que sentia consigo mesma a fez suspirar. Havia dado o primeiro passo e estava preparada para o seguinte.

Ao descer do veículo, viu Ky do outro lado da rua. Por um instante, viu a força e a confiança que experimentara há poucos segundos desmoronarem. Sentia-se frágil e entregue às emoções.

Oh, Deus, ele não havia mudado em nada. Continuava exatamente o mesmo. À medida que Ky ia se aproximando, Kate era tomada pelas recordações de cada beijo, cada murmúrio, cada instante ardente vivido pelos dois. Com o calor do sol a aquecer-lhe a pele e com o brilho dos olhos de Ky, Kate sentiu como se estivesse retornando no tempo. Aquele olhar lhe era tão familiar como há quatro anos.

Ky ficou surpreso ao vê-la. Não imaginava que chegaria tão cedo. Contudo, sentiu vontade de ir até o Paraíso para ver como andavam as coisas. Como o hotel ficava bem em frente ao restaurante, o encontro foi inevitável.

Ela estava ali e parecia um pouco mais magra, vestida com uma blusa simples e calça comprida. Seus cabelos estavam presos para cima, revelando a doce feminilidade do pescoço. Os olhos pareciam escuros demais em contraste com a pele alva, que aos poucos se tornaria dourada sob o intenso sol de verão.

Tinha a mesma feição suave, um pouco arrogante, mas serena. Adorável. Ky procurou controlar o nervosismo quando parou na frente dela. Olhou-a de cima a baixo e então sorriu, para disfarçar a enorme tensão que tomava conta de seu corpo.

— Kate! Parece que sou mais pontual do que pensava.

Ela quase não conseguia esconder a impaciência e começou a falar devagar, procurando parecer calma.

— É bom vê-lo outra vez.

— É?

Ignorando o sarcasmo, ela deu a volta e abriu o porta-malas do carro.

— Gostaria de falar-lhe sobre nosso contrato o mais breve possível. Precisamos discutir sobre o assunto.

— Sem dúvida — respondeu Ky. — Estou sempre aberto para os negócios.

Ele apenas observou enquanto Kate retirava duas malas do automóvel, sem se oferecer para ajudá-la. Notou que não havia aliança no dedo dela, não que isso importasse no momento.

— Talvez possamos nos encontrar hoje à tarde, depois que eu tiver me arranjado no hotel. Quanto mais cedo fixarmos os objetivos e os termos do pagamento melhor. Você poderia almoçar comigo hoje?

— Não, obrigado — ele disse, encostando-se na lateral do carro, enquanto Kate descarregava o resto da bagagem. — É você que precisa de mim, e sabe onde me encontrar. Esta ilha é pequena.

Com as mãos nos bolsos, ele foi embora sem dizer mais nada. Isso fez com que ela se lembrasse de uma cena idêntica ocorrida quatro anos antes.

Apanhando as malas, dirigiu-se para o hotel sem saber ao certo o que sentia.

CAPÍTULO II

Mesmo que a ilha tivesse o dobro do tamanho, encontrar Ky não seria uma tarefa difícil para Kate. Ir ao encontro dele com tanta rapidez talvez fosse um erro estratégico. Pensando nisso, começou a desfazer as malas com calma.

As recordações invadiam seus pensamentos. Ali quatro anos atrás, tinham passado uma noite toda juntos, vibrando de paixão um nos braços do outro, até que os primeiros raios de luz invadiram o cômodo, pondo um ponto final àquelas horas de prazer e encantamento.

Aproximou-se da janela e, olhando para a rua, foi tomada mais uma vez pelas lembranças. Era como se revivesse aquela noite. O céu tinha, então, uma coloração rosada, que se transformou em límpido e esplêndido azul momentos mais tarde.

Com a pele ainda quente e a mente tomada pelo desejo, Kate acreditara que as sensações que estava experimentando pudessem durar para sempre. Mas é claro que não poderiam, e ela só veio a entender isso semanas depois. A paixão e as impensadas noites de amor tiveram de ceder lugar às responsabilidades e obrigações.

Vivera momentos terríveis ao partir, pois sabia que nunca mais estariam juntos; que o sonho tinha se acabado.

Kate jamais se entregou a outro homem; passou a dedicar-se à sua carreira, à sua vocação e a seus livros

Voltando à realidade, decidiu iniciar as negociações. Pegou a maleta de documentos e foi para a casa de Ky. Em vez de pegar o carro, preferiu ir a pé, como fizera diversas vezes durante o verão de quatro anos atrás.

Enquanto caminhava, ia tentando se convencer de que já estava refeita do choque que sentira ao revê-lo. O fato de ela ficar feliz e nervosa na presença de Ky provocava-lhe uma certa insegurança. Afinal, teria de estabelecer apenas uma relação comercial com ele.

Ky Silver continuava exatamente o mesmo, ela pensou. Arrogante e pretensioso. Essas características um dia a atraíram, mas ela era muito jovem então; agora, porém já mais madura, tinha outras coisas em que pensar. Não estava em Ocracoke por acaso; tinha um objetivo e iria até o fim com ou sem a ajuda dele.

Kate atravessou a vila observando que quase tudo ali também continuava o mesmo. As construções simples e a tranqüilidade que pairava no ar a agradavam. Dezenas de lojinhas, restaurantes e pequenas hospedarias espalhavam-se pelo local. Os aldeões tiravam o máximo proveito de seu notório fantasma: o Barba Negra, que durante um bom tempo morou na ilha. Seu nome e seu rosto eram muito utilizados nas placas colocadas à frente das casas comerciais.

Passando pelo porto, Kate desviou os olhos para o barco de Ky. Estava no mesmo lugar de sempre. O convés escovado e o equipamento brilhando como novo. A ponte de comando cintilava, refletindo os raios de sol. Os vidros estavam tão limpos que pareciam nem existir. Ele sempre tratava o barco com mais cuidado do que a si mesmo e a sua cabana.

"Tufão." Refletiu, por alguns instantes, sobre o significado que tinha para Ky essa palavra escrita com letras floridas na popa do barco. Só ela sabia a velocidade vertiginosa que ele costumava desenvolver naquela lancha-cruzeiro de segunda mão que havia reformado com tanto amor. Nada poderia apagar a recordação dos dias em que ficara ao seu lado no leme. O vento desarrumava-lhe os cabelos enquanto acelerava o barco até o ponto em que ambos tinham certeza de que nada nem ninguém poderia alcançá-los. Ela sentira medo dele... da violência dos

ventos... E, por fim, decidira abandonar-se a tudo.

Ky adorava as emoções fortes e deliciava-se com o perigo. Mas não fora essa a razão que a levara a procurá-lo? Existiam dezenas de outros mergulhadores experientes, grandes conhecedores das águas costeiras. Mas apenas um Ky Silver.

— Kate? Kate Hardesty?

Ao ouvir alguém chamando seu nome, virou-se e, de súbito, sentiu novamente como se os anos estivessem retrocedendo.

— Linda! — exclamou admirada, abrindo um largo sorriso. — Que prazer encontrá-la!

As duas abraçaram-se, e Kate ficou admirada com a beleza da amiga. Os mesmos cabelos castanhos cortados de maneira a realçar-lhe a jovialidade do rosto; os mesmos olhos cor de mel demonstrando franqueza e firmeza de caráter. Muito pouca coisa havia mudado na ilha.

— Você está ótima!

— Quando olhei pela janela e a vi, mal pude acreditar. Você continua praticamente a mesma! — Com a costumeira simplicidade, e sem pretensão, Linda submeteu-a a uma rápida e completa inspeção visual. — Analisando melhor, estou achando-a meio magra. Bem, mas creio que isso é algo de que outras moças devem sentir inveja.

— E você está parecendo uma garotinha recém-ingressada na Universidade — disse Kate em tom alegre retribuindo o elogio da amiga. — Isso, sim, deve causar inveja às outras mulheres.

Logo em seguida Linda assumiu um ar de seriedade e disse, comovida:

— Sinto muito quanto a seu pai. Estas últimas semanas devem ter sido difíceis para você.

Kate, calada, ouviu as palavras sinceras da amiga, embora parte da tristeza e da dor que sentira na ocasião da perda já tivesse passado.

— Foi Ky quem lhe contou?

— Ele nunca me conta coisa alguma — disse Linda, lançando um olhar para o "Tufão". E, como Kate estava se dirigindo para o norte, só havia um lugar para onde poderia estar indo: a cabana dele. — Quanto tempo pretende ficar?

— Não estou certa ainda. Há algumas coisas que preciso fazer.

— Sim, e uma delas é jantar no restaurante "Paraíso" esta noite. Fica bem em frente ao seu hotel.

Kate virou-se e olhou para a rústica placa de madeira colocada à porta.

— Sim, eu notei. É novo?

Linda, demonstrando satisfação e orgulho, sacudiu a cabeça em sinal afirmativo.

— Pelos padrões de Ocracoke, sim. E somos nós que o dirigimos.

— Nós?

— Marsh e eu. Estamos casados há três anos — explicou ela com um sorriso alegre nos lábios. Depois revirou os olhos num gesto típico seu, do qual Kate se lembrava muito bem. — Só levei quinze anos para convencê-lo de que não poderia viver sem mim.

— Fico feliz por vocês. Casados e dirigindo juntos um restaurante... Meu pai nunca me colocou a par das fofocas da ilha.

— Temos uma filha também, ela se chama Hope. Tem um ano e meio e é um assombro de criança. Por alguma razão ela parece ter puxado ao Ky. — Linda assumiu uma expressão séria e colocou a mão no braço de Kate. — Você vai procurá-lo agora? — perguntou, sem disfarçar a apreensão que sentia.

— Sim. — "Não perca a naturalidade", Kate ordenou a si mesma. "Não se deixe enfraquecer pela preocupação nos olhos de Linda." — Meu pai estava trabalhando em algo muito importante quando morreu; algo que pretendo levar adiante agora. Mas, para isso, necessitarei da ajuda de Ky.

Linda observou que Kate falava com tranqüilidade.

— Você tem certeza do que está fazendo?

— Sim — ela respondeu, sem deixar transparecer o menor sinal de inquietação. Na verdade, sentia-se nervosa. — Sei exatamente o que estou fazendo.

— Está bem. — Aceitando a resposta da amiga, mas não satisfeita, Linda baixou a mão. — Por favor, não se esqueça de vir ao restaurante ou à nossa casa esta noite. Nós moramos logo adiante de Ky, na mesma rua. Marsh ficará feliz em vê-la, e eu estou ansiosa para mostrar-lhe Hope e o nosso cardápio também, é claro; ambos são notáveis — acrescentou com um sorriso.

— Virei com certeza! — Num gesto espontâneo, Kate segurou as mãos de Linda. — É tão bom revê-la. Sei que nunca mais entrei em contato com você, mas...

— Não se preocupe, eu entendo. O que passou, passou. Agora eu tenho de voltar. Nesta época do ano há sempre uma multidão esperando pelo almoço. — Soltou um leve suspiro, imaginando se Kate estaria, no íntimo, tão calma quanto aparentava, — Boa sorte — murmurou. Então atravessou a rua e voltou ao restaurante.

— Obrigada. — Ia mesmo precisar de muita força para encarar Ky sem se deixar influenciar pelo passado.

A caminhada foi tão bela como das muitas outras vezes em que ela fizera esse trajeto. Ficou fascinada com os lindos artigos feitos a mão e as antiguidades expostas nas vitrines das lojinhas. Tudo ali trazia-lhe gratas recordações, até mesmo as pequenas casas com suas paredes externas revestidas de ripas de madeira nas cores azul e branca. Este tipo de revestimento era utilizado para impedir a penetração da umidade.

O último trecho do caminho antes de chegar à cabana de Ky era estreito e recoberto de cascalho.

À medida que se aproximava, Kate ia se tornando insegura, as palmas de suas mãos estavam úmidas e o nervosismo aumentava. Por que esse maldito medo não desaparecia? Ela se perguntava, irritada consigo mesma.

A estrada era estreita, e de ambos os lados havia muitos arbustos e árvores, que, com seus enormes galhos, davam uma aparência selvagem ao local, isso tudo agradava muito a Ky. Certa vez ele dissera a Kate que não fazia questão de receber visitas. Se quisesse companhia, o que tinha a fazer era ir à vila e pronto. Lá conhecia todo mundo. Quando queria uma visita, ele fazia o convite. Não gostava de ser importunado por ninguém.

Ele a quisera uma vez... Nervosa, Kate segurou a pasta com as duas mãos. O que Ky queria já não tinha muita importância, agora ele teria apenas de ouvi-la. Ela necessitava de sua

colaboração para as duas coisas que ele melhor sabia fazer: mergulhar e não desperdiçar oportunidades.

Ao chegar a casa, Kate passou e ficou alguns instantes a observá-la. Continuava pequena, primitiva. Contudo, não dava mais aquela impressão de que iria desabar com um vento mais forte.

O telhado fora reconstruído. Talvez Ky não precisasse mais espalhar vasilhas pelo chão quando chovia forte.

Uma varanda ocupava toda a parte da frente e parecia recém-construída. A velha porta de tela, remendada em meia dúzia de lugares, fora substituída por uma nova. Ainda assim, nada parecia novo, ela observou. Parecia apenas estar em ordem.

Não, estava enganada, concluiu Kate ao se aproximar. Algo estava diferente, ou melhor, Ky Silver tinha mudado, mas como e quanto ela ainda teria de descobrir.

Estava colocando o pé no primeiro degrau quando ouviu sons que vinham de trás da casa. Havia um barracão lá, lembrou-se, cheio de tábuas e ferramentas. Satisfeita por não precisar entrar, Kate deu a volta pela lateral da cabana em direção ao quintal. Podia ouvir o barulho das ondas do mar, que ficava bem próximo. Numa curta caminhada, através de um gramado e dunas de areia, podia-se chegar até a praia.

Ky gostava muito de passear pela areia à noite, apenas para olhar o céu e sentir o aroma da água salgada. Às vezes apanhava pedaços de madeira, conchas ou quaisquer outros pequenos tesouros que o mar enviasse à praia. Certo dia presenteara Kate com uma pequenina concha que se encaixava perfeitamente na palma das mãos. Era quase toda branca, com uma delicada tonalidade rosa no centro. Uma mulher que recebesse um punhado de diamantes como o primeiro presente de sua vida não teria ficado tão emocionada... Kate entrou no barracão. A última vez que estivera no local, estava repleto de madeira e caixas de ferramentas. Agora havia o casco de um barco. Na ponta de uma mesa, de costas para ela, Ky trabalhava, lixando o mastro.

— Você o construiu! — exclamou Kate, atônita e satisfeita. Quantas vezes ele contara sobre o barco que um dia iria construir? Esta sempre parecera ser a única ambição de sua vida. Costumava dizer que seria feito em madeira de carvalho e que seria muito veloz, capaz de cortar as águas como um relâmpago. Um dia viajaria pelas águas costeiras de Ocracoke a New England. Ele costumava descrever o barco com tanto entusiasmo e detalhes que Kate podia até visualizá-lo... Mas agora; o barco era real. Ver este sonho de Ky realizado lhe provocava uma estranha emoção.

— Eu lhe disse que faria. — Ele se virou e a encarou.

— Sim. — Sem saber o que dizer e sentindo-se uma tola, Kate apertou a pasta nas mãos. — Você disse.

— Mas nunca acreditou em mim — disse Ky com um pouco de raiva e atirando a lixa para o lado. Como ela conseguia ser tão bela e atraente e ao mesmo tempo tão insensível? — Você sempre teve problemas para enxergar além do presente.

Imprudente, impaciente, mandão. Será que ele ficaria a vida toda insistindo no mesmo assunto?

— E você sempre teve problemas para enxergar o presente.

Ao ouvir as palavras dela, a expressão de seu rosto modificou-se.

— Então pode-se dizer que nós dois sempre tivemos problemas — disse ele. — Mas

houve uma época, quatro anos atrás, em que isso parecia não ter a menor importância. — Aproximou-se de Kate e, esticando o braço, tocou-lhe o rosto. Ela não se moveu. Sua pele continuava tão sedosa e fresca como antes. — Você parece cansada.

Apesar da aparente calma e indiferença, ela sentiu uma contração no estômago. Sua voz, entretanto, permanecia inalterada.

— Foi uma viagem longa.

— Creio que você está necessitando tomar um pouco de sol — disse, deslizando os dedos pela face dela.

Desta vez Kate se afastou e, desejando mudar o rumo da conversa, falou séria:

— Não se preocupe com isso. Eu pretendo tomar um pouco de sol.

— Foi o que deduzi ao ler a sua carta. — Satisfeito por notar que ela recuava, Ky encostou-se junto à porta do barracão. — Você escreveu dizendo que precisava falar comigo. Estou aqui. O que deseja?

O sorriso arrogante nos lábios dele, no passado, poderia tê-la feito delirar de paixão. Agora, no entanto, servia apenas para fortalecê-la na decisão que havia tomado. — Meu pai estava trabalhando num projeto. Eu pretendo terminá-lo.

— E então?

— Preciso de sua ajuda.

Ky riu e caminhou para fora do barracão. Precisava de ar puro para coordenar as idéias. Sentia uma enorme necessidade de tocá-la outra vez.

— Pelo seu modo de falar, parece que não há nada que deteste mais do que me pedir ajuda.

— Não, não há — respondeu Kate com aspereza. Havia uma profunda expressão de frieza nos olhos dele quando se voltou para encará-la.

— Bem, vamos tentar nos entender antes de começarmos. Há quatro anos você abandonou a ilha e a mim, destruindo todos os planos que eu tinha para o futuro.

Aquele olhar já não era mais capaz de fazê-la curvar-se como no passado.

— O que aconteceu naquele verão não tem nada a ver com o dia de hoje.

— Com os diabos. Não tem mesmo. — Kate deu um passo para trás quando viu Ky andando em sua direção. — Ainda com medo de mim?

Como tinha ocorrido um momento antes, a pergunta transformou o medo dela em raiva.

— É claro que não — respondeu. — Não estou com medo de você. Não tenho intenção de discutir sobre o passado, mas tenho de reconhecer que abandonei a ilha assim como a você. Mas agora estou aqui a negócios. Gostaria que me ouvisse. Se estiver interessado, conversaremos sobre isso, e nada mais.

— Eu não sou um de seus alunos, professora — disse ele, imprimindo um toque de ironia à frase. — Portanto, não queira me dar instruções.

— Em negócios existem sempre as regras básicas.

— Mas quem disse que você é a pessoa indicada para formulá-las?

— Acho que cometi um erro ao procurá-lo — Kate disse em voz baixa, enquanto lutava para não perder o controle. — Eu encontrarei outra pessoa que possa me ajudar.

Ela tinha dado apenas dois passos quando Ky a segurou pelo braço.

—Não, você não encontrará. — A expressão de cólera nos olhos dele a fez tremer. Sabia o que ele estava tentando dizer. Ela nunca acharia outro homem capaz de despertar-lhe as emoções e os mesmos desejos.

Precisava resistir. Afastou a mão dele de seu braço com um gesto brusco:

— Eu repito que vim aqui a negócios. Não tenciono brigar com você por coisas que já não existem mais,

— Pode deixar, nós trataremos disso. — Por quanto tempo seria capaz de resistir? Ky perguntava-se. Doía olhá-la e sentir que desperdiçava cada segundo. — Mas, por enquanto, por que não me conta o que você carrega dentro dessa pasta, professora?

Kate procurou acalmar-se. Já deveria saber que não seria fácil. Nada jamais fora fácil com ele.

— Gráficos — respondeu. — Cadernos repletos de pesquisas, mapas, fatos documentados e teorias bem elaboradas. Em minha opinião, meu pai estava muito perto da descobrir a localização exata do "Liberty", um navio mercante inglês que naufragou nas proximidades da costa da Carolina do Norte duzentos e cinqüenta anos atrás.

Ele ouviu do princípio ao fim, sem um comentário sequer, sem nenhuma alteração na expressão do rosto. Quando Kate terminou, ele permaneceu por mais alguns instantes imóvel, estudando-a, analisando-a.

— Venha comigo. Vamos verificar todos estes documentos lá em casa.

Ky não demonstrou nada além de ironia, o que fez com que Kate sentisse vontade de não prosseguir a conversa e voltar para a vila. Existiriam outros bons mergulhadores que conhecessem as águas costeiras tão bem quanto Ky, Ela fazia um enorme esforço para recuperar a tranqüilidade e não agir com precipitação. Existiriam outros, sim, mas, se era necessário fazer uma escolha entre o demônio que ela conhecia e o desconhecido, certamente optaria pelo primeiro. Kate o seguiu para dentro da cabana.

O interior da casa havia também adquirido um aspecto novo. O chão fora raspado e envernizado, os armários totalmente refeitos. No teto, uma clarabóia permitia que os raios do sol atingissem a mesa da cozinha, agora repintada e com bancos em ambos os lados.

— Você fez tudo isto sozinho?

— Por que a surpresa?

Ele não parecia estar com muita vontade de lhe dar explicações.

— Você sempre me pareceu uma pessoa contente por ter um teto prestes a desabar-lhe em cima da cabeça.

— Eu vivia feliz com muitas coisas antes de conhecê-la. Aceita uma cerveja?

— Não. — Sem perda de tempo, Kate sentou-se e tirou da pasta o primeiro dos cadernos de anotações de seu pai. — Gostaria que lesse as páginas que marquei. Creio que elas contêm as

informações mais importantes.

— Está bem. — Fechou o refrigerador e veio para a mesa com uma garrafa de cerveja na mão. Sentou-se e, enquanto tomava o primeiro gole, observava Kate conferindo aquele monte de papéis. Em seguida ele abriu o caderno.

Os manuscritos de Edwin Hardesty eram muito claros, e o estilo didático das anotações facilitava a leitura. Apesar de ser um trabalho muito bem-feito, não deixava transparecer qualquer emoção, o que o fazia assemelhar-se a uma tese científica.

O "Liberty" tinha afundado com todo o suprimento de açúcar, chá, seda, vinho e outros produtos que levaria para as colônias. Hardesty fizera uma lista minuciosa de todas as coisas, inclusive do número de biscoitos que a embarcação transportava.

Havia também um carregamento de vinte e cinco mil moedas de ouro do reino, o que era um verdadeiro tesouro.

— Interessante — ele disse, e virou para a página seguinte.

Apenas três sobreviventes haviam conseguido chegar à ilha. Um deles descreveu o temporal que fizera o navio afundar, dando detalhes sobre a altura das ondas, as lascas de madeira arrancadas do corpo do navio e a água que invadiu a embarcação. Foi uma história pavorosa, que o pai de Kate tratou de recontar em seu estilo prático. O mesmo sobrevivente tinha também dado a localização do navio na hora do naufrágio. Ky não precisou dos cálculos do Sr. Hardesty para deduzir que o navio havia afundado a cerca de duas milhas e meia da costa de Ocracoke.

Passando de um caderno a outro, correu os olhos pelos gráficos, para em seguida estudá-los com mais calma. Lembrou-se do grande interesse que o pai de Kate tinha por mergulho, o que sempre parecera em desacordo com seu estilo de vida.

Agora Ky entendia esse interesse.

Todos esses anos que passara enterrado nos livros tinham um objetivo específico e, embora parecesse absurdo um homem como Hardesty acreditar em tesouros, ali estava Kate querendo prosseguir com aquela história. Ky sentia-se empolgado com a idéia de participar de uma aventura como essa.

Não havia nenhum motivo para que se duvidasse da existência do tal tesouro.

Colocando o último caderno de lado, ele apanhou mais uma cerveja.

— Então você quer iniciar uma caça ao tesouro? Ignorando a brincadeira, Kate inclinou-se para frente.

— Eu pretendo dar prosseguimento à tarefa iniciada por meu pai.

— Você acredita nisso?

Kate hesitou por um instante. Depois respondeu:

— Eu não creio que todo o tempo que meu pai passou pesquisando tenha sido para nada. Eu quero tentar. E, como você sabe, preciso de sua ajuda, e você será recompensado.

— Serei? — Com um discreto sorriso nos lábios, Ky disfarçou suas intenções olhando para o copo. — Serei realmente?

— Eu preciso de você, de seu barco e de seu equipamento por um mês, talvez dois. Não

posso mergulhar sozinha porque não conheço bem as águas para me arriscar, e não disponho de muito tempo. Tenho de voltar para Connecticut até o final de agosto.

— Muito bem, eu também não tenho tempo a perder. Se você deseja os meus serviços até o fim de agosto, poderá tê-los, por um preço.

— E qual é?

— Cem dólares por dia e cinqüenta por cento do que encontrarmos.

Kate lançou-lhe um olhar frio enquanto recolocava os papéis de volta na pasta.

— Seja lá qual for a idéia que você fazia a meu respeito no passado, Ky, eu não sou nenhuma ingênua ou idiota. Cem dólares por dia é uma quantia exagerada, e cinqüenta por cento está fora de cogitação. — Regatear com ele lhe causava certo prazer, pois fazia com que a conversa assumisse o aspecto de um negócio. — Eu lhe darei cinqüenta dólares por dia e dez por cento.

Com um sorriso irônico, Ky sacudia a cerveja na garrafa.

— Eu nem ligo o motor do barco por cinqüenta dólares.

Kate inclinou-se para frente para analisar a situação. Costumava fazer isso toda vez que ele dizia alguma coisa que a obrigava a pensar antes de responder.

— Você se transformou num mercenário?

— Nós todos temos de ganhar a vida, professora. — Será que ela não estava sentindo nada? Pensou furioso. Não estaria sofrendo nem um pouquinho com as lembranças do passado? — Você precisa de um serviço, pois pague por ele. Nada é de graça. Setenta e cinco por dia e vinte e cinco por cento. Por amor aos velhos tempos.

— Nada disso. Por amor aos negócios. — Kate estendeu a mão, mas, quando sentiu o contato com a dele, arrependeu-se. Ela sabia o poder que Ky tinha de seduzi-la, quando a tocava com as mãos.

— Negócio fechado — disse Ky, tentando encontrar no fundo dos olhos dela uma chama capaz de fazer reviver os momentos de felicidade experimentados no passado. — Não há nenhuma garantia de que você achará o tesouro.

— Eu sei.

— Muito bem. Eu deduzirei o depósito de seu pai do total.

— Está certo — disse ela, enquanto pegava a pasta. — Quando começamos?

— Encontre-me no porto amanhã às oito horas.

Quando Kate ia pegar a pasta, ele lhe segurou a mão.

— Deixe isto comigo. Quero dar mais uma olhada nos papéis.

— Não há necessidade.

— Bem, se você não confia em mim, pode levá-los. — A voz dele era macia e calma. — E procure outro mergulhador para ajudá-la.

Por alguns segundos eles se olharam sem nada dizer. A mão de Kate estava presa e fazia com que tomasse consciência dos sacrifícios que teria de fazer para prosseguir em sua busca. O

menor toque daquele homem provocava-lhe desejos.

— Eu o verei às oito.

— Ótimo. — Ky libertou a mão dela e afastou o corpo no banco, acomodando-se. — É bom fazer negócios com você.

Kate levantou-se com calma, embora por dentro estivesse aflita.

— Adeus.

Ky bebeu o resto de cerveja que ainda havia assim que a porta de tela se fechou. Permaneceu sentado até ter certeza de que Kate já havia desaparecido e que ele não poderia mais sentir o seu delicado e sedutor perfume.

Navios naufragados e tesouros no fundo do mar. Isso o teria excitado, invadido sua imaginação, fazendo-o vibrar de entusiasmo e interesse se não fosse a irresistível necessidade que sentia de entrar em seu barco e sair sem destino pelo mar aberto. Ele não imaginava que Kate ainda pudesse provocá-lo daquele jeito, com tanta intensidade. Havia se esquecido de que o simples fato de estar próximo dela era capaz de enlouquecê-lo.

Durante todos estes anos nunca fora capaz de tirá-la da cabeça. A dor da perda jamais foi superada.

Ky fixou os olhos na pasta, com as iniciais do nome dela estampadas perto da alça. Não esperava que voltasse, mas acabava de ter a prova de que em momento algum se conformara com o fato de ter sido abandonado. Fingira o tempo todo e seria obrigado a continuar fingindo para não sofrer ainda mais.

Ela estava de volta agora, mas não voltara para ele. Seu único propósito era realizar uma espécie de transação comercial. Simplesmente precisava do melhor mergulhador que conhecia e estava disposta a pagar por isso. Remuneração pelos serviços prestados, nada mais nada menos. O passado significava muito pouco ou talvez nada para Kate.

Decidiu que trabalharia para ela sem qualquer tipo de pretensão além do seu salário.

Quando ela partisse, não ficaria triste como da outra vez. Ela é que teria de continuar fingindo pelo resto da vida. Carregaria suas malas até o carro e de despediria de sua sócia, nada mais.

Saiu em direção ao barracão e resolveu não beber mais. Queria refletir sobre tudo aquilo com a cabeça no lugar.

CAPÍTULO III

A água da banheira estava tão quente que chegou a embaçar o espelho da pia. A espuma que se formava era perfumada e tinha um efeito relaxante. A sensação de ter o corpo submerso naquela água era tão agradável que Kate perdeu a noção do tempo que permanecera no banho, buscando renovar as energias para o dia seguinte.

O segundo e irrevogável passo para o cumprimento de sua tarefa havia sido dado com êxito. Durante a conversa que tivera com Ky, de certa forma fora capaz de não deixar transparecer suas emoções, impedindo que o passado viesse atrapalhar o único e verdadeiro objetivo de sua presença na ilha.

Pensou que, tendo enfrentado essa primeira e difícil etapa, seria possível uma convivência mais tranqüila e fácil com Ky. Isto significava que fariam um bom trabalho juntos.

O gênio agressivo daquele homem e sua freqüente ironia diante das coisas a ajudariam a encarar os fatos do passado como loucuras da mocidade.

Deixá-lo há quatro anos fora muito difícil e seria um erro recomeçar aquele romance. Kate não pretendia mais sofrer. Apenas um romântico seria capaz de acreditar que dessa dor se pudesse extrair felicidade e encantamento. E já se passara muito tempo desde que ela agira como uma menininha idiota. Apesar de tudo, os dois começariam a trabalhar juntos em breve. Ambos com o mesmo propósito: descobrir o navio que, por mais de dois séculos, repousara esquecido nas profundezas do oceano.

Duzentos e cinqüenta anos, Kate pensou fechando os olhos. A seda e o açúcar estariam com certeza perdidos, mas ainda encontrariam os objetos de metal, talvez cobertos de corrosão. O casco do navio já teria sido atacado pelos fungos e cracas, mas boa parte da madeira ainda poderia ser resgatada.

O ouro com certeza teria resistido ao tempo. Embora não fosse uma pessoa ambiciosa, Kate sentia-se atraída pelo tesouro. O mais excitante para ela, no entanto, era poder aventurar-se nas águas do oceano. Se encontrassem o ouro, ela nem saberia o que fazer com ele ou onde empregá-lo.

Saiu do banho e enrolou-se no roupão. O espelho ainda retinha gotas de vapor provocadas pela água quente da banheira.

Talvez fizesse algum investimento ou uma longa viagem às ilhas gregas, onde Byron, um escritor romântico, estivera. Rindo diante da dúvida, dirigiu-se ao quarto para pegar a escova de cabelos. Estranho, essa era a primeira vez que pensava no que iria fazer com o dinheiro. Talvez fosse melhor assim; não é bom ficar fazendo planos com muita antecedência.

De repente lembrou-se do que Ky lhe dissera: "Você sempre teve problemas para enxergar além do presente".

Dane-se. Tomada de um súbito acesso de raiva, atirou a escova de volta à penteadeira. Havia enxergado além do presente, sim, e visto que ele não seria capaz de lhe oferecer nada, exceto algumas noites de amor numa cabana em ruínas perto da praia. Nenhuma garantia, nenhum compromisso, nenhum futuro. Kate agradecia a Deus por ter agido com bom-senso e abandonado a ilha. Jamais deixaria Ky perceber o quanto havia sido doloroso para ela partir naquela época, apesar de tudo.

Seu pai estivera certo ao apontar os defeitos dele, ao lembrá-la de suas obrigações consigo mesma e com sua carreira. Ky não tinha nenhuma ambição, nem pensava no futuro.

Havia uma diferença muito grande entre eles, o que provavelmente não tornaria possível uma vida a dois.

Ela havia agido como uma mulher adulta e responsável, e isso proporcionara-lhe uma sensação de independência e satisfação.

Mais calma, ela pegou outra vez a escova. Estava jogando fora tempo precioso com inúteis recordações do passado. Era hora de parar. Daquele momento em diante decidiu que pensaria só no futuro. Nada mais de se preocupar com coisas que já aconteceram ou que poderiam ter acontecido. Precisava sair um pouco.

Foi até o armário e escolheu um vestido. Não importavam mais o cansaço nem a enorme vontade que sentia de atirar-se na cama e dar um descanso à mente e ao corpo. Os nervos agitados não permitiriam isso mesmo. Iria até o "Paraíso" beber alguma coisa com Linda e Marsh. Em seguida teria um delicioso jantar e, quando retornasse ao hotel, dormiria logo, sem ter tempo ou disposição para pensar em bobagens.

Precisava alimentar-se bem e descansar para poder estar bem disposta no dia seguinte.

Chegou ao "Paraíso" logo depois das seis. Sua primeira sensação ao pôr os pés no restaurante foi de entusiasmo. O local era simples, mas bastante confortável. Não tinha a iluminação fosca ou o aspecto solene dos muitos restaurantes que freqüentava em Connecticut, porém, tinha um ar bastante agradável e convidativo.

As paredes, revestidas de estuque, estavam decoradas com quadros de cenas marítimas. Todo o recinto era decorado com artigos e peças ligados à navegação. Os bancos junto ao balcão assemelhavam-se a pequenos barris de madeira. Num dos cantos, rodeado por viçosas samambaias, um grande mastro, que se elevava à altura do teto. A decoração do lugar era tão bem-feita que se tinha a viva impressão de que, a qualquer momento, entraria um capitão dando ordem para zarpar.

Metade das mesas já estavam ocupadas por casais ou famílias, das quais a maioria era turista. Podia-se ouvir o ruído dos talheres, misturado ao som das vozes. O cheiro da comida era muito agradável e abriu o apetite de Kate.

Confortável, ela pensou, e muito bem organizado. Garçons e garçonetes, usando trajes de marinheiros, moviam-se pela sala com classe e, embora fossem rápidos, não demonstravam afobação. A janela aberta permitia uma visão completa do porto de Silver Lake. Kate sentaria de costas para ela, pois sabia que, se; não o fizesse, acabaria voltando os olhos para o lugar onde estava o "Tufão". Precisava de paz e tranqüilidade, e só conseguiria isso se afastasse todas as recordações.

— Kate!

Ao mesmo tempo em que ouviu seu nome, sentiu também o toque das mãos em seus ombros. Reconhecendo a voz, virou-se com rapidez e sorriu:

— Marsh, que prazer em vê-lo!

Com seu jeito quieto, Marsh a examinou da cabeça aos pés. Da mesma forma que Ky, ele também se sentira atraído por ela durante aquele verão de quatro anos atrás. Uma atração que terminou se transformando em amizade e respeito.

— Bela como sempre. Linda já havia me contado, mas é bom poder ver por mim mesmo.

— Bem, acho que tenho diversos motivos para parabenizá-lo: seu casamento, sua filha e seu negócio.

— Eu aceito os parabéns e agradeço. Agora, que tal a melhor mesa da casa?

— Pois era isso que eu esperava. De braços dados, Marsh a conduziu a uma mesa próxima à janela.

— Você me parece feliz — disse Kate.

— Pareço e estou — observou ele. Depois, com um gesto delicado, colocou sua mão sobre a dela e disse: — Nós ficamos muito tristes com o que aconteceu ao seu pai, Kate.

— Eu sei. Obrigada.

Sentou-se diante dela e ficou observando-a, com olhos calmos e meigos, o que a fazia sentir-se tranqüila e segura.

— É trágico, mas eu não consigo dizer que lamento que a morte de seu pai a tenha trazido de volta à ilha. Nós sentimos muito a sua falta. — Ele fez uma pequena pausa e então completou: — Todos nós.

Kate apanhou o guardanapo que estava sobre a mesa e o passou nas mãos.

— As coisas mudam, meu caro amigo. Você e Linda são uma prova incontestável disso. Na época em que parti, lembro-me muito bem de que você até fugia dela.

— Isso não mudou — disse com um sorriso. Em seguida, levantou os olhos para a jovem garçonete que aguardava junto à mesa, — Esta é Cindy, que se encarregará de atendê-la, srta. Hardesty. — Voltando-se para Kate, corrigiu, com um sorriso no rosto, — Creio que deveria dizer Dra. Hardesty.

— Senhorita é o suficiente — observou. — Eu estou de folga neste verão.

— A srta. Hardesty é nossa convidada. Uma convidada muito especial — ele acrescentou, sorrindo para a garçonete. — Hum... Que tal um aperitivo antes do jantar? Ou uma garrafa de vinho?

— Vinho — respondeu uma voz grave de homem.

Kate experimentou uma sensação de frio no estômago. Lutando contra o nervosismo, levantou os olhos e viu Ky aproximando-se da mesa.

— A professora adora vinho!

— Sim, Sr. Silver — respondeu a garçonete, retirando-se antes que Kate tivesse tempo de concordar.

— Bem, meu irmão — comentou Marsh —, você tem uma maneira toda especial e discreta de ajudar as pessoas;

Ky deu de ombros, encostando-se a uma cadeira. Se os três sentiram que o ambiente ficou pesado, cada um deles soube, a seu próprio modo, disfarçar isso com delicadeza.

— Eu senti uma vontade irresistível de comer lagosta esta noite — informou Ky.

— Eu recomendo — Marsh disse a Kate. — Linda e o cozinheiro-chefe debateram a receita por muito tempo antes de prepará-la. Tenho certeza de que está perfeita.

Kate lançou um sorriso espontâneo para ele e, ignorando a presença de Ky, disse:

— Está bem, vou experimentar. Você me faz companhia?

— Não posso. Linda teve de correr para casa a fim de resolver alguns problemas domésticos. Hope é uma especialista em criá-los e deixa a pobre babá maluca. Mas eu tentarei voltar para o café. Espero que aprecie o jantar. — Levantando-se, dirigiu um olhar significativo para o irmão e retirou-se.

— Marsh sempre foi um bom amigo — disse Kate, enquanto estendia o guardanapo no colo. — Embora este restaurante pertença ao seu irmão, não creio que você deseje minha companhia para o jantar e, se quer saber, também não desejo a sua.

— É aí que você se engana — corrigiu ele, enquanto dava uma piscada para a garçonete que trazia o vinho.

Ky não se preocupou em contar a ela a respeito de sua parte na posse do "Paraíso". A conversa sobre negócios que haviam tido na cabana era suficiente por um dia.

Cindy abriu a garrafa, colocou uma pequena quantidade no copo para que Ky provasse.

— Está ótimo — ele disse e, pegando a garrafa, encheu o copo de Kate. — Já que escolhemos o mesmo restaurante esta noite, por que não aproveitamos para fazer um pequeno teste?

Kate deu um gole e lembrou-se da primeira garrafa de vinho que haviam compartilhado, sentados no chão da cabana, na noite em que ela decidira entregar-se a ele. Bebeu mais um pouco e perguntou;

— Que tipo de teste?

— Podemos verificar se somos capazes de agir como duas pessoas civilizadas em público. É algo que nunca experimentamos antes.

Kate franziu as sobrancelhas, observando a classe com que Ky tomava o vinho. Nunca antes estiveram juntos em um restaurante, pois seu pai não aprovaria um relacionamento com alguém que ele considerava seu empregado. Kate sabia disso e não se arriscaria. Sempre que estivera com Ky a cabana em que ele vivia era o local onde jantavam e bebiam.

Mas as coisas eram diferentes agora, ela disse para si mesma. De uma certa maneira, Ky era seu empregado, e ela podia tomar as decisões que achasse justas. Resolvida, levantou seu copo num brinde.

— Ao sucesso da nossa missão.

Ky tocou a borda de seu copo no de Kate. A maneira como o encarava fazia com que sentisse um certo desconforto.

— O azul combina com você — disse, referindo-se ao vestido que ela usava. Olhando-a de forma penetrante, completou. — O azul-escuro transforma a pele de seu corpo em algo especial, atraente, delicado, e que deve ser saboreado com muita, muita calma.

Ela o fitava, atordoada com aquele tom profundo e íntimo que a voz de Ky assumia. As palavras pareciam ter um certo sabor de mistério.

— Você gostaria de fazer o pedido agora? — perguntou-lhe, quando a garçonete parou ao lado da mesa, risonha, querendo agradar a ambos.

Ky sorriu quando Kate, como que hipnotizada, permaneceu em silêncio.

— Nós vamos comer lagosta e salada com o molho especial da casa — informou ele. Depois, com o copo na mão e ainda sorridente, recostou-se na cadeira. Mas o sorriso estava

presente apenas nos lábios. Nos olhos persistia um misto de seriedade e amargura. — Você não está bebendo o seu vinho. Talvez eu devesse ter perguntado se os seus gostos mudaram com o passar dos anos.

— Está gostoso — disse ela, enquanto tomava um gole. — Marsh me parece muito bem. Fiquei feliz de saber que ele e Linda estão casados. Sempre os achei um par perfeito.

— Verdade? — Ky ergueu o copo na direção da nebulosa luz que penetrava pela janela. — Marsh não pensava assim. Mas então... — virando os olhos, ele voltou a encará-la. — Ele sempre foi mais lento para tomar decisões do que eu.

— Vocês têm gênios diferentes. Seu irmão é muito mais prudente do que você, e a paciência nele não é um defeito, mas uma virtude. É uma pessoa mais fácil de se conviver.

— Mas não foi o meu irmão que você procurou com seus gráficos e anotações, foi?

— Não. — Com esforço, ela conseguiu manter inalteradas a voz e a expressão dos olhos. — Não foi; é que neste caso eu preciso mesmo de alguém imprudente e aventureiro como você.

— Quer dizer que eu posso ser-lhe útil em determinadas ocasiões, não é, Kate?

A garçonete serviu a salada, mas, percebendo o clima de tensão, preferiu não dizer nada.

— Eu descobri que esse trabalho é perfeito para alguém como você, e então decidi contratá-lo. — Kate colocou o copo de vinho sobre a mesa e começou a comer. — Nenhuma outra razão teria me trazido de volta a Ocracoke. — Ficou surpresa com a própria coragem. — As coisas serão mais fáceis para nós dois se isto ficar bem claro.

Ky sentiu muita raiva ao ouvir aquilo, mas controlou-se. Kate estava apenas jogando com as palavras, e ele teria que manter a calma. Ela sempre fora uma mulher inteligente, mas essa inteligência, agora, parecia temperada com uma grande quantidade de artificialismo e fingimento. Ky lembrou-se com tristeza da inocente e curiosa Kate do passado.

— Segundo eu me recordo — ele disse —, você sempre preferiu complicar a simplificar. Eu fui obrigado a explicar-lhe o objetivo, a história e o mecanismo de cada peça do equipamento antes que você desse seu primeiro mergulho.

— Isso se chama cautela, não complicação.

— E você, sem dúvida, está bem servida em matéria de cautela. Algumas pessoas passam metade de suas vidas fazendo testes e pouco aproveitam do presente. — Bebeu um grande gole de vinho e concluiu: — Eu já prefiro me deixar levar pelo momento.

— Sim — desta vez foi ela quem sorriu. — Eu me lembro muito bem. Sem planos, sem laços que o prendam. Afinal, amanhã tudo poderia mudar. Não era assim?

— Se você permanece ancorada num mesmo lugar por muito tempo, acaba ficando como uma daquelas árvores lá fora. — Esticando o braço, ele apontou para uma longa fila de coqueiros arqueados, próximos ao mar. — Atrofiada.

— E, no entanto, você ainda está aqui, onde nasceu e cresceu. Parece estranho que alguém tão livre como você se diz ser tenha criado raízes em Ocracoke.

— Esta ilha é muito isolada, e a vida, aqui, simples demais para algumas pessoas. Eu prefiro isto às comunidades cheias de estruturas, com suas festas e clubes de campo. A liberdade para mim é algo muito diferente do que para você.

Kate parecia pertencer a um desses lugares cheios de regras e etiquetas, Ky pensou,

enquanto lutava contra o desejo frustrado que fluía dentro dele. Imaginava como ela se sentiria bem se estivesse, naquele momento, em meio a um grupo de amigos refinados, usando um elegante vestido de seda e discutindo sobre um obscuro poeta inglês do século dezoito. Sentia-se um bruto, sem graça, e sem chances de tê-la para si.

Se fosse possível retroceder no tempo, ele a levaria para o alto-mar e, em seu barco, percorreriam todos os portos do mundo. Se isso significasse que ele nunca mais poderia voltar para casa, com imenso prazer permaneceria navegando pelo resto de sua vida. Pelo menos estariam juntos e felizes.

O prato principal foi servido e fez com que Ky voltasse ao presente. Não estavam mais no século dezoito, muito embora os documentos e mapas que tinham em mãos fossem daquela época.

— Estive estudando os documentos que deixou comigo.

— Oh! Que bom! Gostaria de saber sua opinião a respeito.

— A pesquisa de seu pai é completa.

— Isso eu já sabia!

Ky deixou escapar uma risada sutil.

— É claro. Bem, de qualquer forma, acho que ele estava na pista certa. Você, sem dúvida, percebe que a área assinalada por ele nos mapas é perigosa.

As sobrancelhas de Kate levantaram-se, mas ela não se abalou.

— Tubarões?

— É meio difícil encontrar tubarões em um só lugar — disse tranqüilo. — Muitas pessoas se esquecem de que a guerra chegou até aqui nos anos quarenta. Há ainda muitas minas espalhadas por essa região da costa. Se pretendemos levar isso adiante, teremos que tomar muito cuidado.

— Eu não tenho intenção alguma de ser descuidada.

— Não, mas às vezes nos preocupamos em ver muito adiante. Entusiasmados com a idéia do tesouro não poderemos nunca nos esquecer dos perigos que envolvem esta busca!

Ky perdeu o apetite. A possibilidade de aventurar-se pelo mar o entusiasmava, mas era terrível estar ali ao lado de Kate sem poder tocá-la. Pensava em como seria bom puxar aqueles grampos que lhe prendiam os cabelos e tocá-los como no passado. Lembrava-se de como fora excitante abraçá-la e sentir seu corpo junto ao dela. Ainda podia vê-la lançando-lhe um olhar sério e assustado para, em seguida, de maneira apaixonada, entregar-se à magia do amor.

Mas esse sentimento, que fora tão natural e lindo um dia, agora parecia errado. Ela costumava murmurar o nome dele depois de uma relação, como que para prolongar o êxtase. Ky desejava ouvi-la pronunciando o seu nome só mais uma vez, daquela maneira doce e ofegante. Se ela o fizesse, não estava certo de poder resistir.

Ainda meio mergulhado em recordações, fez sinal para que fosse servido o café. Talvez não quisesse resistir à tentação. Precisava de Kate e tentaria tê-la de volta, pois tinha certeza de que certas coisas nunca morrem. Ele sabia que com jeito e habilidade a seduziria.

Quando Ky voltou os olhos para Kate, ela notou que algo estava errado: Ky a atordoava e era imprevisível. Pressentia que ele havia chegado a algum tipo de decisão e que ela estava

incluída. Tomou seu café e procurou reanimar-se.

Ele precisava perceber que o comando da situação não lhe pertencia e conscientizar-se de que apenas um contrato os unia agora.

— Eu estarei no porto às oito — ela disse com voz decidida. — Vou precisar de tanques, é claro, mas trouxe minha própria roupa de mergulho. Eu gostaria que você levasse a minha pasta com os documentos para o barco. Creio que seria bom trabalharmos de seis a oito horas por dia.

— Você tem praticado mergulho nos últimos anos?

— Isso não importa, eu sei o que devo fazer.

— Eu seria o último a duvidar que você teve o melhor professor. — Ele tomou o café num só gole, num gesto rápido e impaciente, que Kate sabia ser típico dele. — Se você estiver meio destreinada, nós podemos ir devagar nos primeiros dias.

— Eu sou uma mergulhadora muito competente.

— Eu quero mais do que competência numa sócia. Ky viu a cólera nos olhos dela, e ele gostava de vê-la assim. Era uma coisa que gostava de presenciar, aquele temperamento sempre controlado e razoável se inflamando.

— Nós não somos sócios. Você está trabalhando para mim.

— Uma questão de ponto de vista — Ky disse com toda calma. Então levantou-se e ficou bem perto de Kate. — Nós teremos um dia duro amanhã, portanto seria melhor você ir embora e colocar em dia todo o sono que tem perdido nestes últimos tempos.

— Eu não preciso que você se preocupe com minha saúde, Ky.

— Eu estou me preocupando com a minha própria saúde — ele disse. — Você não descerá comigo a não ser que esteja descansada e bem alerta. Se vier ao porto amanhã com olheiras, eu não permitirei que mergulhe.

Kate sufocou a vontade que sentia de discutir, reconhecendo uma certa sensatez nas palavras de Ky.

— Se você estiver com o corpo mole e cansado, acabará cometendo erros — ele prosseguiu. — E um erro seu poderá me custar caro. Isso parece razoável para você, professora?

— Está bem — Kate levantou-se e decidiu ir embora.

— Eu a acompanharei até o hotel.

— Não é necessário.

Sem perguntar nada, ele colocou o braço ao redor da cintura dela, dizendo:

— Isso é ser civilizado. E você sempre foi uma mestra na arte de se portar com classe.

"Até o momento em que você me toca", ela pensou. Não, ela não poderia permitir que as recordações voltassem, ou seus planos fracassariam, Kate inclinou a cabeça num gesto frio de aprovação.

— Quero agradecer a Marsh.

— Você pode fazer isso amanhã — disse Ky, colocando sobre a mesa a gorjeta da

garçonete. — Ele está ocupado.

Ela se preparava para protestar quando viu Marsh entrar na cozinha.

— Está bem. — Juntos deixaram o restaurante.

O céu estava lindo e cheio de estrelas. Ao pôr os pés fora do restaurante, Kate notou que havia pouca gente andando pelas ruas.

Um barco pesqueiro deslizava pelas águas em direção ao porto. Alguns turistas permaneciam na ilha; outros atravessavam a enseada de Hatteras numa das últimas balsas do dia.

Ela gostaria de navegar sobre as águas agora, sentir a brisa e aquela sensação de solidão por estar no meio do oceano, sem ninguém ao redor.

Deixando de lado os sonhos, ela prosseguiu a caminhada em direção ao hotel. O que Kate precisava na verdade não era um passeio de barco, mas de uma boa noite de sono.

O mesmo hotel. Ky levantou a cabeça e olhou para a janela. Ele já sabia que ela estava hospedada no mesmo quarto. Em várias ocasiões a acompanhara até a porta. Mas tudo era diferente então. Ela agia de maneira natural e costumava fazer o que o coração mandava. Sempre lhe dava um caloroso e demorado beijo de despedida.

Os dois tiveram o mesmo pensamento, e Kate virou-se para ele enquanto ainda estava fora do hotel dizendo:

— Obrigada, Ky. Não há nenhuma necessidade de você se desviar ainda mais de seu caminho.

— Não, não há. — Ele queria levá-la para a cabana esta noite. Ela não demonstrava nenhuma disposição para isso, e ele então decidiu que não iria embora sem levar algo consigo.

Colocou a mão atrás do pescoço de Kate e olhou-a com insistência, tentando decifrar seus pensamentos. Ela não se afastou, pois isso teria feito parecer que estava com medo.

— Acho que isto é algo que você me deve — Ky disse a ela, numa voz tão suave que se perdia no ar. — Talvez algo que eu esteja devendo a mim mesmo.

Ele não era gentil. Aquilo era forçado. Em alguma parte dentro dele existia uma necessidade de punir, punir por alguma coisa que acontecera ou deixara de acontecer. A boca que ele colocou sobre a dela tinha fome de amor. Se ela se havia esquecido, ele pensou, isto a faria lembrar-se.

Com os braços dela presos entre os seus, Ky pôde senti-la cerrar os punhos e odiá-lo. Ele preferia isso do que ir embora sem tentar nada.

Kate não o estava odiando e não conseguiu esconder o que sentia por muito tempo. Acabou sendo meiga e delicada como uma daquelas ondas brancas que rolam e se espalham pela praia.

Queria que fosse diferente. Oh, como gostaria que fosse diferente, e que não estivesse sentindo nada. Mas estava sentindo tudo.

A boca firme e. impetuosa que sempre a fizera vibrar continuava a mesma. Em todas as vezes que se beijaram, havia por perto o som da água, ou dos ventos, ou das gaivotas. Nem mesmo isso mudara. Atrás deles, a água batia contra a madeira dos barcos atracados no cais. Uma gaivota grasnava solitária em cima de algumas estacas. A luz do luar refletia sobre o mar. A enxurrada de sentimentos do passado se fundia com o presente.

Kate não teve forças para resistir à impetuosidade de Ky, e, enquanto se entregavam às delícias de um ardente beijo, ela tocou com a palma das mãos o peito dele. Tão quente, tão firme, tão familiar. Ele beijava como sempre: sem inibições, com completa emoção e impaciência.

Parecia que o tempo voltava e que todas as decisões da professora Hardesty se desfaziam. Sua maior ambição agora era beijar Ky. Esta sensação lhe provocava uma imensa vontade de chorar, mas ela não saberia dizer se pelo presente ou pelo passado.

Enquanto se beijavam, dentro de Ky crescia uma angustiante indecisão. Não era bastante tolo para exigir de Kate algo que sabia já haver acabado. Por outro lado, não se sentia corajoso o suficiente para soltá-la e atirar pelos ares a realização de um sonho há muito desejado. Quando chegou a uma decisão, deu um passo atrás, afastando-se de Kate, com raiva por ter sido tão fraco.

A expressão no rosto de Kate era a mesma de quando ele a beijara pela primeira vez: meio surpresa, meio assustada. Isso o deixou desorientado.

Embora não quisesse deixar transparecer o amor que sentia por Kate, sabia que continuava enfeitiçado por ela, da mesma forma que antes, e que ela já tinha percebido isso.

E, mais uma vez, Ky despediu-se, só que agora com um simples aceno de mão.

— Assegure-se de ter pelo menos oito horas de sono — ele ordenou sem se virar para trás.

Kate permaneceu ali parada por alguns minutos, sem entender o que lhe havia acontecido. Embora tivesse prometido a si mesma que sua relação com Ky seria apenas comercial, não poderia negar que ele lhe proporcionava prazer, um prazer capaz de transportá-la para um mundo cheio de sonhos e fantasias.

Mas já estava ficando tarde e ela decidiu entrar e dormir. No dia seguinte estaria menos confusa e com tanto trabalho que mal teria tempo de preocupar-se com o que houvera entre ela e Ky.

CAPÍTULO IV

Em algumas manhãs, o espetáculo do sol se elevando no horizonte parecia demorar mais do que em outras, como se a natureza quisesse exibir seu esplendor particular por mais tempo. Kate havia deixado a persiana aberta, sabendo que a luz da manhã a acordaria antes do despertador.

Levantando-se, caminhou até a janela. Uma brisa fresca veio acariciar-lhe os cabelos e o rosto, enquanto, maravilhada, via o reflexo colorido dos primeiros raios de sol sobre as águas.

Àquela contemplação serena era muito diferente da rotina rígida dos últimos anos, onde as manhãs eram todas corridas. Só havia tempo para um banho rápido e uma verificação na matéria das aulas daquele dia, o que Kate fazia durante o café da manhã.

Havia dormido melhor do que esperava, embalada pelo silêncio e anestesiada pelo cansaço da longa viagem. Nenhum sonho e nenhuma preocupação vieram roubar-lhe a tranqüilidade do sono.

Agora, com as energias já repostas, vestiu-se e saiu do quarto.

Tomar café foi impossível. A excitação que ela havia contido estava começando a clamar por liberdade. A sensação de estar fazendo a coisa certa voltara e, independente dos sacrifícios que tivesse de enfrentar, ela estava decidida a prosseguir a busca de seu pai. Seguiria suas indicações. Se não achasse o ouro, pelo menos teria a consciência tranqüila por haver tentado.

Ky... Não imaginava que a simples presença dele fosse capaz de forçá-la a rememorar a paixão que preferia esquecer. O beijo da noite anterior a perturbara como sempre.

Teria de conviver longas horas ao lado de Ky, e isso só seria possível se ela enterrasse de uma vez por todas o passado.

Quando Kate partira, o orgulho de Ky foi ferido, e ele jamais a perdoou. Ela havia voltado para o seu mundo, sua carreira. Ele insistira para que permanecesse na ilha, mas sem lhe oferecer nada, nem uma promessa sequer. Se tivesse lhe acenado com algo concreto, não importa o quão superficial pudesse ter sido, ela ainda estaria ao seu lado. Será que Ky sabia disso?

Talvez ele imaginasse que conseguiria fazê-la mais uma vez se apaixonar com o mesmo ardor de antes, e então se sentiria vingado. Mas Kate não permitiria que isso acontecesse, disse para si mesma. Se Ky a tivesse pressionado na noite anterior, se soubesse como ela chegara perto de fraquejar com aquele beijo...

Mas não haveria jeito de descobrir, pois ela já havia decidido que aquela cena não ocorreria outra vez. Durante o verão, seu tempo e seus esforços estariam voltados para a busca do tesouro, e nada mais. Desta vez pretendia levar algo consigo.

Ky já estava a bordo do "Tufão". De longe, Kate viu-o arrumando o equipamento num canto do barco. Seus cabelos esvoaçavam com a forte brisa do mar. Vestia apenas uma bermuda e uma camiseta sem mangas.

Ele não notou a aproximação de Kate. Um barco pesqueiro, já a certa distância do porto, prendia sua atenção. Por um momento, ela parou e ficou a observá-lo.

Por alguma estranha razão, Ky dava a impressão de estar sempre agitado, inquieto.

Parecia que alguma coisa se movimentava o tempo todo dentro dele. Quando contemplava o mar, era como se ali estivessem todos os desafios, todas as aventuras.

Estava sempre pronto para a ação, todavia, também era capaz de sentar-se e permanecer por longo tempo apreciando as ondas, como se não houvesse nada mais importante a fazer do que assistir àquela infindável batalha entre a terra e a água.

Naquele momento ele estava de pé no convés do "Tufão", mãos na cintura, observando o enorme barco pesqueiro que se lançava em direção ao horizonte. Era uma cena que ele já havia presenciado centenas de vezes, mas que ainda lhe fazia sentir imenso prazer.

Em silêncio, Kate continuou caminhando até a lancha.

— Você está adiantada — ele disse surpreso, no instante em que a viu. Então esticou o braço e ajudou-a a subir a bordo.

— Eu achei que você talvez estivesse tão ansioso para começar quanto eu — respondeu.

— Deverá ser uma viagem sem problemas — ele observou, voltando os olhos para o mar. — O vento que está soprando do norte não tem velocidade superior a dez nós.

— Ótimo! — ela exclamou, satisfeita. O fato de o vento estar com dez ou vinte nós de velocidade, no entanto, não era importante para ela nem para ele, Kate pensou. O que importava é que aquela seria a primeira manhã em que trabalhariam na caça ao tesouro.

Ela podia sentir a impaciência crescendo dentro de Ky, o desejo de partir logo e entrar em ação. Querendo apressar as coisas, Kate ajudou Ky a soltar os cabos que prendiam o "Tufão" ao cais. Depois caminhou pela popa do barco. Isso manteria os dois bem distantes. Permaneceram calados, enquanto Ky ligava o motor e saía do porto. A velocidade foi mantida constante enquanto atravessaram a parte rasa da enseada. Olhando para trás, Kate via crescer a distância entre o barco e a vila.

A última coisa que avistou foi uma criança descendo o cais, com uma vara de pescar.

O vento quente e o sol brilhando provocaram certa excitação em Kate, que não estava certa de que após tantos anos as emoções continuariam as mesmas. Mas, ao fechar os olhos, permitindo que as pequenas gotas de água salgada lhe tocassem o rosto, entendeu que aquela era uma paixão que permanecera constante, apesar do tempo.

Sentada e completamente relaxada, ela podia sentir a velocidade do barco crescendo à medida que avançavam para o alto-mar. De olhos fechados, apreciava o movimento, o vento, o sol.

A caça ao tesouro, sem dúvida, seria muito mais gratificante do que o próprio tesouro.

Embora não quisesse admitir, parte do prazer que sentia naquele momento era devido à presença de Ky, ali tão próximo.

Ky, por sua vez, prometia a si mesmo que não olharia para trás. Mas não resistiu. Tinha de fazê-lo pelo menos uma vez. Ela estava de olhos fechados, com um sorriso nos lábios, enquanto alguns fios sedosos de cabelos dançavam ao redor de seu rosto, devido ao forte vento. Isso fez com que sua mente viajasse de volta ao passado, para o dia em que viu Kate daquele jeito pela primeira vez, quando percebeu que tinha de possuí-la. Ela parecia calma, em paz, e ele, sem nenhum controle, entregue a uma intensa e maravilhosa paixão que parecia não ter fim.

Mesmo quando se voltou para o mar, ainda conseguia ver apenas a imagem dela à sua frente, recostada na popa do barco, absorvendo ao máximo tudo de bom que o sol e o vento

tinham a lhe oferecer.

Kate necessitava dessa sensação de paz que o mar lhe trazia. Era uma professora universitária ciente de suas responsabilidades, mas havia também em seu coração um espaço reservado para a moça sonhadora, capaz de se encantar com as coisas mais simples e puras da natureza. E isso, mesmo que quisesse, ela não poderia negar.

Satisfeita, abriu os olhos e assistiu ao espetáculo do sol lançando seus diamantes de luz no mar. Na superfície, eles ondulavam, acompanhando o harmonioso movimento das águas.

Devido à liberdade ou à onda de força e energia que estava sentindo fluir dentro de si, levantou-se e foi falar com Ky.

— Isto aqui continua tão lindo como sempre — disse em tom amistoso.

Ky tremeu ao vê-la de novo ao seu lado, mas aos poucos a tensão foi desaparecendo, e ele conseguiu agir de forma tranqüila.

— As coisas não mudam muito — observou. Ancorado próximo dali estava o barco pesqueiro que deixara o porto pouco antes deles. Os homens haviam lançado a rede ao mar, e centenas de gaivotas famintas sobrevoavam a embarcação, na esperança de um almoço farto e fácil.

— A pesca tem sido boa este ano — disse Ky.

— Você tem pescado com freqüência?

— Não. Só de vez em quando.

— Não está com vontade de falar? — Kate perguntou, referindo-se à resposta curta e direta que acabava de receber.

Ele não conseguiu evitar um sorriso, lembrando-se de alguns acontecimentos do passado.

Ela também se recordava de muitas coisas, principalmente das noites que passara junto de Ky.

— Eu sempre tive curiosidade de saber como fica a ilha durante o inverno — disse Kate.

— Bastante calma.

— Além disso, sempre me deixou perplexa o fato de você preferir esta vida a qualquer outra.

Virando-se para ela, Ky perguntou, surpreso:

— Verdade? Verdade que você tem reservado alguns minutos de sua vida para pensar em mim?

Sem ligar para o que ele havia dito, Kate deu de ombros e prosseguiu:

— Seria tolice de minha parte dizer que jamais voltei a pensar na ilha ou em você nestes quatro anos. Você sempre me provocou curiosidade.

Ele riu. Era típico dela colocar as coisas dessa forma.

— O que a incomodou foi o fato de algumas de suas perguntas terem permanecido sem resposta, não é? Você pensa demais como uma professora, Kate.

— A vida não é como um teste de múltipla escolha? — ela perguntou, contando nos dedos. — Talvez duas ou três respostas sirvam, mas apenas uma é a correta.

— Não, apenas uma é a errada — corrigiu ele, notando que os olhos dela assumiam uma expressão pensativa. Ela estaria pesando os prós e os contras da afirmação que acabara de ouvir, ele pensou. Quer ela concordasse ou não, analisaria a questão de todos os ângulos possíveis. — Você não mudou nada...

— Eu também achava isso, mas estamos enganados. Nenhum de nós continua o mesmo. É assim que deve ser, eu creio. — Kate virou-se em direção ao mar e soltou um grito de alegria: — Oh, olhe! — Sem pensar, colocou a mão no braço de Ky. — Golfinhos.

Havia uma dúzia deles, talvez mais, saltando e dando mergulhos com movimentos ritmados e graciosos. Kate sentiu-se invadida por uma sensação mista de prazer e inveja. Mover-se daquela maneira, da água para o ar e depois para a água novamente, daria a qualquer ser humano uma enorme sensação de liberdade...

— Fantástico, não é? — murmurou. — Ser parte tanto do ar quanto da água... Eu já havia quase me esquecido de como são interessantes os golfinhos!

— Quanto? — Ky perguntou, estudando o perfil de Kate. — Quanto do que aconteceu quatro anos atrás você já quase se esqueceu?

Kate virou o rosto na direção dele, percebendo que estavam bem perto um do outro. Sem notar, ela se aproximara demais, enquanto observava distraída os golfinhos. Agora não estava vendo nada senão o rosto de Ky a poucos centímetros do seu; não sentia nada a não ser o contato da própria mão com a pele quente do braço dele.

A pergunta não a agradou muito, e ela respondeu:

— De tudo que era necessário e, agora, vamos ao que interessa: o tesouro. Eu gostaria de examinar os gráficos de meu pai. Você os trouxe a bordo?

— Sua pasta está na cabine. — As mãos de Ky agarraram o leme, como se ele estivesse lutando contra um temporal. Talvez estivesse mesmo. — Você sabe onde fica; vá até lá e pegue.

Sem responder, Kate caminhou em direção à estreita escada que conduzia ao interior do barco.

Havia duas tarimbas pequenas, cobertas por lençóis tão esticados que fariam saltar uma moeda que fosse arremessada sobre eles. Kate lembrava-se de já se haver deitado com Ky numa delas, vivendo ali momentos incríveis de paixão, enquanto o barco oscilava suavemente e o rádio tocava jazz.

Apertou com toda a força o couro da pasta, como se a dor nos dedos pudesse ajudá-la a afastar as recordações. Com cuidado, desdobrou um dos gráficos de seu pai, colocou-o em cima da tarimba e começou a verificar os detalhes.

Como tudo que o Sr. Hardesty fizera, o gráfico também era objetivo, preciso e sem informações desnecessárias. Embora não tivesse sido este o seu campo de atividade, realizara um trabalho no qual qualquer marinheiro depositaria total confiança.

Mostrava com precisão a costa da Carolina do Norte. Os traçados indicando latitude e longitude apareciam em um gráfico que tinha também finas linhas cruzadas, assinalando a profundidade.

Setenta e seis graus norte e trinta e cinco graus leste. De acordo com o documento, aquela

era a área em que seu pai acreditava que o navio tivesse afundado. Isso ficava a poucas milhas a sudeste de Ocracoke. E a profundidade não era tão grande. A roupa de mergulho comum e o tanque de ar seriam suficientes, sem necessidade do uso de botas e capacetes especiais, obrigatórios na exploração de regiões mais profundas.

De repente, Kate notou que a velocidade do "Tufão" diminuía e, logo em seguida, o ruído do motor cessou. Pressentindo que haviam chegado ao lugar marcado, ela guardou o gráfico e voltou para o convés.

Ky estava fazendo uma última inspeção nos tanques.

— Nós vamos descer aqui — ele avisou e levantou-se. — Estamos a mais ou menos meia milha do local onde estive com seu pai no último verão.

Com rapidez, ele tirou a camiseta e a bermuda, ficando apenas com o calção de banho.

Se naquele instante o coração de Kate disparou, ela podia explicar a si mesma como uma coisa muito natural, devido à expectativa do mergulho. Se sentiu um nó apertando-lhe a garganta, isso nada mais era do que o nervosismo diante da idéia de entregar-se às delícias do mar.

O corpo de Ky era musculoso, bronzeado e esbelto, mas ela estava preocupada apenas com o mergulho. E ele provavelmente estava interessado somente nos setenta e cinco dólares por dia e nos vinte e cinco por cento do que encontrassem. Ela, pelo menos, procurava encarar aquilo apenas como um negócio, embora fosse quase impossível.

Sob o short, Kate usava um maio que colava ao corpo, revelando suas pernas compridas e elegantes, que Ky sabia serem suaves como água e fortes como as de uma corredora. Mas ambos estavam ali com uma missão muito bem definida: encontrar o tesouro perdido. Alguns tesouros, ele acreditava, jamais poderiam ser recuperados.

Enquanto pensava nisso, ergueu os olhos para observar Kate retirar os grampos do cabelo e deixá-los cair sobre os ombros. Se ela tivesse lançado um dardo mortal de encontro ao peito dele não teria conseguido despedaçar-lhe o coração de maneira tão completa.

— Nós vamos descer por uma hora hoje — disse ao levantar o primeiro par de tanques.

— Mas...

— Uma hora é mais do que suficiente. Você não tem mergulhado há quatro anos. É aconselhável não abusar no começo.

Kate esticou os braços a fim de que Ky a ajudasse na colocação do tanque.

— Eu não me lembro de ter-lhe contado isso.

— Não. Mas teria me contado caso houvesse mergulhado desde aquela época. — Os cantos da boca dele esboçaram um sorriso quando ela permaneceu em silêncio. Depois de prender os próprios tanques, Ky se dirigiu à escada fixa na lateral do barco.

Limpou a máscara com as mãos e, colocando-a sobre os olhos e nariz, soltou as mãos e jogou-se ao mar. Kate não demorou mais do que dez segundos para saltar e colocar-se ao seu lado. Por um instante ele parou, para certificar-se de que ela não estava tendo dificuldades, então prosseguiu mergulhando em direção ao fundo.

Kate ainda não se havia esquecido de como respirar debaixo da água, mas sua primeira inspiração ao submergir fora quase um suspiro. Achava incrível poder ficar sob a superfície do oceano, obtendo ar através de um tanque. Para ela, era uma experiência tão emocionante como

fora da primeira vez.

Olhou para cima, a fim de ver o sol projetando-se dentro da água, e esticou a mão para observar os raios de luz brincando sobre sua pele. Ela poderia passar muito tempo ali, divertindo-se, mas tinha um trabalho a realizar. Deu um impulso com as pernas e seguiu Ky até as regiões mais profundas e escuras.

Ele esperava que Kate fosse lhe fazer perguntas acerca de seus planos para encontrar o "Liberty". Como tal coisa não aconteceu, levantou duas hipóteses: ou ela não queria ter com ele uma conversa séria no momento, ou, então, deduzira por si mesma qual seria a estratégia. A segunda hipótese era a mais provável, pois ela era muito inteligente.

O método de busca mais lógico parecia ser uma rota semicircular em torno dos trechos em que Hardesty havia estado das últimas vezes. Aos poucos iriam ampliando o círculo. Se o pai de Kate estivesse certo, eles acabariam por encontrar o navio mais cedo ou mais tarde; caso contrário, passariam o verão todo numa busca emocionante e cheia de aventuras, mas sem encontrar nenhum tesouro.

Embora os tanques presos às costas servissem para lembrar Kate de que não estava livre, ela sentia que poderia permanecer o resto da vida ali embaixo. Sentir a água, as algas e o macio e arenoso fundo do mar lhe proporcionava um imenso prazer.

O deslumbramento diante das maravilhas naturais daquele mundo desconhecido não impediu, no entanto, que se portasse como uma mergulhadora experiente, chegando mesmo a ultrapassar as expectativas.

Durante essa primeira investida não conseguiram avistar nenhum sinal do "Liberty". Encontraram apenas destroços de outros navios, pedaços de metal enferrujados, cobertos de cracas, e que talvez fossem restos de um submarino ou de um navio afundado durante a Segunda Guerra Mundial.

Ky não quis ultrapassar o tempo planejado para a busca e, voltando-se para Kate, fez-lhe sinal para que retornassem. Durante o retorno, aproveitaram para reexaminar a área já explorada.

A sensação que ela tinha era a de procurar agulha num palheiro. Para encontrar o navio iriam precisar não só dos mapas e documentos de que dispunham, mas principalmente de uma boa dose de sorte.

Kate deslizava com a graça de uma sereia ao lado de Ky. Agitava a cabeça para os lados tentando aproveitar ao máximo cada segundo, mas ele sabia que sua mente não estava concentrada em tesouro ou em navios perdidos naquele momento. Na verdade, Kate tinha fascinação pelo mar e pelos seres que o habitavam, e era isso que ocupava seu pensamento.

Enquanto subiam as escadas do barco, Kate ia feliz como uma criança.

— Oh, é maravilhoso! — Ky não ouvia o som agradável de sua risada há quatro anos, mas era algo de que jamais se esquecera.

— Lá embaixo você me pareceu mais interessada em se divertir do que em procurar tesouros. — Ky sorriu para ela, apreciando todo aquele contentamento estampado no rosto de Kate.

— Pois eu estava mesmo. Sabia que não encontraríamos nada da primeira vez, só se tivéssemos muita sorte. Além disso, foi tão maravilhosa a sensação de mergulhar novamente! Creio que não existe nada melhor no mundo.

— Há, sim — ele corrigiu. — Mergulhar sem o uso de equipamento. Eu experimentei no

ano passado, quando estive no Taiti. É incrível você estar debaixo daquela água cristalina sem nada além da máscara, nadadeiras e seus próprios pulmões.

— Taiti? — Surpresa e demonstrando grande interesse, Kate virou-se para ele. — Você esteve lá?

— Por duas semanas — respondeu, jogando a roupa molhada num grande balde de plástico, onde, deixava todo o equipamento de mergulho antes de lavá-lo.

— Por causa de sua afeição por ilhas?

— E também pelas saias feitas de plantas que as nativas usam. Tenho certeza de que você ficaria linda com uma daquelas. — A fala foi acompanhada de uma sonora gargalhada. — Só lamento não ter tirado fotografias.

— O que aconteceu? Preocupado demais em namorá-las que não teve tempo de bater umas fotos?

— Alguma coisa assim. E, é claro, tentando fingir que não percebia o quanto algumas delas me desejavam.

Kate sorriu.

— Mulheres com saias feitas de plantas... — ela comentou.

Ky atirou um pêssego em sua direção. Esticando o braço numa ação instantânea e precisa, ela apanhou a fruta e lançou-lhe um sorriso antes de dar a primeira mordida.

— Ainda tem bons reflexos — ele comentou.

— Ainda mais quando estou com fome. Esta manhã não consegui comer nada.

— Preocupada com o mergulho? — ele perguntou, enquanto retirava duas garrafas de soda da geladeira.

— Isso e... — interrompeu-se, surpresa consigo mesma por estar falando com ele tão à vontade como fazia quatro anos atrás.

— E... — Ky insistiu. O tom de sua voz era casual, mas os olhos estavam brilhando.

Percebendo a situação, Kate virou-se para o mar.

— Talvez tenha me deixado entusiasmar demais com a beleza do sol nascendo, e sua luz se refletindo majestosa na superfície da água. Uma cena que não via há muito tempo.

— Por quê?

— Quando a vida da gente é comandada por uma rotina e horários rígidos, creio que não sobram muita disposição e tempo para coisas como essa.

— É o que você deseja? Horários rígidos e rotina diária?

Kate girou a cabeça e, por cima do ombro, o encarou. Como era possível haver entendimento entre duas pessoas quando seus mundos eram tão diversos?

— Foi o que eu escolhi.

— Uma de suas múltiplas escolhas de vida?

— Talvez. — Virou-se, determinada a não perder a euforia da primeira aventura sob o

mar. — Conte-me mais a respeito do Taiti. Como é lá?

— Muito ar puro, muita água fresca e agradável. Muito azul, verde, branco.

— Como uma pintura de Gauguin?

— Suponho que sim. Mas não acredito que ele teria apreciado os hotéis que existem por lá.

— Você chegou a mergulhar usando o tanque?

— Algumas vezes. Há conchas e corais tão grandes que eu poderia ter enchido um barco com eles se quisesse. Peixes tão exóticos e belos que seriam uma sensação se fossem expostos num aquário público. E tubarões. — Ky lembrou-se de um que quase o apanhara quando ele mergulhava a meia milha da praia. A recordação o fez sorrir. — As águas próximas ao Taiti podem ser tudo, menos monótonas.

Kate reconheceu uma expressão agitada nos olhos dele. Ky era capaz de unir imprudência e cautela de forma harmoniosa, uma contrabalançando a outra. Por isso a aventura combinava com sua vida simples e sem ambições.

Mas o temperamento de Ky, sem dúvida, nada tinha em comum com o de Kate. O que os afastava era isso, a incompatibilidade que havia entre suas formas de viver.

— Você trouxe algum colar feito com dentes de tubarão?

— Eu o dei para Hope — disse sorrindo. — Mas Linda não quer que ela o use ainda.

— Como ela é? Ainda não tive oportunidade de conhecê-la.

— Ela se parece comigo.

— Ah, o ego masculino atuando outra vez!

Ky deu de ombros, reconhecendo que existia nele uma certa dose de convencimento. Mas achava isso saudável e muito normal.

— Eu adoro ver a menina fazendo Linda e Marsh correr em círculos atrás dela. Você sabe, não há muita diversão aqui na ilha.

Kate tentou imaginá-lo às voltas com uma criança, uma coisa tão frágil e dócil, tão diferente dele. Não conseguiu.

— É estranho — disse após alguns segundos de silêncio. — Nunca imaginei encontrar Marsh e Linda casados, com uma filha. Quando eu parti, ele a tratava como a uma irmãzinha.

— O seu pai não costumava mantê-la a par dos acontecimentos aqui na ilha?

Kate ficou séria e respondeu:

— Não.

Ky ergueu as sobrancelhas e disse, espantado.

— E você lhe perguntava?

— Não.

— Ele também não lhe contou nada a respeito do navio e do motivo que o trazia a Ocracoke todos os anos?

— Não. Ele jamais mencionou coisa alguma sobre o "Liberty".

— E isso não a incomoda?

A pergunta a entristeceu, mas ela procurou não demonstrar.

— Por que deveria? Ele tinha o direito de ter sua vida própria, sua privacidade.

— Mas e você?

Kate sentiu um repentino desânimo. Atravessou o convés e jogou sua garrafa num canto.

— Eu não sei o que você está tentando dizer.

— Você sabe, sim. — Ele se levantou e colocou sua mão sobre a de Kate. Sabendo que seria covardia agir de modo diferente, ela ergueu a cabeça e o encarou.

— Você sabe — ele repetiu com voz baixa. — Apenas não está preparada para admitir ainda.

— Vamos falar de outra coisa, Ky. — A voz dela estava trêmula, e isso a deixou furiosa. — Esqueça esse assunto.

Ele quis sacudi-la, obrigá-la a enxergar a verdade e ouvir de seus próprios lábios que o havia abandonado porque seu pai preferia assim. Ele teve vontade de ouvi-la dizer, talvez entre soluços, que não tivera forças para contrariar ao homem que lhe moldara a vida de acordo com seus valores e desejos.

Com esforço, Ky afrouxou os dedos que a seguravam. E, encolhendo os ombros, virou-se para o outro lado.

— Deixe estar — disse, enquanto voltava para o leme. — O verão está apenas começando. — Ligando o motor, acrescentou: — Nós dois sabemos o que pode acontecer durante um verão.

Há quatro anos muita coisa acontecera, e ambos sabiam disso.

Kate tentava sufocar seus sentimentos, mas sabia que em algum momento teria de decidir sobre sua vida. A caça ao tesouro, na verdade, significava um resgate de seu relacionamento com o pai. Não poderia continuar vivendo em função do falecido Hardesty, e isso a confundia... Teria de encontrar seu próprio caminho e parece que Ky estava no meio dele, embora ele não quisesse admitir.

CAPÍTULO V

— A primeira coisa que você precisa saber quanto a Hope... — Linda começou, enquanto punha em pé um vaso que a pequena havia derrubado — é que ela tem uma disposição fora do comum.

Kate acompanhava os movimentos da menina, que tentava subir numa cadeira, a fim de olhar-se num espelho pendurado na parede.

Hope era uma garotinha de cabelos pretos, bochechuda e incapaz de permanecer parada por um minuto. Seus olhos irradiavam um brilho expressivo de alguém que sabe o que quer e como conseguir. Ky estava certo, Kate pensou. A sobrinha se parecia com ele, em muitos aspectos.

— Como você arranja energia para dirigir um restaurante, manter um lar e, ao mesmo tempo, educar uma criança como Hope?

— Vitaminas — Linda respondeu. — Vidros e mais vidros de vitaminas. Hope, não ponha as mãos aí — ela gritou.

— Hope! — a pequena repetiu, imitando a mãe. — Bonita, bonita, bonita... — A menina fazia caretas e se observava no espelho.

— O ego dos Silver começou a se manifestar cedo demais.

— Bem, ela é bonita — observou Kate. —- Isso somente mostra que é também esperta para percebê-lo.

Dando um suspiro de satisfação, Linda sentou-se no sofá. Ela gostava muito de ter as tardes de segunda-feira livres, pois assim podia brincar com a filha e pôr em dia dezenas de coisas que eram deixadas de lado por causa do restaurante.

— Você já está aqui há uma semana e esta é a primeira vez que paramos para conversar.

Kate inclinou-se para frente e afagou os cabelos de Hope, que agora se distraía brincando no tapete.

— Você é uma mulher ocupada.

— Você também. E sei que não voltou à ilha apenas para pescar e descansar. O que anda fazendo com Ky todos os dias em alto-mar?

— Procurando um tesouro — Kate respondeu, sem dar mais nenhuma explicação.

— Oh! — Sem mostrar-se muito surpresa, Linda esticou o braço e salvou uma pequena violeta africana dos dedos curiosos de Hope. Em troca, deu-lhe um patinho de borracha. — O famoso tesouro do Barba Negra. Meu avô ainda gosta de contar histórias do temido e infame pirata. Mas não sabia que o tesouro estava no mar.

Encantada com a maneira habilidosa com que a amiga conseguia lidar com a menina e conversar sem perder o ritmo, Kate sacudiu a cabeça.

— Não, não é o tesouro do Barba Negra. Meu pai vinha tentando descobrir o paradeiro de um navio mercante inglês que naufragou aqui nas proximidades, no século dezoito.

— Seu pai? — A atenção de Linda se aguçou. — Então é por isso que ele vinha a

Ocracoke todo verão? Sempre me intrigou o fato de... Bem... Você me desculpe, mas seu pai nunca pareceu o tipo de homem que encarava o mergulho submarino como um lazer, e eu jamais o vi segurando um peixe. Ele conseguiu mesmo manter o que estava fazendo em segredo.

— Sim, até de mim.

— Você não sabia? — Linda olhou para Hope que batia num balde de plástico com uma das peças de seu quebra-cabeça.

— Não antes de ter examinado os documentos dele há algumas semanas. Foi aí que decidi concluir aquilo que ele havia começado.

— E então você veio à procura de Ky.

— Sim. Eu necessitava de um barco e de um mergulhador, de preferência alguém que morasse na ilha. Ele era o mais indicado para a tarefa.

— Essa é a única razão por que você o procurou? — Linda estava tentando apenas entender a amiga, mas sua voz revelava certa impaciência.

Kate sentiu-se tomada pelas recordações, mas, com algum esforço, conseguiu responder à pergunta de Linda sem perder a naturalidade.

— Sim, é a única razão.

— E se eu lhe dissesse que ele jamais a esqueceu?

— Não diga!

— Eu gosto muito dele, sabe? Mesmo sendo um homem difícil de se lidar. Afinal, ele é irmão de Marsh. É como se fosse meu irmão também. E você é a primeira pessoa do continente com quem eu tenho amizade.

Foi grande a tentação que Kate sentiu de abrir seu coração com a amiga, de contar-lhe tudo a respeito de suas dúvidas, de seus sentimentos para com Ky. Mas não o fez. Preferiu guardar tudo em segredo, como seu pai fizera com o tesouro.

— Eu gosto muito dele, Linda. No entanto, creia-me, o que existia entre mim e Ky terminou muito tempo atrás. A vida muda.

— Está bem. — Pelo tom de sua voz podia-se afirmar que Linda não se convencera, mas decidiu não pressionar. — Conte-me como foi sua vida nestes últimos quatro anos.

— Sem muitas novidades. Obter o meu doutorado tão cedo exigiu de mim grande esforço e dedicação. — Ela necessitara encontrar alguma coisa com que se preocupar para poder afastar a angústia e o sofrimento, para poder esquecer-se de Ky. — E, como tinha de lecionar também, isso não me deixou muito tempo para outras coisas. É estranho, eu nunca imaginei que ser professora fosse tão difícil e desgastante quanto ser estudante.

— É mais ainda — Linda acrescentou. — Você tem de fornecer as respostas certas no momento em que são pedidas.

— Sim. — Kate abaixou-se para observar a coleção de animaizinhos de Hope. — Mas talvez esse seja um dos aspectos mais atraentes da carreira. Dar a informação e vê-la ser absorvida pelo aluno.

— Esperando que seja absorvida, você quer dizer.

Kate riu.

— Sim, suponho que seja assim. Quando acontece, é muito gratificante. Ser mãe não deve ser tão diferente. Todo dia você está ensinando.

— Ou tentando — disse Linda.

— A mesma coisa, então.

— Você é feliz?

Hope abraçou um dragão cor-de-rosa e mostrou-o a Kate. Ela era feliz? Kate perguntava-se enquanto acariciava o brinquedo. Ela havia estado em busca de sua realização profissional, pensou, não de sua felicidade. O seu pai jamais lhe perguntara isso.

— Eu quero lecionar — ela respondeu. — E seria uma mulher infeliz se não pudesse.

— Essa é uma maneira indireta de responder sem responder a coisa alguma.

— Às vezes não existe um "sim" ou "não".

— Ky! — Hope gritou, e Kate, num impulso, virou-se em direção à porta da frente.

— Não... — Linda notou a reação, mas não disse nada. — Ela está falando com o dragão. O tio o deu a ela, por isso ficou sendo Ky.

— Oh! — Kate sentiu vontade de praguejar, mas em vez disso conseguiu sorrir enquanto devolvia o brinquedo à menina. Não era possível que o simples fato de ouvir o nome dele a fizesse tremer toda.

— Ele não parece gostar muito de coisas comuns, não é? — observou, referindo-se ao nome de Ky.

— Não. Os seus gostos sempre o conduziram ao que é raro e difícil de se obter.

As sobrancelhas de Kate se levantaram quando ela percebeu o olhar firme que a amiga lhe dirigia.

— Você é persistente, hein?

— Sim. Com as coisas em que acredito. — Havia em Linda muita coragem e força, Kate pensou. Ela não era do tipo que desistia de alguma coisa com facilidade. — E acredito em você e Ky — ela concluiu.

— Você não mudou nada. Eu voltei e a encontrei casada, mãe e dona de um restaurante, mas você continua a mesma.

— Ser esposa e mãe apenas me torna mais segura de que aquilo em que acredito é certo — disse um pouco arrogante, mas sem ser indelicada. — Nós não possuímos o restaurante — ela acrescentou.

— Não?! — Kate estava surpresa. — Mas eu pensei que você tivesse dito que o "Paraíso" pertence a você e a Marsh.

— Nós o dirigimos — Linda corrigiu. — E temos vinte por cento no negócio. — Recostando-se no sofá, ela lançou um sorriso de satisfação para a amiga. Não havia nada que apreciasse mais do que atirar pequenas pedras em águas calmas e ficar assistindo ao efeito que causavam. — Ky é o dono do restaurante.

— Ky? — Kate não conseguiu disfarçar o espanto. O homem que ela julgou conhecer não possuía nada além de um barco e uma cabana velha na praia. Montar um restaurante, mesmo

numa ilha remota, exigiria mais do que capital. Exigiria ambição.

— Ele não falou sobre isso com você?

— Não. — Ele tivera várias oportunidades, Kate recordou, durante a noite em que jantaram juntos. — Não, ele não mencionou. Isso não parece próprio dele. Eu não estranharia se soubesse que ele havia comprado um outro barco, maior ou mais veloz, mas não consigo imaginá-lo como proprietário de um restaurante.

— Acho que a notícia surpreendeu a todos, exceto Marsh, pois ele conhece o irmão melhor do que ninguém. Duas semanas antes de nos casarmos, Ky nos contou que havia comprado o estabelecimento e que pretendia remodelá-lo. Nessa época, Marsh era obrigado a atravessar a enseada de Hatteras todos os dias para ir ao trabalho. Quando Ky nos perguntou se queríamos entrar com vinte por cento e assumir a direção, nós mais do que depressa aceitamos.

Kate lembrou-se da atmosfera agradável, da excelente comida e do eficiente e rápido atendimento. Não, com certeza não fora um mau negócio, mas Ky...

— Eu não consigo imaginá-lo como um homem de negócios.

— Ele conhece muito bem a ilha — disse Linda. — E sabe o que quer. Seu único problema, no meu modo de entender, é que nem sempre sabe como conseguir.

Kate não estava disposta a discutir sobre isso.

— Eu vou dar um passeio pela praia — ela decidiu. — Você gostaria de vir comigo?

— Eu adoraria, mas... — Com um gesto de mão, indicou o motivo pelo qual Hope permanecera quieta nos últimos minutos. Abraçada ao pequeno dragão e esparramada sobre os demais brinquedos, ela dormia como um anjinho.

— Se ela anda, você anda; se ela pára, você pára, não é? — observou Kate, rindo.

— O bom disso é que, quando ela pára, eu posso parar também. — Habilmente, Linda carregou Hope nos braços, embalando-a. — Faça um bom passeio, e apareça no "Paraíso" à noite, se puder.

— Está bem. — Kate afagou os cabelos da menina, tão grossos, escuros e desarrumados quanto os de seu tio. — Ela é muito bonita, Linda. Você é uma mulher de sorte.

— Eu sei. É algo de que eu nunca me esqueço.

Kate deixou a casa e começou a caminhar em direção à praia. Havia algumas nuvens baixas e escuras no céu, o que indicava que choveria logo. No caminho avistou dois homens conversando, sentados em suas banquetas, com as varas de pescar fincadas na areia. Kate não pôde entender o que diziam, pois o barulho das ondas rebentando na praia encobria o som de suas vozes. Mesmo assim, tinha certeza de que o assunto girava em torno de iscas, barcos e o produto da pescaria do dia anterior. Sabia que aquela tranqüilidade lhe fazia bem. Ver pessoas tão calmas como os dois pescadores era uma situação rara no continente. Na ilha todas viviam bem, e isso a agradava muito.

O vento fazia seus cabelos flutuarem, afrouxando os grampos que os prendiam. Parada próxima às águas, ficou de frente para o mar, com os olhos perdidos na imensidão.

Precisava meditar sobre o que acabara de descobrir a respeito de Ky. A brisa batendo-lhe no rosto a ajudaria a conservar as idéias claras e os pensamentos coerentes. Talvez o cheiro do mar e o barulho das águas a fizessem recordar aquilo que um dia tivera e que rejeitara em prol de sua carreira.

No passado ela fora capaz de delirar, de vibrar com as belezas da vida e da natureza. Ky lhe fizera perceber o mundo de uma outra forma, muito mais sensível. Ao lado dele Kate sentira-se mulher e entregara-se às emoções.

Mas ela preferia uma existência calma e organizada às constantes e loucas aventuras; a estabilidade financeira, às dificuldades materiais advindas de uma vida em comum dedicada somente à natureza e ao amor.

Com o vento batendo-lhe no rosto, assistiu à chuva que começava a cair como uma cortina escura a cobrir o oceano. Se o passado fora um tesouro que ela perdera, nenhum gráfico seria capaz de trazê-lo de volta. Desde pequena ela fora ensinada a nunca voltar atrás em suas decisões.

De alguma forma, os dois haviam transformado suas horas de trabalho em busca do "Liberty" numa atividade tão intensa e agitada que já era possível permanecerem juntos sem problemas. Mas a tensão da convivência ia aos poucos deixando Ky nervoso, a ponto de cometer algum erro nos momentos em que nenhum mergulhador poderia cometê-los.

Ver Kate, estar ao seu lado, sabendo que ela não mais o desejava, doía mais do que quando estavam distantes. Para ela, Ky era apenas um meio para atingir um objetivo, uma ferramenta que usava da mesma forma que um livro em sua sala de aula. O único culpado deste sofrimento parecia ser ele mesmo.

Mas, como tinha aceitado os termos do acordo, agora só lhe restava criar coragem para enfrentá-los.

Ele não ouvira mais a risada dela desde aquele primeiro mergulho, e sentia falta disso. Tanto quanto sentia falta de seus beijos, da sensação de tê-la em seus braços. Kate não lhe daria nada disso de livre e espontânea vontade, e ele já estava quase convencido de que não moveria um dedo para tê-la de volta.

Mas à noite, sozinho, com o som das ondas chegando-lhe aos ouvidos, ele não estava certo de que desistir deste amor fosse a melhor alternativa. Tinha de consegui-lo. Fora a feroz luta pela sobrevivência que o mantivera de pé nos últimos anos. A rejeição de Kate o abatera a princípio, para então tornar-se a fonte de energia de que ele necessitava para continuar batalhando. Kate fora a razão de ele ter arriscado cada centavo que possuía na compra do "Paraíso". Ele precisava de algo concreto que lhe garantisse segurança, e o restaurante lhe dera isso. Uma sensação de posse, de responsabilidade, que Ky no passado julgava desnecessária.

Agora, na mesma praia, com uma distância de talvez alguns metros a separá-los, Kate e Ky apreciavam o mar e a chuva, sem se dar conta da presença um do outro. Seus pensamentos eram idênticos e repletos de recordações. À medida que a chuva se aproximava, a força do vento ia aumentando. Ambos reconheciam a inquietação que crescia dentro de si, mas nenhum era capaz de reconhecer que estava na hora de acabar com aquela solidão.

Quando se viraram para subir as dunas, avistaram-se.

Kate não entendia como, estando tão perto, não haviam notado a presença um do outro. Seu corpo e sua mente, sempre tão calmos, arderam em agitação quando ela o viu. O que sentia estava acima de seu controle. Sabendo que fugir seria como admitir a própria derrota, deu o primeiro passo em direção a Ky. O fino tecido branco de que era feita a sua saia ondulava com o vento. Sua pele clara dava destaque aos olhos escuros. Mais uma vez ele voltou a pensar em sereias, em ilusões e sonhos.

— Você sempre gostou de vir à praia antes de um temporal — ela disse quando se

aproximou.

— Não vai demorar muito. — Ky colocou as mãos nos bolsos da frente de seus jeans. — Se você não trouxe o carro, vai ficar molhada.

— Eu estava visitando Linda. — Kate olhou para o mar, a fim de observar a chuva. — Não, não deve demorar muito. Mas não importa — murmurou. — Temporais como esse são passageiros. Eu conheci Hope. Você estava certo.

— Sobre o quê?

— Ela se parece com você. Sabia que colocou o seu nome num boneco?

— Um dragão não é um boneco. — corrigiu. Um discreto sorriso curvou-lhe os lábios. Ky podia resistir e se mostrar indiferente a muitas coisas, durante o tempo que desejasse, mas isso era impossível quando se tratava de sua sobrinha. — Ela é uma grande garota. Um futuro marinheiro, ou melhor, marinheira.

— Você a leva para passear em seu barco?

Ele percebeu o tom de espanto e deu de ombros.

— E por que não? Ela gosta da água.

— Eu não consigo imaginá-lo... — Interrompendo-se, Kate tornou a fitar o mar. Não, ela não conseguia vê-lo entretendo uma criança com dragões de brinquedo e passeios de barco, assim como era difícil imaginá-lo no mundo dos negócios, discutindo assuntos comerciais com um contador. — Você me surpreende em muitos aspectos!

— Por exemplo?

— Linda me contou que você é o dono do "Paraíso".

Ky não precisou olhar para o rosto dela para saber que se estampava nele aquela típica expressão pensativa.

— É verdade, ou pelo menos da maior parte dele.

— Você não me disse nada quando jantamos lá.

— E por que deveria? — Kate não precisou olhar para saber que ele estava encolhendo os ombros. — A maioria das pessoas não se importa em saber quem é o proprietário de um restaurante desde que a comida seja boa e o atendimento rápido.

— Acho que eu não sou como a maioria das pessoas — ela disse em voz tão baixa que Ky mal pôde entender.

— E por que isso importaria a você? — perguntou, tenso.

Antes que tivesse tempo de raciocinar, ela se virou, com os olhos cheios de emoção.

— Porque isso tudo me importa. Porque tantas coisas mudaram e tantas coisas continuam as mesmas. Porque eu quero... — Interrompendo-se, ela deu um passo atrás. A expressão em seus olhos era de pânico no momento em que tentou fugir.

— O quê? — Ky agarrou seu braço, exigindo uma resposta. — O que é que você quer?

— Eu não sei — ela gritou, sem se dar conta de que era a primeira vez que pronunciava essa frase em anos. — Eu não sei o que eu quero... Não entendo...

Impaciente, ele a puxou de encontro a seu corpo, acariciando seu rosto.

— Esqueça-se de tudo que não esteja aqui e agora. — Ver Kate num momento em que não esperava fez suas emoções vacilarem. — Você me abandonou uma vez, mas eu não vou rastejar aos seus pés de novo. — Depois de uma pausa, ele acrescentou: — Garanto que não vai ser tão fácil fugir de mim desta vez.

Ky apertou mais os braços ao redor do corpo de Kate. Seus lábios, ávidos de paixão, procuraram pelos dela, ameaçando, prometendo. Mas Kate não percebia nada disso; nada mais lhe importava. Era o sabor daqueles lábios que ela queria sentir. Mais tarde ela pensaria nas conseqüências.

— Diga-me o que você quer, Kate. — A voz dele era baixa, ofegante. — Vamos, diga-me agora.

Agitada, ela apenas balançou a cabeça. O calor da respiração de Ky junto à sua pele bastou para que o desejo que ela tanto procurava reprimir tomasse conta de seu corpo.

— Você — ela murmurou. — Apenas você. — Abraçando-o, Kate ergueu a cabeça e ofereceu-lhe os lábios.

Foi um beijo selvagem e apaixonado, acompanhado do barulho estrondoso do rebentar das ondas e da ameaça da chuva se aproximando.

Ela podia sentir a pressão do corpo de Ky junto ao seu, ao mesmo tempo em que a boca dele parecia querer devorá-la.

Kate era capaz de fazê-lo delirar de desejo com uma simples carícia. Como era bom sentir novamente a delicadeza e o calor que dela emanavam. A pele de Kate parecia tão sensível quanto a pétala de uma rosa, e seu perfume era tão suave. As recordações, o momento presente, as fantasias e desejos, tudo isso se misturava na cabeça dele, enlouquecendo-o.

Queria levá-la para junto do mar e lá fazer amor... E nessa hora o céu derramaria sobre os dois uma chuva doce e revigorante.

— Eu a quero muito... — Com o rosto tocando o pescoço de Kate, procurava excitá-la. — Você sabe o quanto. Sempre soube.

— Sim... — A cabeça de Kate agitava-se de um lado para outro.

Cada pequena palavra sussurrada contribuía para aumentar seu desejo.

Sim, ela sabia o quanto Ky a desejava. Não importavam as inúmeras perguntas a respeito dele que ainda permaneciam sem resposta, ela jamais chegara a duvidar da intensidade de seus sentimentos.

Havia, no entanto, outras coisas em que pensar. A conclusão da audaciosa tarefa empreendida por seu pai; a carreira pela qual ela batalhara com tanto afinco; o departamento de inglês da Universidade de Yale, que viria a chefiar um dia...

— Nós não podemos — disse Kate, tentando desvencilhar-se dos braços de Ky. — Eu não posso... — Desta vez, quando tocou o rosto dele com as mãos, foi para afastá-lo. — Isso não seria sensato.

Os olhos de Ky só revelavam frustração.

— Sensato? Como você consegue desperdiçar um momento como este falando em sensatez? Será que daquelas vezes em que nos amamos eu não representei para você nada além

de um passatempo sem conseqüências?

— Está enganado. Você foi muito importante para mim e sempre me atraiu muito, mas não é isso que desejo agora.

Os dedos dele apertaram com mais força os braços de Kate.

— Eu pedi que você me dissesse o que queria. E você o fez. —; Enquanto Ky falava, a chuva começou a cair e os deixou ensopados em pouco tempo. Parados, tão próximos e tão distantes, eles permaneceram calados por alguns segundos. Ela via a água escorrer pelo corpo de Ky, excitada. Não sabia dizer por que, mas não cederia outra vez.

— Naquele momento eu quis tê-lo, não posso negar.

— E agora? — ele perguntou com voz firme,

— Agora eu quero voltar à vila.

— Não foi isso o que eu perguntei, Kate. O que mais você quer?

Ela o fitou, e os olhos dele estavam muito escuros, tempestuosos como o mar. De alguma forma, parecia mais difícil resisti-lo quando estava assim, irritado, quase sem controle. Kate sentiu um peso no coração e um frio no estômago. Isso era tudo, ela disse a si mesma. Nisso se resumiam os seus sentimentos por Ky. Um desejo sem explicação, uma paixão sem futuro e emoções irracionais.

— Nada que você possa me dar — ela sussurrou, ciente de como seria difícil reunir forças para ir embora, até mesmo para dar o primeiro passo. — Nada que tenhamos para dar um ao outro. Eu vou embora.

— Você voltará para mim — Ky prometeu, enquanto ela começava a se distanciar. — E, se não voltar — acrescentou, num tom que a fez hesitar —, não fará diferença. Nós apenas estaremos terminando o que nem recomeçamos.

Ela estremeceu, mas continuou andando. Terminar o que nem haviam recomeçado. Isso era o que Kate mais temia: um recomeço.

CAPÍTULO VI

O temporal havia passado. Pela manhã o mar estava calmo e azul, iluminado por um céu límpido e sem nuvens.

O dia parecia perfeito para mais uma jornada no mar, apesar do estado em que se encontravam os nervos de Kate. Foi o compromisso assumido consigo mesma e o acordo firmado com Ky que a fizeram caminhar até o porto, quando sua vontade era abandonar tudo e retornar a Connecticut. Mas, se ele era capaz de prosseguir a busca, a despeito do que acontecera entre os dois na praia, então ela também seria.

Talvez Ky tivesse percebido a fadiga em seu rosto, mas não fez nenhum comentário a respeito. Poucas palavras foram trocadas enquanto navegavam para o alto-mar. No convés do barco, mantinham-se bem distantes um do outro. Enquanto Ky permanecia atento junto ao leme, Kate dirigiu-se para a popa, onde ficou sentada, em silêncio.

Depois de fazer uma verificação nos instrumentos, Ky constatou que haviam atingido o ponto previsto e desligou os motores. Sem se falarem, começaram a se aprontar para o mergulho. Puseram os trajes, as lanternas foram fixadas à cabeça, junto com as máscaras. Inspecionaram as válvulas dos tanques e os prenderam às costas, apertando as fivelas. Ky entrou na água primeiro e esperou até que Kate se juntasse a ele.

A euforia logo tomou conta de Kate, pois o mar tinha sempre alguma coisa nova e fascinante para exibir aos seus olhos.

Mantendo-se sempre à vista um do outro, eles iniciaram sua trajetória em direção aos trechos mais profundos. Kate sabia que Ky mergulhava sozinho, e que essa era uma prática bastante arriscada. Sabia também que, independente da raiva e do ressentimento que ele pudesse estar alimentando, jamais colocaria sua vida em risco.

Confiava tanto nos instintos dele quanto em sua habilidade. Era a perícia de Ky que os estava guiando agora, talvez mais do que os cuidadosos cálculos de seu pai. Eles ainda estavam na extremidade do território traçado nos mapas pelo Sr. Hardesty, mas Kate não se sentia desanimada. Se não tivesse confiança na habilidade e nos instintos de Ky, nunca teria voltado a Ocracoke.

Quando ele lhe fez sinal para que desligasse a lanterna, ela o obedeceu sem vacilar. Uma sensação de deslumbramento a invadiu, pois a luz do sol estava um pouco acima deles, e seu brilho penetrava as águas do oceano proporcionando um espetáculo muito bonito. Vez por outra um peixe, curioso e valente, surgia ao lado deles, para em seguida desaparecer nas profundezas, com movimentos tão ligeiros que mal se podia acompanhá-los com os olhos.

Ky nadava com calma, sem perder o ritmo. A claridade de suas lanternas, agora acesas novamente, permitia que vissem melhor o caminho e afastava os peixes que se escondiam em rochas existentes no fundo do mar há séculos.

Havia tanto para ver e tocar. Crustáceos de diferentes formas, tamanhos e cores. Ali, em seu próprio *habitat,* eles eram livres e felizes, bem ao contrário do que seriam se estivessem na praia, desamparados, sendo recolhidos e atirados em pequenos baldes pelas crianças. Peixes exóticos de todos os tipos mostravam-se e sumiam na farta vegetação marinha. Diferentes dos golfinhos e dos homens, algumas criaturas jamais conheceriam a emoção de poder viver tanto em terra como na água.

Num dado momento, o foco de luz emitido pela lanterna de Kate incidiu sobre alguma

coisa escondida sob uma grossa camada de cracas. Curiosa, ela se deteve para observar. Era estranho, pensou, a forma como algumas rochas estruturavam-se. Aquela, em particular, até se parecia com um objeto.

Hesitante, ela se aproximou para examinar os detalhes. A euforia que se apossou de Kate foi tão intensa que ela sem querer agarrou o braço de Ky. A primeira idéia que passou pela cabeça dele foi a de que Kate estava tendo problemas com o equipamento. Com um gesto de cabeça, ela o informou de que não se tratava disso. Em seguida apontou com o braço para a estranha formação.

Quando as luzes das lanternas juntas iluminaram o objeto, Kate quase soltou um grito de alegria pela descoberta. Embora corroído e coberto de crustáceos, podia-se afirmar com segurança que se tratava de um canhão.

Ky aproximou-se e, com ò cabo de sua faca, deu algumas pancadas na estrutura do canhão. O ruído metálico produzido soava de maneira estranha. Kate tinha certeza de que nunca ouvira nada mais musical.

A alegria era tanta que ela não conseguiu conter o riso. Uma longa fileira de bolhas de ar se formou sobre sua cabeça. Ky olhou em sua direção e sorriu também, expelindo outras tantas bolhas.

Haviam achado um canhão enferrujado, e ela estava tão feliz como se tivesse descoberto uma arca cheia de moedas de ouro. Ele compreendia a razão disso. O velho canhão talvez estivesse perdido ali há mais de duzentos anos. Isso só já bastava para transformá-lo num tesouro.

Fazendo um movimento com a mão, Ky ordenou-lhe que o seguisse. Se haviam encontrado um canhão, era possível que, vasculhando os arredores, acabassem descobrindo mais coisas.

A princípio, Kate relutou um pouco em abandonar sua primeira descoberta, mas depois concordou em acompanhá-lo. Ela não imaginara que aquela busca pudesse ser tão emocionante.

A idéia de estar diante de um objeto que talvez estivesse ali por mais de dois séculos a fascinava. Imagine o que seus amigos de Yale diriam disso... E pensar que Ky compartilhava de tudo, de cada pequena descoberta! Seus colegas dariam uma interpretação intelectual ao caso, mas o raciocínio científico não faz ninguém ter vontade de dar cambalhotas, e eles nunca sentiriam a alegria que ela experimentava agora.

Talvez seu pai tivesse vibrado muito com isso. Ela gostaria de poder ter-lhe dado essa emoção, mas Edwin Hardesty ficara apenas na fase de planejamento, de criação de teorias, de pesquisas em livros. Ela, com uma longa olhada para aquele canhão antigo, aprendera muito mais do que o pai em tantos anos de pesquisa.

Quando Ky a tocou nos ombros, suas emoções estavam tão embaralhadas quanto seus pensamentos. Se pudesse falar naquela hora, mesmo sem saber por que, teria pedido a ele que a tomasse nos braços. Estava feliz, mas em meio a essa felicidade existia uma ponta de tristeza, por tudo que havia perdido e que jamais seria capaz de reencontrar. Talvez Ky soubesse o que a abalava. Não se podiam comunicar através de palavras, mas ele lhe tocou o rosto com os dedos, reconfortando-a. O gesto valeu a ela mais do que qualquer coisa que Ky pudesse dizer. Ela compreendeu, então, que nunca havia deixado de amá-lo. Não importa por quantos anos ou por quantas milhas eles tivessem se mantido distantes um do outro. A vida para ela nos últimos quatro anos fora, apesar das inúmeras atividades a que se dedicara, um completo e triste vazio. Era possível continuar para sempre dessa forma, mas não depois de haver provado o sabor da liberdade e da verdadeira vida. Kate poderia ter entrado em pânico e fugido dali, não fosse o

sucesso da descoberta. Quanto à confusão de sentimentos, por certo o tempo mostraria o melhor rumo a tomar. Ky queria perguntar-lhe o que se passava em seus pensamentos, mas as palavras teriam de esperar. Seu tempo de permanência sob a água estava se esgotando. Mais uma vez ele lhe tocou o rosto e esperou pelo sorriso, que indicaria que estava tudo em ordem. Quando ela sorriu, Ky apontou para algo que tinha acabado de encontrar. Uma prancha de madeira, velha, lascada e coberta de plantas parasitas. Tirou a faca para remover a madeira enterrada escavando. Logo em seguida, acenou com o polegar para Kate, indicando que deveriam voltar à tona. Ela sacudiu a cabeça para os lados, indicando que preferia continuar a busca. Ky apontou para o relógio que marcava a quantidade de ar existente no tanque, fazendo-a entender que não era uma questão de escolha.

Frustrada, ela teve de concordar, e os dois rumaram para o oeste, de volta ao barco. Quando passaram ao lado do canhão, Kate admirou-o mais uma vez, orgulhosa. Ela o encontrara. E as descobertas estavam apenas começando.

No instante em que pôs a cabeça fora da água, ela começou a rir,

— Nós o achamos! — E agarrou-se à escada do barco com uma das mãos, enquanto Ky subia na frente e colocava a prancha e seu tanque de ar no convés.

— Eu não consigo acreditar... É incrível, aquele canhão perdido lá embaixo todos estes anos. — Gotas de água escorriam-lhe pelas faces, mas ela nem notou.

— Nós precisamos encontrar o casco do navio, Ky. — Impaciente, retirou os tanques e subiu a bordo.

— As chances são boas, me parece.

— Finalmente! — Kate sacudiu a cabeça a fim de afastar os cabelos molhados que lhe cobriam os olhos.

— Nós achamos isto em uma semana! — Ela apontou para a prancha no convés. — Nós descobriremos o "Liberty".

— Nós descobrimos os destroços de um navio — ele corrigiu. — Talvez não do "Liberty".

— Mas é — ela afirmou com tamanha convicção que deixou Ky surpreso. — Nós encontramos o canhão e isso bem na extremidade da área marcada por meu pai.

— Independente de ser ou não o "Liberty", o seu nome irá para os livros, professora.

A maneira como Ky disse aquilo a irritou.

— Eu não estou interessada em que meu nome vá para os livros.

— O nome do seu pai, então. — Ky desceu o zíper do traje, permitindo que sua pele secasse ao sol.

Kate lembrou-se de sua emoção ao localizarem o canhão e de como Ky parecia tê-la entendido bem. Será que só eram capazes de trocar gentilezas quando estavam debaixo d'água?

— E há algo errado nisso?

— Somente se for uma obsessão. Você sempre teve problemas com seu pai.

— Por que ele não o aprovou? — ela replicou.

— Não, mas porque você dava uma importância exagerada ao que ele queria e se

esquecia de si mesma.

Aquelas palavras atingiram-na como um golpe. Afinal, é sempre doloroso ouvir as verdades.

— Eu vim aqui para concluir o projeto de meu pai. Deixei isso bem claro desde o princípio. E você está recebendo os seus honorários.

— Você ainda está seguindo as instruções dele.

Antes que ela pudesse argumentar, ele se virou e começou a caminhar em direção à cabine.

— Nós vamos comer e descansar antes de descermos outra vez.

Com esforço, Kate conseguiu manter a calma. Queria muito voltar a mergulhar e descobrir mais coisas, mas não para a aprovação do velho "Hardesty", tampouco à de Ky, e sim para sentir-se satisfeita e realizada.

Mais tranqüila, ela observou Ky mexendo num armário.

— Pasta de amendoim? — perguntou ao ver a pequena jarra que ele havia tirado de lá.

— Proteína.

Kate riu, e isso a ajudou a relaxar.

— Você ainda costuma comê-la com bananas?

— É muito bom.

Kate torceu o nariz, duvidando.

— Quando nós acharmos o tesouro — ela disse sem pensar —, eu lhe pago uma garrafa de champanhe.

Os dedos de Ky e de Kate se roçaram quando ele lhe deu um sanduíche.

— Eu vou cobrar essa promessa de você. — Ele apanhou seu lanche e um copo de leite. — Vamos comer no convés.

Ky sabia que permanecer ao lado dela naquela minúscula cabine seria tão difícil como fora da primeira vez, ou da última. Sem esperar para descobrir se ela concordava ou não, ele subiu as escadas de volta para evitar qualquer atrito, e Kate o seguiu.

— É possível que seja bom para você — ela comentou ao dar a primeira mordida no sanduíche. — Mas me parece o tipo de alimentação que uma mãe daria a uma criança de cinco anos que estivesse doente.

— Crianças de cinco anos necessitam de muita proteína. — Sem querer continuar a discussão, Kate sentou-se no convés. Não permitiria que os sutis ataques dele a atingissem, nem pretendia rebatê-los. Estavam naquilo juntos, recordou. Tensão e guerra entre eles não os ajudaria a encontrar o que procuravam.

— É o "Liberty" — ela murmurou, fitando a prancha. — Eu sei que é.

— É possível, mas há muitos navios naufragados nestas águas. Diamond Shoals é um verdadeiro cemitério deles.

— Diamond Shoals fica a cinqüenta milhas ao norte.

— E toda a costa ao longo destas ilhas está cheia de violentas correntezas litorâneas e recifes. Há duzentos anos não se dispunha dos modernos equipamentos de navegação que temos hoje. Eu não saberia fazer uma estimativa do número enorme de navios que naufragaram por aqui desde Colombo até a Segunda Grande Guerra.

— Nós estamos preocupados com apenas um desses navios.

— O problema é este mesmo, não queremos encontrar qualquer navio, mas um específico. No ano passado, após a passagem de dois furacões, acharam restos de embarcações junto à praia de Hatteras. Há dezenas de casas na ilha que foram construídas a partir de peças recolhidas em meio a destroços. — Ky apontou para a prancha. — Aquilo que encontramos pode ou não ser o "Liberty", mas, de qualquer forma, não podemos negar que se trata de um tesouro. Afinal, qualquer coisa que permaneça perdida por mais de duzentos anos deve ser considerada como tal.

Kate preferiu não lhe dizer que não era em qualquer tesouro que estava interessada. Apenas no do "Liberty". Tinha certeza de que ele já sabia disso. Depois de tomar um gole de leite, ela perguntou:

— O que você planeja fazer com sua parte?

Com os olhos meio fechados, Ky encolheu os ombros. Não era uma pessoa ambiciosa.

— Comprar outro barco, talvez.

— Com o que o ouro de duzentos anos deve estar valendo hoje, você poderia comprar um dos melhores.

— É o que pretendo — ele disse, sorrindo. — E você?

— Eu não estou certa. —- Kate gostaria de ter algum objetivo definido para o dinheiro, algo que causasse grande excitação. Mas no momento parecia impossível pensar noutra coisa que não fosse a aventura da busca em si. — Eu pensei em viajar um pouco.

— Para onde?

— Grécia, talvez. Gostaria de conhecer as ilhas gregas.

— Sozinha?

A comida e o suave balanço do barco atuavam nela como um calmante, relaxando-a.

— Não existe algum dedicado professor que você gostaria de levar junto? Alguém com quem você pudesse discutir a guerra de Tróia?

— Eu não quero ir para a Grécia com um dedicado professor.

— Alguém mais?

— Ninguém.

— Por quê?

— Pare de me fazer tantas perguntas.

— Por que é que você não tem um namorado?

A paz interior e a sonolência que Kate começava a sentir desapareceram. Ky viu os dedos dela enrijecerem-se sobre o tecido azul-escuro de sua roupa, demonstrando nervosismo.

— Não é de sua conta se eu tenho ou não.

— Você acabou de me contar que não tem.

— Eu apenas disse que não havia ninguém que eu gostaria de levar comigo na viagem — ela corrigiu, mas, quando começou a se levantar, ele a impediu.

— É a mesma coisa.

— Não, não é. E eu torno a repetir que minha vida não é da sua conta, assim como a sua vida não é da minha.

— Eu tive algumas mulheres — ele disse com tranqüilidade. — Mas nenhuma namorada desde que você deixou a ilha.

Kate sentiu-se invadida por um misto de dor e prazer. Era perigoso permitir que essa sensação perdurasse. Tão perigoso quanto seria perder-se nas profundezas do oceano.

— Pare! — Ela tentou afastar a mão dele de seu ombro. — Isto não é bom para nenhum de nós.

— Por quê? Se nós nos queremos um ao outro?

— Ky, eu não estou preparada — ela respondeu, depois de uma breve pausa. Sua voz era baixa e revelava certa insegurança.

Ele a puxou, ficando ambos frente a frente. Embora fosse uma mulher alta, sua magreza a fazia parecer muito frágil. Seus olhos demonstravam medo, e Ky só não lhe arrancava o que tanto queria porque percebeu o temor de Kate, como a implorar-lhe que não o fizesse. Não naquele momento.

— Eu não sou um homem paciente.

— Eu sei disso.

Ky a soltou, enquanto ainda era capaz de controlar as emoções.

Uma hora mais tarde mergulharam mais uma vez. A menos de três jardas de distância do canhão havia uma cordoalha semi-destruída. Com gestos de mão, Ky indicou que deveriam começar a juntar num mesmo local tudo o que achassem. Depois então voltariam, munidos dos apetrechos necessários para levá-los para cima. Havia mais pranchas espalhadas pela área, algumas tão grandes que apenas um homem forte poderia carregá-las, outras tão pequenas que Kate poderia segurá-las com uma das mãos.

Ao descobrir uma tigela de barro, intacta, Kate imaginou como deveria se sentir um arqueólogo ao encontrar, após horas de escavação, algum objeto ou fragmento remanescente de outras eras. Tinha em suas mãos uma tigela coberta de sedimentos e de história. Alguém comera nela um dia, talvez um marinheiro, enquanto descansava sentado no convés do navio, viajando pelo Atlântico em direção ao Novo Mundo.

A cordoalha, o canhão, as pranchas lembravam o navio. A tigela lembrava o homem.

Embora colocasse a tigela junto com os outros achados, Kate pretendia levá-la consigo para a lancha assim que Ky desse a ordem de subida. Quaisquer outros artefatos que encontrassem poderiam ser doados a um museu, mas daquele em particular ela não abriria mão.

Em pouco tempo conseguiram reunir um bom número de objetos: pedaços de louça, xícaras e garrafas. Haviam achado a cozinha do navio, concluiu Kate.

Com o passar dos anos, a pressão da água teria desintegrado a embarcação, reduzindo-a a migalhas espalhadas pelo fundo do oceano, como se fizessem parte do mundo submarino.

Precisavam achar alguma coisa com o nome "Liberty" inscrito, para que tivessem certeza de que os objetos encontrados faziam parte do tesouro descrito por Hardesty.

Com o uso de uma faca, Kate começou a escavar. Não era uma maneira prática de procurar, mas não havia nenhum mal em tentar a sorte.

Ao desenterrar uma grande colher de pau... sentiu-se muito satisfeita. Em pouco tempo ela seria capaz de provar a Ky que os destroços pertenciam ao "Liberty".

Radiante e orgulhosa de seu achado, Kate girou o corpo para comunicar-se com Ky, sem perceber que muito próximo dela estava uma criatura muito perigosa, uma raia-lixa.

Ky, que não devia estar a mais de um metro de distância dela, percebeu o movimento da raia, libertando-se da areia e dos sedimentos que a cobriam, Num gesto rápido, agarrou a mão de Kate e a puxou, tentando tirá-la do alcance do terrível peixe. Mas não houve tempo para tanto, e Kate foi chicoteada pela ligeira e maléfica cauda da raia.

Seu grito foi abafado pela água, entretanto Ky pôde ouvi-lo. Seu corpo enrijeceu-se, devido à dor e ao choque. A colher que ela achara soltou-se de sua mão já sem forças, indo depositar-se no fundo do mar.

Ky sabia o que fazer. Nenhum mergulhador sensato desceria para o fundo do mar a menos que tivesse conhecimento de como agir em casos de emergência. Mesmo assim, precisou se esforçar para dominar o pânico. A pessoa que necessitava de socorro não era apenas um outro mergulhador, era Kate.

Frio, com movimentos quase mecânicos, inclinou a cabeça dela para trás a fim de permitir que a passagem de ar permanecesse aberta. Segurou-a com força, pressionando o peito contra os tanques e a mão contra as costelas de Kate. Em seguida voltou para a superfície.

Durante a subida apertava-a, obrigando o ar a sair dos pulmões. Havia sempre o risco de embolia, pois estavam subindo a uma velocidade muito superior à aconselhável. Mesmo enquanto ventilava seus próprios pulmões. Ky mantinha-se atento. Ela iria sangrar, e o sangue atrairia tubarões.

Quando atingiram a superfície, tratou de desatar o cinto de Kate. Agarrou-se à escada do barco com a mão direita e segurou-a com o outro braço. Em seguida soltou os próprios tanques e os atirou ao convés, fazendo o mesmo com os de Kate. Seu rosto estava branco como cera, mas quando removeu-lhe a máscara, ela soltou um pequeno gemido. Carregando-a nos ombros, Ky subiu a bordo do "Tufão".

Colocou-a deitada no convés e, sem vacilar, tirou-lhe o traje de mergulho. Ela gemeu no momento em que ele puxou a parte do traje que estava sobre o ferimento, bem acima do tornozelo.

Com uma expressão de terror no rosto, Ky examinou a área atingida. Estava pior do que imaginava. Apesar da proteção oferecida pela roupa de mergulho, o espinho havia penetrado até o fundo da pele. Se ao menos ele tivesse sido mais rápido...

Amaldiçoando-se pelo ocorrido, foi até a cabine buscar o estojo de primeiros socorros.

Aos poucos Kate foi voltando à consciência e sentiu uma terrível dor percorrer-lhe o corpo, desde o tornozelo até a cabeça, consumindo o pouco de energia que ainda lhe restava. Seu sofrimento era tão grande que ela se contorcia de um lado para outro, tentando encontrar alívio.

— Tente permanecer quieta — Ky pediu, com voz calma e doce. Kate cerrou os punhos e esforçou-se para obedecer.

Agachando-se ao lado dela, Ky colocou as mãos sobre seus ombros, de forma que Kate pudesse olhar em seus olhos. Tinha de ter certeza de que ela compreenderia bem o que ia lhe dizer.

— Era uma raia-lixa — disse, omitindo o fato de que o animal devia ter bem uns dez pés de comprimento. — Parte do espinho quebrou e está bem acima de seu tornozelo.

Enquanto falava, via a expressão de tristeza se intensificando nos olhos dela, devido à dor e ao medo.

— Não está cravado tão fundo que eu não possa tirá-lo, mas vai doer muito.

Kate compreendia o que ele estava dizendo. Ela poderia ficar como estava até que chegassem ao médico da ilha, ou confiar nele e permitir que a tratasse ali mesmo. Embora com os lábios tremendo, fitou-o nos olhos e disse:

— Faça o que achar melhor.

— Está bem, agüente firme, então. Não tente ser valente. Grite o quanto quiser, mas procure não se mexer. Eu serei rápido. — Aproximando-se dela, deu-lhe um beijo.

Kate balançou a cabeça e, então, concentrando-se no sabor dos lábios de Ky junto aos seus, fechou os olhos. Em segundos sentiu uma dor aguda, muito maior do que imaginou que pudesse suportar. Inspirou para gritar, mas de sua boca saiu apenas uma golfada de sangue, que se esparramou pelo convés. Ky sabia que isso era bom, pois o sangue trazia para fora parte do veneno que se espalhara pelo organismo.

Depois de retirar o espinho, ele limpou e cobriu o ferimento. Em uma hora estariam no médico.

Com os dedos trêmulos, ele tomou seu pulso. Estava fraco, mas constante. Levantando-lhe uma das pálpebras, examinou também a pupila. Não acreditava que ela estivesse em choque. O desmaio sofrido durante a eliminação de sangue fora apenas uma maneira que seu organismo encontrara de escapar à dor. Ky levantou os olhos e agradeceu a Deus por isso.

Inclinando-se, pôs sua testa em contato com a de Kate por um momento, e rezou para que ela permanecesse inconsciente até que estivesse segura, sob os cuidados do médico.

Segurando o leme, partiu a toda velocidade de volta a Ocracoke, onde Kate seria adequadamente atendida.

CAPÍTULO VII

No momento em que começou a recobrar a consciência, Kate abriu os olhos e não mais viu o resplandecente azul do céu. Acima dela havia apenas um teto branco. Sentiu uma mão fria tocar-lhe o queixo e ouviu a voz terna e serena de Ky.

— Acalme-se, Kate. Você está bem agora. Tudo já terminou.

— Ky... — Ao pronunciar seu nome, ela se esforçou para pegar-lhe a mão, algo que lhe daria confiança naquela hora de extrema dificuldade. A própria voz, um pouco debilitada, a assustava.

— Você vai ficar boa. — Enquanto falava, Ky mantinha a mão em contato com seu queixo, sabendo que isso a ajudaria. Ele quase enlouquecera esperando ansioso que os olhos de Kate se abrissem. — O Dr. Bailey esteve aqui. Lembra-se dele? Você o conheceu há quatro anos.

Ela forçou a memória e veio-lhe à mente a figura de um homem velho e forte, com a pele do rosto castigada pelo sol, que mais parecia um pescador do que um médico.

— Sim, eu me lembro. Não é ele que gosta de... de cerveja e solha?

Ky sentiu vontade de rir, assombrado com aquela prodigiosa memória.

— Você vai ficar boa, mas ele quer que você mantenha repouso por mais alguns dias.

— Eu me sinto... estranha. — Ergueu a mão e tocou a própria cabeça, como que para certificar-se de que ainda estava ali.

— Você está sob medicação, por isso se sente atordoada. Compreende?

— Sim. — Com cuidado ela girou a cabeça para observar ao redor. As paredes eram de uma cor branco-marfim. No assoalho de madeira de lei havia um único tapete, com desenhos indianos semi-apagados pela idade. Era a única coisa que Kate reconhecia. No quarto de Ky, todo o resto havia sido colocado e reconstruído depois que ela deixara a ilha.

— Eu não estou no hospital — ela constatou, aliviada.

— Não. — Ky pôs os dedos em sua testa para verificar se a febre não havia retornado. — Foi mais fácil trazê-la para cá depois que o Dr. Bailey a medicou. Não havia necessidade de você permanecer no hospital, e tanto ele quanto eu achamos que não seria uma boa idéia deixá-la no seu quarto do hotel por enquanto.

— Sua casa — ela murmurou, lutando para concentrar as energias. — Este é o seu quarto, eu me lembro do tapete.

Eles haviam se amado ali uma vez. Era disso que Ky se lembrava. Com esforço, ele conseguiu evitar que sua mão começasse a tremer.

— Você está com fome?

— Eu não sei. — Ela não sentia dor alguma, mas, quando tentou se sentar, o medicamento em seu organismo fez com que o quarto e a realidade girassem como um carrossel.

Ky ajeitou os travesseiros junto à cabeceira da cama e a colocou quase sentada.

— O médico disse que você deveria se alimentar quando acordasse. Apenas um pouco de

sopa. — Depois de levantar-se, Ky tornou o olhar para ela e, com um sorriso nos lábios, tentou reconfortá-la. — Eu vou providenciar sua comida. Não se levante — ele acrescentou, enquanto caminhava em direção à porta. — Você ainda não está forte o suficiente.

No momento em que deixou o quarto, ele balançou a cabeça, desanimado.

É claro que ela não estava forte, sua cor era branca como os lençóis que a cobriam. "Nenhuma resistência", foram estas as palavras que o Dr. Bailey havia usado. Falta de alimentação adequada, falta de sono, excesso de tensão. Se não havia mais nada que pudesse fazer, Ky decidiu, pelo menos cuidaria de Kate com todo o carinho. Abriu o armário da cozinha e começou a preparar uma sopa.

Ela estava fraca, e isso não era bom. Quando mergulharam, a tensão parecia estampada no rosto de Kate, as olheiras, os sinais de fadiga na voz, mas ele estava preocupado demais com seus próprios problemas para fazer qualquer coisa a respeito.

Ele não se lembrava de já ter passado na vida tanto nervosismo como nas últimas vinte e quatro horas. Mesmo depois que o médico a havia examinado e tratado, mesmo depois de tê-la colocado em segurança em sua casa, sob o efeito de analgésicos e sedativos, a tensão e a angústia permaneciam. Kate queimara de febre durante toda a noite, e ele permanecera sentado a seu lado na cama, enxugando-lhe o suor e conversando com ela, mesmo sabendo que não podia ser ouvido.

Sabia que a queria muito, agora talvez ainda mais do que antes. Até o instante em que a viu estendida no convés, com a boca e o pescoço cobertos de sangue, não se havia conscientizado de que a amava tanto.

Ele soubera como enfrentar os próprios desejos, até mesmo a amargura, mas agora, cara a cara com o amor, ele estava indefeso como uma criança. Não lhe parecia possível amar alguém tão frágil, tão calma, tão... diferente dele. Mesmo assim a atração que um dia sentira por ela havia crescido, amadurecido e se transformado em algo sólido do qual ele não poderia fugir. No momento, ele cuidaria dela para que nada de mal lhe acontecesse, pois não era mais possível imaginar a vida sem Kate.

— O cheiro está delicioso — ela observou, quando Ky pôs o prato de sopa a seu lado, na cama.

— Somente o cheiro não será suficiente para colocá-la em forma de novo.

Ela sorriu e, antes que tivesse tempo de pensar, Ky colocou-lhe a primeira colherada na boca.

— O gosto também está ótimo. — Quando Kate esticou o braço para pegar a colher, esta já estava novamente em frente à sua boca. — Eu mesma posso fazer isso.

— Apenas coma. Eu cuido disso — ele disse em tom autoritário, e, tentando imprimir uma certa frieza às palavras, concluiu: — Você está horrível.

— Eu sei. A maioria das pessoas não consegue se manter no auge de sua beleza duas horas depois de ter sido atacada por uma raia-lixa.

— Vinte e quatro — ele corrigiu, enquanto lhe oferecia outra colherada de sopa.

— Vinte e quatro o quê?

— Horas.

— Você está querendo dizer que eu fiquei desacordada durante um dia inteiro? — Olhou

para a janela, procurando pela luz do sol e uma maneira de desmenti-lo.

— Você voltou à consciência e permaneceu assim por alguns segundos antes que o Dr. Bailey lhe aplicasse uma injeção. Ele avisou que você não se lembraria. Graças a Deus.

Ela passara por verdadeira agonia todas as vezes que acordara. Ele ainda podia ouvir os seus gemidos, senti-la agarrando-lhe o braço, como que implorando que a libertasse de tanta dor e desespero. Ky nunca imaginara que alguém pudesse sentir na própria carne todo o sofrimento de outra pessoa como ele o sentira.

— Esse atordoamento deve ser devido à injeção que o Dr. Bailey me deu.

— Ele fez o que era necessário. — Os dois se olharam e neste momento Kate percebeu que Ky estava muito abatido.

— Você esteve de pé a noite toda — ela murmurou. — Não descansou nem um pouco, está com olheiras.

— Você precisava de assistência — respondeu. — O médico preferiu mantê-la desacordada durante o período de dor mais intensa. — O tom de sua voz era suave, o que tranqüilizava Kate. — O ferimento não foi tão sério assim, compreende? Mas você não estava em condições físicas para enfrentá-lo. O Dr. Bailey disse que você estava a caminho de uma séria e total estafa, por livre e espontânea vontade.

— Isso é ridículo. Eu não...

Ky não a deixou prosseguir e colocou mais uma colherada de sopa em sua boca.

— Não me diga que isso é ridículo. Eu tive de ouvir o que o médico dizia e não pude discordar dele, vendo o seu estado. Você não come, não dorme... vai acabar se arruinando.

Havia ainda muito do sedativo em seu sistema nervoso para permitir que discutisse e contra-atacasse. Em vez de irritadas, suas palavras saíram como um suspiro, de tão suaves.

— Eu não me arruinei ainda.

— É apenas uma questão de tempo, e tenho certeza de que você só conseguirá desfrutar do tesouro se estiver em plena forma.

A sopa a aquecia e, aos poucos, seu rosto tornava-se mais vivo e adquiria um tom rosado.

— Eu estarei em forma — ela disse, sem perceber que suas palavras começavam a se embaralhar. — Nós mergulharemos amanhã, e eu vou lhe provar que o navio que encontramos é o "Liberty".

Ele se preparou para discutir com ela, mas, vendo que seus olhos estavam tristes e pesados, decidiu calar-se.

— É claro — disse com voz calma, sabendo que ela logo adormeceria.

— Eu doarei a colher de pau, a cordoalha e todo o resto a um museu. — Os olhos dela se fecharam. — Por meu pai...

Ky colocou o prato no chão.

— Sim, eu sei.

— Isso era muito importante para ele. Eu preciso... eu preciso fazê-lo em sua memória. — Seus olhos se abriram. — Eu não sabia de sua doença. Ele jamais me disse algo sobre seu

coração. Se eu soubesse...

— Você não poderia ter feito por ele mais do que fez. — A voz de Ky era macia e soava meiga como uma canção de ninar.

— Eu o amava muito.

— Eu sei que sim. — Ky ajeitou os travesseiros e colocou-a deitada. — Agora descanse. Quando você estiver bem, nós dois encontraremos o tesouro.

— Ky... — Esticando o braço, Kate segurou a mão dele e fechou os olhos, sentindo-se tranqüila por ele estar ali.

— Eu ficarei aqui — ele murmurou. — Agora procure repousar.

— Durante todos esses anos... — Ky podia sentir os dedos dela perdendo a força à medida que começava a adormecer. — Eu nunca o esqueci. Nunca deixei de querê-lo. Nunca...

Quando Kate pegou no sono, seu rosto estava tranqüilo, pálido como mármore e suave como seda. Não conseguindo resistir, Ky levantou a mão dela e a colocou contra seu próprio rosto, apenas para sentir o contato com sua pele. Decidiu descansar um pouco, pois, do contrário, não teria forças para cuidar dela quando o efeito dos remédios passasse.

Depois de fechar a veneziana, tirou a camisa e deitou-se na cama ao lado da de Kate.

Durante a noite ela acordou sentindo muita dor, pois já havia acabado o efeito dos medicamentos. Começava a reordenar seus pensamentos.

Permaneceu deitada e, aos poucos, lembrou-se do que se passara. Ouvindo o som tranqüilo da respiração de Ky, virou a cabeça e o viu deitado na cama ao lado. A luz do luar banhava a pele de seu peito.

Ky tinha dito que ficara com ela todo o tempo, lembrou-se. E havia sinais evidentes de fadiga em seu rosto.

Uma branda onda de calor percorreu o corpo de Kate. Emocionada, estendeu o braço até ele e o tocou no rosto.

Embora o gesto tivesse sido leve como um sussurro, Ky despertou assustado. Seu sono na verdade não fora mais que um cochilo, mas suficiente para repor as energias. Sentando-se na cama, ele sacudiu a cabeça, como que para despertar por inteiro. Parecia um menino que acabava de voltar ao mundo depois de uma rápida soneca.

— Eu não pretendia acordá-lo — murmurou.

— Está sentindo dor? — ele perguntou, depois de ter acendido a luz.

— Não.

A resposta não soou muito convincente aos ouvidos de Ky. Estudando-a com cuidado, notou que o aspecto vidrado dos olhos, causado pelos remédios, havia desaparecido, mas a cor normal ainda não retornara.

— Tem certeza?

— Está bem. Dói um pouco.

— O Dr. Bailey deixou algumas pílulas.

Quando ele se preparou para levantar, Kate o segurou.

— Não, eu não quero tomar nada. Os remédios me deixam grogue.

— Mas tiram a dor.

— Não agora, Ky, por favor. Eu prometo que avisarei se piorar.

Aquelas palavras, pronunciadas em tom de súplica, revelavam tanta fragilidade que Ky não teve coragem de discutir.

— Está bem. Você está com fome?

Ela sorriu e sacudiu a cabeça.

— Não. Devemos estar ainda no meio da noite. — Ela o tocou, em sinal de gratidão. — Você deve dormir.

— Eu já descansei o suficiente. E, de qualquer modo, a paciente é você.

De uma maneira quase automática, ele encostou a mão na testa de Kate para verificar se havia febre. No mesmo instante, ela levantou a mão e colocou-a sobre a dele, percebendo que seus dedos se tornaram tensos no momento do toque.

— Obrigada, Ky, por você ter tomado tão bem conta de mim.

— Você estava necessitando — ele respondeu sem olhá-la. Não podia permitir que Kate o excitasse naquela hora, não quando estavam justamente naquele quarto repleto de recordações.

— Você não saiu do meu lado desde que fui atingida pela raia, não é?

— Eu não tinha nenhum lugar para ir.

A resposta dele fez Kate sorrir.

— Você se aborreceu comigo?

— Você não tem se cuidado direito.

Ele dizia a si mesmo que deveria se afastar da cama de Kate e de tudo que pudesse fazê-lo fraquejar. No entanto, permaneceu inclinado sobre Kate, com uma das mãos presa pela dela. Ele queria segurá-la até que não houvesse mais dor para nenhum dos dois, mas sabia que, se pressionasse seu corpo contra o dela naquela hora, não poderia parar, não resistiria à tentação. Tentou mover-se, puxando a mão. Mais uma vez Kate o impediu.

— Eu teria morrido se você não me trouxesse para a superfície.

— É por essa razão que é sempre bom mergulhar com um companheiro.

— Eu ainda poderia ter morrido se você não tivesse feito tudo o que fez.

— O ferimento não foi assim tão sério — ele disse, tentando não assustá-la.

— Eu nunca vi uma raia-lixa daquele tamanho.

— Não pense nisso agora. Tudo já acabou.

"Estava tudo acabado mesmo?", ela se perguntou ao levantar a cabeça e ver o brilho dos olhos de Ky. Durante quatro anos inteiros ela dissera a si mesma que existiam alegrias e dores que podiam ser superadas e esquecidas. Agora, no entanto, já não estava mais tão certa. Mas

necessitava dessa certeza. Mais do que qualquer outra coisa, ela precisava ter certeza de que era possível esquecer aquele amor.

— Abraça-me — ela murmurou.

Estaria tentando deixá-lo louco? Ky questionou-se. Será que Kate estava querendo que ele derrubasse a barreira que ela havia erguido entre eles desde a sua chegada? Talvez ainda estivesse sob o efeito das drogas. Procurando manter a voz calma, ele começou a dizer: -— De manhã...

— Eu não quero pensar no amanhã — ela sussurrou. — Somente o agora me interessa. Quero que você me abrace. — Antes que ele pudesse recusar, Kate colocou os braços ao redor de sua cintura e recostou a cabeça em seu ombro.

Ela sentiu a hesitação de Ky, mas percebeu que ele ainda procurava se conter. Suspirou como que aliviada por estar ali depois de tanto tempo. Era bom ter junto de si aquele corpo másculo e quente. Ky a fazia sentir coisas diferentes e maravilhosas. Ele era carinhoso, compreensivo e ao mesmo tempo arrogante; isso fazia com que fosse especial e imprevisível.

Kate estava tão bela, seu corpo tão suave e irresistível sob o fino tecido da camisola. Ele podia sentir as mãos quentes dela acariciando-lhe as costas, como que a esculpir desejos incontroláveis em seu corpo. Ser amado daquela forma o fazia feliz e eliminava todo o medo. As recordações já não o incomodavam, e nada parecia impedir que a paixão voltasse, a explodir.

Kate percebeu que aos poucos Ky ia se entregando, e sentia-se satisfeita por notar que ainda tinha o poder de seduzi-lo.

— É maravilhoso estar aqui com você... — ela murmurou, inclinando a cabeça para trás.

— Kate...

— Eu nunca esperei que fosse experimentar esta sensação outra vez quando decidi voltar a Ocracoke — disse, interrompendo-o. — Acho que seria um erro não ter voltado...

— Kate, você não está bem — ele disse com medo de causar algum problema. — Você perdeu bastante sangue depois do acidente. Além disso, a febre alta deve ter consumido grande parte de suas energias. Seria melhor que tentasse dormir agora.

Kate não estava com febre no momento. Sentia-se muito bem e cheia de desejo.

— Aquele dia na praia, durante o temporal, você disse que mais cedo ou mais tarde eu acabaria voltando para você. — Subiu as mãos pelas costas de Ky, até chegar aos ombros. — Mesmo naquela hora eu já sabia que um dia voltaríamos a nos entregar um ao outro. Faça amor comigo, Ky, aqui, na mesma cama onde me amou pela primeira vez.

E, pela última, ele se recordou, lutando contra a devastadora torrente de desejos que fluía por todo o seu corpo.

— Você não está bem — ele repetiu.

— Estou bem o suficiente para saber o que quero — Kate insistiu. Depois, com os lábios, roçou o queixo másculo, cuja barba cerrada o tornava ainda mais sensual. — Bem o suficiente para saber o que preciso. Preciso de você. — Aproximou-se ainda mais de Ky, acariciando-lhe o rosto.

Talvez afastar-se dela fosse a coisa mais sensata a fazer. Mas algumas vezes não há lugar para sensatez.

— Amanhã você poderá se arrepender.

Kate esboçou aquele sorriso calmo e sereno que sempre o enternecera.

— Pois então vamos aproveitar esta noite.

Ele não era mais capaz de resistir. Aquele calor... Aquela maciez... A necessidade, o desejo tomando corpo dentro dele, a vontade de amá-la sem pensar que ela ainda estava doente. Recordou a primeira vez em que se haviam entregado um ao outro. Ele fora muito cuidadoso então, tratando-a como a uma boneca de louça. Depois, percebeu que Kate podia amar da mesma forma que ele, de maneira ardente e selvagem. Lembrando-se disso, ele a abraçou com força.

— Vamos aproveitar esta noite — ele concordou, e beijou-a.

Doçura, êxtase, encantamento. Essas palavras ecoaram no cérebro dele; essas sensações percorreram-lhe o corpo da cabeça aos pés, no momento em que se beijaram. Os dois estavam entregues, e o prazer crescia, sem que nenhuma barreira os impedisse de se amarem.

Os dedos de Kate delineavam a face de Ky, como que numa tentativa de reconhecê-lo depois de tanto tempo. Kate podia ouvir as batidas do próprio coração a acompanhar o crescimento de sua excitação. Murmurava palavras que soavam como doces carícias. Quando Kate sentiu-se no ápice da paixão, Ky a beijou de uma forma muito especial, o que a fez delirar de prazer.

Ky percebeu que tinha o domínio da situação e que aos poucos levaria Kate à loucura.

Deslizou as mãos sobre a camisola de Kate, sentindo o calor daquele corpo. Depois de desabotoar um a um todos os botões, ele abriu a camisola dela com a mesma expectativa de quem remove pela primeira vez a tampa de um tesouro de valor incalculável.

Ky jamais se esquecera de como aquela mulher era bela e do quanto sua delicadeza o excitava. Com uma suavidade que jamais demonstrara, ele baixou a cabeça e acariciou com os lábios o corpo ardente de Kate, sentindo cada mínimo desejo que ela manifestava.

Estava dando vida àquela linda mulher. Ela sentia o sangue fervilhar em suas veias. O coração batia tão forte dentro do peito que parecia ter permanecido congelado até aquele momento.

Ela pôde perceber o liso tecido da camisola escorregando-lhe do corpo, removendo a última barreira que ainda a separava do contato pleno com Ky. Ele conhecia cada ponto de seu corpo e sabia o que deveria fazer para provocar-lhe todo o tipo de prazer.

Kate experimentou uma súbita sensação de liberdade no instante em que atingiram o auge de sua relação amorosa. Insaciável em seus desejos, ela corria as mãos pelo corpo dele, pedindo, implorando que lhe desse mais. Sua boca era quente, esfomeada, e cobria-o de beijos no rosto, no pescoço.

— Você me deixa louco — ele murmurou.

— Sim. — Sua voz era ofegante, não mais alta que um sussurro. — Sim...

— Eu quero vê-la estremecer, Kate — ele disse com voz branda, enquanto deslizava seu corpo sobre o dela. — Quero ver o que fazer amor comigo provoca em você.

Ela se arqueou e soltou um gemido de satisfação no momento em que ele a pressionou contra si com mais força. Ky viu os olhos dela se semi-cerrarem, enquanto ele a conduzia em direção à fronteira entre a paixão e a loucura. Ele viu a cor voltar às suas faces; viu seus lábios tremerem na hora em que ela pronunciou seu nome.

A excitação e o prazer perduraram durante todo o tempo em que permaneceram unidos, como um só corpo, desfrutando toda a beleza e a magia que o amor podia lhes proporcionar.

Kate estava como que recomposta de sua enfermidade, nada mais a entristecia, nenhuma dor a incomodava.

CAPÍTULO VIII

Quando Ky acordou, foi imediatamente verificar se Kate dormia com tranqüilidade. Satisfeito, constatou que a palidez havia desaparecido e, em seu lugar, surgira uma suave tonalidade rosada, devolvendo ao rosto dela um aspecto saudável. A respiração estava normal, e a pele, fresca e seca, revelava que a febre não retornara.

Tudo o que ela lhe dera na noite anterior, ele pensou, fora por sua livre e espontânea vontade, sem as marcas sombrias do passado, sem o gosto amargo do arrependimento. Agora, tendo ainda na boca o doce gosto daquele fruto saboroso, estava decidido a não mais deixá-la partir. Desta vez, tudo seria diferente.

A rudeza, a arrogância, a inexperiência, ou talvez uma combinação das três coisas, haviam sido a causa de ela tê-lo abandonado há quatro anos. Mas ele podia tirar proveito das experiências do passado, não repetindo os mesmos erros e conquistando-a para sempre. Pensaria bem em tudo antes de agir, a fim de não correr o risco de ser outra vez abandonado.

Levantou-se, colocou uma roupa e saiu do quarto, tomando cuidado para não acordá-la.

Pouco tempo depois, Kate despertou. Animada com as lembranças da noite anterior, que surgiam em sua mente como se fosse parte de um sonho bom, abriu os olhos, embora preferisse não voltar à realidade. De repente, uma inesperada pontada no tornozelo. Como podia haver dor quando tudo parecia tão perfeito? Com um suspiro, virou-se para o lado e encontrou a outra cama vazia.

O sono que ainda restava desapareceu por completo. Com grande esforço, conseguiu sentar-se na cama, sentindo-se um tanto atordoada.

Um pouco confusa, chegou a pensar que tudo aquilo não tivesse passado de um delírio provocado pelo efeito dos medicamentos que ingerira.

Ela necessitava de Ky, e isso não fora sonho. Mesmo agora tinha uma estranha sensação de frio no estômago devido ao desesperado desejo de tê-lo. Sabia que Ky também continuava apaixonado por ela. Mas a cama vazia ao seu lado confundia seus pensamentos.

A felicidade que sentira ao acordar desvaneceu-se por completo. Kate sentiu-se obrigada a retornar à realidade. Quis chorar, mas descobriu que não tinha energia nem para derramar lágrimas.

— Então você já está acordada!

A voz grave de Ky, quebrando o silêncio, a fez virar a cabeça num gesto rápido e involuntário. Seus nervos retesaram-se. Ele entrou no quarto carregando uma bandeja nas mãos e tinha um sorriso nos lábios.

— Isso me poupa o trabalho de ter de acordá-la. Está na hora de sua alimentação. — Antes de se aproximar da cama, foi até as janelas e abriu as venezianas. A luz do sol penetrou, iluminando o quarto, acompanhada por uma calma brisa que agitava os lençóis de leve, lembrando pequenas ondas a romper a monotonia de um mar sereno. — Como passou a noite?

— Bem — respondeu Kate, um tanto sem graça. Então, cruzou os dedos e permaneceu sentada, imóvel. — Eu quero lhe agradecer por tudo que tem feito por mim.

— Você já me agradeceu uma vez. Não era necessário e continua não sendo. — Preocupado com o tom debilitado da voz de Kate, ele parou junto da cama e deu uma longa e

cuidadosa olhada em seu rosto. — Você está sentindo dor, não está?

— Um pouco.

— Desta vez você vai tomar umas das pílulas. — Depois de colocar a bandeja no colo de Kate, ele foi até a penteadeira e apanhou um pequeno vidro. — E não adianta reclamar — concluiu com voz firme.

— Ky, não é nada sério, eu sei. — Ela nem se lembrava de ele lhe ter oferecido uma pílula antes. O esforço para lembrar disso trouxe-lhe somente mais frustração. — Por favor, não se incomode.

— Eu não me incomodaria com a dor... — ele começou, enquanto se sentava na cama e colocava o remédio na palma da mão dela — se não fosse você que a estivesse sentindo.

Kate experimentou uma sensação de conforto e orgulho naquele instante, tão bom era o que sentia que evitou qualquer movimento, temendo perturbar aquela serenidade.

— Eu não estava sonhando, estava? — perguntou num sussurro.

— Quando?

— Na noite passada. Quando acordei, tive medo de que tudo tivesse sido apenas um sonho.

Ele sorriu e, aproximando-se de Kate, beijou-a nos lábios.

— Se foi, então eu tive o mesmo sonho. — Ky tinha uma expressão alegre nos olhos. — Foi maravilhoso.

— Então não importa se tudo não passou de um sonho.

— Oh, não, eu prefiro a realidade.

Rindo, Kate se preparou para atirar a pílula de volta na bandeja, mas ele a impediu.

— Ky...

— Você está com dor — ele repetiu. — Posso ver isso em seus olhos. O efeito dos remédios que você tomou já passou há horas, Kate.

— E deixaram-me inconsciente por um dia inteiro.

— Mas este é fraco e vai apenas aliviar a dor mais aguda. Ouça — apertou firme as mãos dela — doeu-me muito vê-la naquela agonia toda.

— Ky, não, por favor...

— Nada disso, mocinha. Se não quer fazê-lo por você mesma, faça-o por mim. Fui eu que a vi sangrando no barco, depois perdendo e recobrando a consciência tantas vezes... — Ky afagou-lhe os cabelos com ternura, e depois, colocando a mão no queixo dela, fez com que Kate o encarasse. — Você não pode imaginar o quanto sofri, sabendo que estava tão mal. Não sou capaz de vê-la triste, ou sofrendo. Colabore.

Em silêncio, Kate pegou a pílula, colocou-a na boca e a engoliu com a ajuda de um pouco de suco que ele havia trazido.

— É pouca coisa mais forte que uma aspirina — Ky explicou. — O Dr. Bailey disse que lhe daria algo mais forte se fosse necessário, mas ele preferia que você pudesse se agüentar com

isto apenas.

— Eu tenho certeza de que resolverá. A dor do ferimento não é tão grande quanto o desconforto que ele me causa. — Kate não estava sendo sincera, e Ky sabia disso; no entanto, naquele momento, nenhum deles estava disposto a iniciar uma discussão. Ambos tentavam analisar e medir as conseqüências de suas palavras mesmo antes de pronunciá-las, temerosos de estragar aquilo que poderia ter começado a florescer outra vez.

— O Dr. Bailey disse quando eu poderia voltar a mergulhar?

— Mergulhar?! — Ky ergueu as sobrancelhas em sinal de espanto, enquanto retirava a tampa que cobria o prato com ovos, bacon e torradas. — Kate, você não vai sequer pôr os pés fora desta cama pelo resto da semana.

— O que você está dizendo? Uma semana? — ela perguntou, irritada, como quem estivesse ouvindo o maior absurdo do mundo. — Ky, eu fui picada por uma raia-lixa, não atacada por um tubarão.

— Você foi picada por uma raia-lixa — ele concordou. — E seu organismo estava tão debilitado que o Dr. Bailey quase teve de mandá-la direto a um hospital. Eu entendo que as coisas não devem ter sido fáceis para você desde que seu pai morreu, mas não resolveu nada você ter relegado a segundo plano sua própria saúde.

Pela primeira vez ele mencionava a morte de seu pai, e Kate não conseguiu encontrar o menor vestígio de solidariedade em suas palavras.

— Os médicos costumam exagerar — ela começou, mas foi interrompida,

— Não o Dr. Bailey. — A raiva retornou sem que ele conseguisse evitar. — Ele é um bode velho, descrente e teimoso, mas entende de sua profissão e me disse que você estava caminhando para uma estafa; que sua resistência estava a zero e que seu peso devia estar uns cinco quilos abaixo do normal. Nós vamos dar um jeito nisso, professora — afirmou, pegando o garfo do prato. — começando agora mesmo.

Kate olhou para a comida no prato. Quatro grandes ovos estrelados, seis fatias de bacon e quatro pedaços de torrada.

— Eu estou vendo que você pretende...

— Não quero vê-la doente — ele a interrompeu, enquanto segurava-lhe a mão com firmeza. — E vou cuidar da senhorita, quer goste ou não.

Ela voltou a encará-lo com aquele seu típico jeito calmo e pensativo.

— Não sei se gosto ou não, mas acho que ambos vamos logo descobrir alguma coisa no meio disso tudo.

Com o garfo, Ky começou a preparar o primeiro bocado. Os lábios dela esboçaram um leve sorriso. Jamais fora mimada antes e não pretendia começar agora, depois de adulta.

— Está bem — disse, conformada. — Mas desta vez eu mesma me alimento.

Kate sabia de antemão que não seria capaz de esvaziar o prato, mas, por amor a ele e tentando preservar o ambiente de paz, decidiu comer pelo menos a metade. Essa fora a estratégia de Ky. Se tivesse trazido uma porção menor, ainda assim ela teria se servido apenas da metade, e estaria comendo menos. Ele a conhecia melhor do que imaginava.

— Você continua sendo um excelente cozinheiro — comentou, saboreando um pedaço de

bacon. — Muito melhor do que eu.

— Se você for boazinha, eu talvez prepare um suculento assado de solha para esta noite.

— Que ótimo! — Kate exclamou satisfeita, lembrando-se da perfeição com que ele costumava aprontar seus pratos à base de peixe.

— Quem sabe eu traga também alguns doces de chocolate do "Paraíso".

— Meus Deus! Nesse caso eu terei de me esforçar para mostrar um bom comportamento.

— Essa é a idéia.

— Ky... Sobre ontem a noite, o que aconteceu...

— Nunca deveria ter terminado — ele concluiu.

— Não estou tão certa. — Havia calma e sinceridade em seu olhar.

— Pois eu estou — ele contestou, beijando-a com suavidade. Foi um beijo quase inocente, que pouco tinha a ver com os beijos apaixonados da noite anterior, mas que prometia muito. — Mas deixe estar por enquanto, Kate. Se as coisas entre nós tiverem de se complicar, então pelo menos vamos esperar até que outros pequenos problemas estejam solucionados, está bem?

Complicar. Por que para ele pensar com seriedade no futuro parecia tão difícil? Kate baixou os olhos para o prato, sabendo que não dispunha de forças para fazer perguntas nem para dar respostas.

— De certa forma eu me sinto como se estivesse recuando em minha vida, para aquele verão de quatro anos atrás. Entretanto...

— É, na verdade, um passo à frente.

Ela tornou a fitá-lo. Desta vez acariciou-lhe a face áspera com os dedos delicados. Ele sempre a compreendera. Apesar de falar pouco, apesar de seu jeito de ser por vezes rude, Ky sempre a compreendera bem.

— Sim. Mas, seja como for, assusta um pouco.

— Eu nunca gostei de águas tranqüilas. Algumas ondas tornam o passeio mais gostoso e excitante.

— Talvez — ela concordou sem muita convicção. — Um passo atrás, um passo à frente, pouco importava. De uma forma ou de outra, caminhava em direção ao amor.

— Ky, eu não consigo comer mais.

— Eu percebi — ele apanhou outro garfo na bandeja e começou a comer os ovos já frios. — Não tem importância. Talvez você tenha comido mais do que seu desjejum de uma semana inteira.

— Acho que sim — ela concordou num sussurro, dando-se conta da astúcia com que ele a manobrava. Então, recostou o corpo na pilha de travesseiros, aborrecida por estar sentindo-se sonolenta. Nada mais de remédios, ela decidiu calada, enquanto Ky terminava de esvaziar o prato. Se pudesse evitar pegar no sono e sair para tomar um pouco de ar fresco, tinha certeza de que se sentiria melhor. O problema seria convencer Ky.

Kate olhou em direção à janela e viu como o dia estava claro e bonito.

— Eu não quero adiar por uma semana a busca do "Liberty".

Ky não precisou acompanhar a direção do olhar dela para entender seus pensamentos. Ela queria estar no meio do oceano com o vento acariciando-lhe o rosto.

— Eu vou prosseguir a busca. Amanhã... ou depois de amanhã. — Talvez antes, pensou consigo mesmo, dependendo de como se processasse a recuperação de Kate dali em diante.

— Sozinho?

— Eu já mergulhei sozinho antes — disse, após ter percebido o tom de preocupação na voz dela.

Kate teria protestado, recordando a Ky dos perigos que tal prática envolve, se achasse que adiantaria alguma coisa. Então decidiu tentar outra estratégia, mas sabia que não entrariam num acordo.

— Nós estamos procurando pelo "Liberty" juntos, Ky. Isso não é trabalho para apenas uma pessoa.

Ele lhe lançou um olhar matreiro antes de pegar a xícara de café, na qual ela sequer havia tocado.

— Com medo que eu desapareça com o tesouro?

— É claro que não — Kate respondeu com voz calma, não deixando que as emoções interferissem. — Se não confiasse em sua integridade, não lhe teria mostrado os gráficos e demais documentos.

— Parece razoável — ele concordou com um gesto de cabeça. — Então, se eu continuar no trabalho enquanto você está se recuperando, nós não perderemos tempo.

— Eu também tenho medo de perdê-lo. — Praguejando baixinho, ela desviou os olhos para a janela. O céu tinha uma cor azul desbotada, comum em algumas manhãs de verão. Não gostava da idéia de ficar ali deitada enquanto ele fazia o trabalho pelos dois.

Ky sentou-se por um momento, permitindo que a melodia daquelas palavras penetrasse-lhe o espírito.

— Você ficaria preocupada comigo?

Nervosa, Kate virou-se, notando que ele parecia muito convencido e contente com o fato de ela ter demonstrado seu medo de perdê-lo.

— Não, eu não ficaria preocupada. Deus zela com especial carinho pelas pessoas de cabeça fraca como você.

Sorrindo, ele colocou a bandeja no chão, ao lado da cama.

— Eu talvez gostasse se você se preocupasse um pouco.

— Lamento não poder agradá-lo.

— Você tem um jeito todo especial e presunçoso de falar quando está zangada — ele comentou. — Eu gosto disso.

— Eu não sou presunçosa.

Kate deslizou a mão pelos seus cabelos soltos. Não, ela podia parecer qualquer coisa no

momento, menos presunçosa.

— Sua voz parece.

Não, Ky não iria persuadi-la usando o charme.

— Talvez então eu devesse gritar — ela disse, ao mesmo tempo em que afastava a mão dos cabelos.

— Eu gosto disso também, mas, acima de tudo — ele beijou-lhe o rosto de um lado, depois do outro —, gosto de ver você sorrir para mim. Daquele jeito especial que apenas eu conheço.

Kate estava começando a sentir o corpo esquentar. Não, ele não conseguiria acabar com aquela conversa assim tão fácil, com um simples toque de carinho.

— Eu me sinto entediada, é só. Se tiver de permanecer sentada aqui por muito tempo ainda, sem nada para fazer, isso só vai me angustiar ainda mais.

— Eu tenho dezenas de livros. — Ky segurou a parte superior da camisola de Kate e a fez deslizar até abaixo dos ombros. Então, com o mais leve dos toques, beijou-lhe a pele nua, alva e macia. — Devo ter também algumas revistas de palavras cruzadas, se preferir.

— Muitíssimo obrigada.

— Há um livro de poemas de Byron, entre outros. Kate voltou a encará-lo, apesar de haver, decidido que não o faria.

— Byron?

— Sim. Eu o comprei depois que você partiu. As palavras usadas nas composições são lindas. — Ao terminar a frase, Ky já havia desatado os três botões da camisola. — Enquanto as lia, ficava imaginando como seriam, se fossem pronunciadas por seus lábios. Lembro-me de uma noite na praia, quando a lua cheia aparecia refletida na superfície da água. Não tenho certeza quanto ao nome do poema, mas lembro-me de como começava e de como soava, quando declamado por você: "É chegada a hora" — ele começou...

— "É chegada a hora" — Kate prosseguiu — "em que, dos ramos das árvores, o canto do rouxinol é ouvido. É chegada a hora em que as juras de amor dos namorados parecem mais doces em cada palavra sussurrada. E os ventos que sopram gentis e as águas que correm tranqüilas entoam bela melodia para os ouvidos solitários"... — Por um curto período de tempo, Kate deixou que sua mente mergulhasse em recordações do passado, daquela noite em particular. — Você nunca se interessou muito pela técnica de Byron.

— Apesar do sacrifício que você fazia para explicá-la a mim.

Sim, ele conseguira mudar o rumo da conversa. Kate já estava encontrando dificuldade para se lembrar do assunto principal de quando haviam começado a falar.

— Ele foi um dos líderes de seu tempo no campo da poesia.

— Hum... — Ky inclinou-se e deu uma suave mordida na orelha de Kate, brincando com ela.

— Ele sentia fascinação por guerras e conflitos, no entanto havia mais casos de amor retratados em sua obra do que em Shelley ou Keats.

— E em sua vida real, fora dos poemas?

— Também — respondeu ela, fechando os olhos no momento em que começava a ser tocada de uma maneira que lhe abalava os nervos. — Byron costumava usar humor e sátira. Tinha um estilo lírico. Pena que não tenha concluído o "Don-Juan..." — Mais uma vez, deixou-se invadir por lembranças do passado. O suspiro que acompanhou esse breve momento transformou-se aos poucos num gemido de prazer.

— Eu a interrompi? — Ky perguntou, enquanto deslizava os dedos pela coxa de Kate. — Adoro ouvi-la dissertar sobre o assunto, e imaginei que isso, poderia mantê-la entretida por alguns instantes... — Correu a mão pelo quadril dela, subindo até tocar-lhe o seio — ...para que não se sinta entediada nessa cama. Quer me contar mais a respeito de Byron? Com um longo suspiro, Kate lançou os braços ao redor do pescoço de Ky. A razão principal da conversa parecia ter desaparecido.

— Não, mas eu talvez goste de permanecer aqui na cama, afinal de contas, mesmo sem as palavras cruzadas.

— Você vai relaxar agora, querida — ele falou. Sua voz era branda, mas o tom de autoridade era inegável. Kate poderia ter discutido naquele momento, não fosse o intenso e demorado beijo que veio em seguida à ordem, deixando-a tonta de prazer.

— Eu fico sem opção entre a medicação e você — ela murmurou. — Ambos parecem exercer o mesmo efeito sobre mim.

— Essa é a idéia. — É claro, que faria amor com ela, Ky pensou. Mas de uma forma tão gentil que Kate não teria mais nada a fazer senão se colocar em suas mãos e sentir toda a delicadeza com que ele era capaz de amar. Em seguida dormiria despreocupada.

— Há coisas que desejo de você, Kate — ele disse num sussurro, levantando a cabeça até que seus olhos encontrassem os dela. — Coisas de que preciso muito.

— Você nunca me diz quais são.

— Talvez não. — Ele encostou a testa sobre a dela. Era provável que não soubesse como lhe dizer, ou como lhe pedir. — Por enquanto, o que quero é vê-la bem. — Ergueu a cabeça de Kate e a encarou. — Não sou um homem caridoso; se desejo a sua recuperação não é apenas por você, mas por mim mesmo. Sempre pretendi tê-la de volta em minha cama, em minha vida, mas para satisfazer os meus próprios desejos.

— Seja lá o que for que você pretendeu ou desejou, sou eu que faço minhas escolhas. — As mãos dela subiram dos ombros para o rosto de Ky. — Naquela hora, eu escolhi fazer amor com você. E quero repetir a dose agora.

Ele riu satisfeito diante da resposta ousada.

— Professora, você acha que eu lhe teria dado a chance de uma escolha? Talvez não nos conheçamos um ao outro tão bem quanto deveríamos a esta altura dos acontecimentos, mas achei que você me conhecesse pelo menos um pouco.

Ela roçou o polegar contra a pele de seu rosto másculo. De alguma forma, a aspereza parecia combinar com o tipo dele. Kate achava que um se adequava ao outro de maneira perfeita.

— Quando tomamos alguma coisa que não nos é oferecida de livre e espontânea vontade, na verdade, não temos nada. Mas, se eu decido fazer amor com você, lhe darei tudo, sem que precise pedir.

— Verdade? — ele murmurou antes de tocar os lábios dela com os seus. — E você, o que ganha nisso?

— Aquilo de que também necessito — ela respondeu depois de fechar os olhos e recostar-se.

Por quanto tempo? A pergunta ecoou na mente de Ky, torturando-o, ameaçando pôr um fim a todo o seu estado de alegria. Mas ele não perguntou nada. Haveria uma hora oportuna para essa e outras perguntas mais. No momento Kate estava sonolenta, relaxada como ele queria.

Em silêncio, continuou a acariciá-la, de uma maneira que Kate pudesse desfrutar de todo o prazer que ele estava lhe proporcionando. De nenhuma outra mulher Ky se lembrava de ter recebido tanto depois de pedir tão pouco. Kate era como uma chave capaz de, ao menor toque, abrir uma porta e dar vazão aos sentimentos mais profundos de seu coração.

O modo especial com que ele a provocava não havia mudado, Kate pensou. Ainda que se tivessem passado quarenta anos, em vez de quatro, ela reconheceria aquele toque mesmo de olhos fechados. E isso era suficiente para que se entregasse.

Ela ainda se lembrava do ardor, da paixão louca que experimentara em todas as vezes que se amaram. Agora havia suavidade misturada a um respeito do qual ela não o julgava capaz. Se já não o amasse, poderia se apaixonar por ele naquele instante, com os raios de sol penetrando pelas janelas enquanto as mãos dele deslizavam sobre sua pele.

Embora uma chama ardesse oculta dentro de seu peito, Ky conservava-se calmo. Mesmo com uma paixão feroz ameaçando seu autocontrole, ainda assim ele permanecia sereno. Então, com tranqüilidade e carinho, Ky penetrou o corpo de Kate. Ele tinha impressão de que seu desejo por Kate nunca seria suficientemente satisfeito.

Depois ela dormiu, e Ky a deixou livre para sonhar.

Quando Kate acordou já eram quase três horas da tarde. Sentia-se um pouco fraca e, olhando pela janela, desejou sair daquela cama o mais rápido possível. Lá fora uma aventura a esperava e teria que recuperar-se logo para prossegui-la.

Como Ky não estivesse ali, resolveu levantar-se e procurá-lo.

Apanhou a camisola e a vestiu. Se fosse como das vezes anteriores, em poucos segundos ele apareceria na porta carregando uma bandeja repleta de comida e uma pílula. Não desta vez, ela decidiu, enquanto tentava pôr-se para fora da cama. Nada mais de drogas que a fizessem ausentar-se da realidade.

Mas, ao colocar-se de pé, sentiu-se atordoada, talvez Pelo efeito do medicamento, que ainda não havia passado por completo. Enfurecida, respirou fundo e colocou todo o peso do corpo em cima do pé machucado. A dor a princípio foi violenta, mas ajudou-a a despertar e a clarear as idéias. Então, com esforço, caminhou até o espelho que havia sobre a penteadeira de Ky.

Não gostou nem um pouco do que viu. Os cabelos despenteados, o rosto pálido e cansado, os olhos vidrados. Irritada, esfregou as mãos nas bochechas, como se com isso pudesse fazê-las readquirir a cor. Pensou em tomar um bom banho quente para reanimar-se e depois sair para respirar um pouco de ar fresco. E, mesmo que esta atitude desagradasse Ky, não importava. Tinha de sentir-se ativa, ou entraria em pânico consigo mesma. Quando abriu a porta, foi surpreendida por Linda.

— O que está fazendo de pé?

Essas eram as palavras que ela esperava ouvir da boca de Ky, mas não de Linda.

— Eu estava apenas...

— Você está querendo que Ky me esfole viva? — perguntou Linda, ao mesmo tempo em que forçava Kate a retornar à cama. — Ouça, as ordens são para que você coma e descanse, nada além disso.

— Ordens de quem?

— De Ky. E — ela continuou antes que Kate pudesse retorquir — do Dr. Bailey.

— Eu não sou obrigada a obedecer às ordens de nenhum deles.

— Talvez não seja — Linda disse. — Mas eu não gosto de discutir com um homem que está tentando proteger a mulher que ama, ou com o homem que me espetou uma agulha no traseiro quando eu tinha três anos. Ambos podem se tornar muito grosseiros. Agora deite-se.

— Linda... — ela começou, interrompendo a frase com um longo suspiro. — Eu tenho apenas um corte na perna, e estou na cama há quase quarenta e oito horas. Se não tomar um banho e sair para respirar um pouco, vou ficar louca.

Um leve sorriso insistiu em aparecer no rosto de Linda, mas ela o disfarçou prendendo o lábio inferior entre os dentes.

— Você está um pouquinho rabugenta, hein?

— E posso me tornar muito mais. Olhe para mim — Kate falou aborrecida, puxando os próprios cabelos com a mão. — Eu me sinto como se tivesse permanecido soterrada por dias!

— Está bem. Eu sei como me senti logo após o nascimento de Hope. Depois de tê-la em meus braços e acariciá-la por uns bons minutos, não houve nada que eu desejasse mais do que um longo e revigorante banho. Você pode ficar dez minutos no chuveiro — Linda disse, ao mesmo tempo em que colocava a bandeja na mesinha ao lado da cama. — Então poderá almoçar enquanto eu troco a atadura. Mas Ky me fez prometer que você comeria até o último bocado, está bem?

— Ele está exagerando — Kate começou. — É um absurdo. Eu não preciso ser tratada dessa maneira, como se fosse uma criança.

— Está muito bem, chega de conversa. Agora vamos, eu vou lhe dar uma mãozinha.

— Ora, deixe disso. Sou capaz de tomar um banho sozinha, sem a ajuda de ninguém. — Ignorando a dor na perna, ela saiu nervosa do quarto, batendo a porta. Linda sentiu uma enorme vontade de rir, mas conteve-se e sentou-se na cama para esperá-la.

Quinze minutos mais tarde, reanimada e envergonhada de si mesma, Kate retornou ao quarto. Estava vestindo o roupão de Ky e tinha uma toalha enrolada nos cabelos.

— Linda...

— Não se desculpe. Se eu tivesse ficado presa numa cama por dois dias como você, também espumaria contra a primeira pessoa que viesse me trazer problemas. Além disso, se está mesmo arrependida, tomará toda a sopa, para que Ky não se zangue comigo.

— Está certo. — Resignada, sentou-se na cama e colocou a bandeja no colo. Junto com a primeira colherada de sopa, foi obrigada a engolir também o desejo que sentiu de protestar ao ver a amiga retirando-lhe a atadura do tornozelo. — Está ótima.

— Sopa feita com frutos do mar é uma de nossas especialidades. Meu Deus, Kate! — Os olhos de Linda assumiram um ar de preocupação no momento em que removeu a gaze. — Isto deve ter doído demais! Não me admira que Ky tenha andado tão nervoso.

Reunindo coragem, Kate inclinou o corpo para frente, a fim de observar o ferimento. Não havia inflamação nem inchaço, como ela temera. Embora sendo um corte grande, de quase seis centímetros de comprometimento, estava bem limpo.

— Não está tão ruim — ela murmurou. — Não há sinal de infecção.

— Pois olhe, eu uma vez fui atacada por uma raia-lixa pequena. O corte não devia ter mais do que dois centímetros e eu chorei como um bebê. Por isso não me diga que não é tão ruim.

— Bem, eu dormi quase todo o tempo. — Kate retraiu os músculos, sentindo uma pequena dor, mas logo relaxou.

Linda franziu as sobrancelhas enquanto estudava a expressão no rosto de Kate.

— Ky disse que você deveria tomar uma pílula caso surgisse dor quando acordasse.

— Se você quer me fazer um favor, pegue as pílulas e jogue-as no lixo. — Tomou outra colherada de sopa. — Eu detesto discutir com ele, ou com você, mas não vou voltar a tomar essas pílulas nem perder mais tempo. Eu aprecio o fato de Ky estar querendo mimar-me como a uma criança. Isso prova o quão amável e gentil ele pode ser. Mas já suportei tudo que podia.

— Ele está preocupado com você. Sente-se responsável.

— Por minha imprudência? — Sacudindo a cabeça, Kate pôs-se a tomar o resto de sopa que ainda havia no prato. — Foi um acidente, e, se existiu um culpado, esse alguém fui eu mesma. Estava tão concentrada na procura do "Liberty" que me esqueci dos cuidados básicos. Eu fui de encontro à raia. Ky agiu com enorme rapidez puxando-me para longe dela. Não fosse isso, as coisas poderiam ter sido muito mais sérias.

— Ele a ama.

Kate, ao ouvir isso, apertou com força o cabo da colher.

— Linda, existe uma enorme diferença entre preocupação, atração e amor.

Linda concordou com um simples gesto de cabeça.

— Sim. Eu disse e repito: Ky a ama.

Com um sorriso nos lábios, Kate apanhou a xícara de chá que fora colocada ao lado da sopa e respondeu.

— É você quem está dizendo, não ele.

— Bem, nem Marsh o havia feito até o momento em que eu, desesperada, cheguei ao ponto de querer estrangulá-lo. Mas isso não me fez desistir.

— Eu não sou você. — Kate recostou-se nos travesseiros, satisfeita porque a maior parte da fraqueza que estava sentindo havia passado. — E Ky não é Marsh.

Impaciente, Linda levantou-se e começou a andar pelo quarto de um lado para outro.

— Certas pessoas insistem em complicar as coisas mais simples, e isso me deixa maluca!

Sorrindo, Kate sorveu um gole do chá.

— Outras apenas simplificam o que parece complicado.

Com um movimento brusco, Linda virou-se, irritada.

— Eu conheço Ky desde que nasci. E o vi namorar com todas as garotas bonitinhas da ilha e, mais tarde, com tantas mulheres atraentes que até perdi a conta. Mas eram todos romances passageiros, sem importância. Até que você chegou. Foi como se alguém lhe tivesse acertado a cabeça com uma pedra. Você o deixou atordoado desde o primeiro minuto. Ele ficou fascinado por você, será que não percebe?

— Atordoado, fascinado. — Kate deu de ombros, enquanto tentava ignorar a dor que lhe apertava o coração. — Muito lisonjeiro, suponho, mas nenhuma dessas duas coisas significa amor.

— Eu não acredito que o amor surja de um momento para outro. É algo que vai tomando corpo dentro da gente com o tempo. Se tivesse visto como ele ficou depois que você partiu há quatro anos, saberia que...

— Não me fale sobre quatro anos atrás — Kate a interrompeu. — O que aconteceu naquela época está terminado. Ky e eu somos duas pessoas diferentes agora, cada qual com seus objetivos. Desta vez... — ela parou e respirou fundo. — Desta vez, quando terminar, eu não sairei magoada, porque agora sei até onde posso chegar.

— Você mal acaba de pôr os pés aqui e já está falando em terminar, em limites. — Ajeitando os próprios cabelos com as mãos, Linda aproximou-se e sentou-se na beirada da cama. — O que há de errado com você? Será que não é mais capaz de amar? De sonhar?

— Eu nunca fui muito boa nessas coisas. Linda... — Ela hesitou por alguns instantes, tentando escolher melhor as palavras. — Eu não quero esperar de Ky nada mais do que ele é capaz de me dar. Depois de agosto, vamos nos separar e voltar cada um para o seu próprio mundo, pois entre a minha vida e a dele não há qualquer semelhança. Quando partir, quero ter nele um amigo. Ele... — Kate hesitou. — Ele sempre foi uma parte muito importante de minha vida.

Linda permaneceu um momento calada. Então falou:

— Essa é a coisa mais estúpida que já ouvi.

Kate não conseguiu conter o riso.

— Linda...

Erguendo as mãos e sacudindo a cabeça num gesto de reprovação, Linda não permitiu que a amiga continuasse.

— Não, vamos mudar de assunto. Esta conversa está me pondo nervosa, e isso não é muito aconselhável, visto que tenho de cuidar de você. — Sem conseguir esconder o aborrecimento, ela apanhou a bandeja. — Não entendo como alguém tão inteligente pode ao mesmo tempo ser tão tola, mas, quanto mais penso nisso, mais convenço de que você e Ky se merecem um ao outro.

— Isso soa mais como um insulto do que como um cumprimento.

— Pois foi.

Kate precisou morder o lábio para não sorrir.

— Eu compreendo.

— Não fique tão convencida por ter me deixado aborrecida a ponto de não querer mais

conversar sobre isso. Eu talvez ainda diga a Ky tudo o que penso no momento em que ele chegar aqui.

— Isso é problema dele — Kate falou sorrindo. — Aonde é que ele foi?

— Mergulhar.

A expressão de alegria em seu rosto se extinguiu.

— Sozinho?

— Não há necessidade de se preocupar — Linda disse enquanto praguejava contra si mesma por não ter pensado numa simples e inofensiva mentira. — Ele mergulha sozinho noventa por cento das vezes.

— Eu sei. — Apesar disso, Kate cruzou os dedos, certa de que se sentiria muito angustiada enquanto ele não chegasse.

CAPÍTULO IX

No outro dia, Kate acordou bem disposta e arrumou-se para ir com Ky procurar o "Liberty".

— Eu vou com você.

O sol já estava brilhando e uma suave brisa inundava o ambiente com o aroma puro e suave do mar. Através da porta de tela, podia-se ouvir com clareza o canto das gaivotas que voavam próximo dali.

Ky virou-se do fogão, onde havia colocado um pouco de café para esquentar, e deu de cara com Kate parada junto à porta.

Ela havia prendido os cabelos e vestia uma calça de algodão fina e uma camisa, ambas muito largas. Ocorreu a Ky que ela, trajada daquele jeito, se parecia mais com uma colegial do que com uma professora universitária.

Conhecendo bem as mulheres e suas vaidades, percebeu de imediato que Kate estava usando um pouco de maquilagem para dar um tom rosado às suas faces. Ky sorriu enquanto colocava o café na xícara.

— Você perdeu tempo à-toa se trocando — ele disse com voz calma. — Vai voltar direto para a cama.

Kate não gostava de pessoas inflexíveis, que sentem prazer em dar ordens sem se incomodar com a opinião dos outros. Naquele momento, decidiu que deveria combater fogo com fogo.

— Não — respondeu sem se alterar. — Eu vou com você.

Ky não costumava pensar duas vezes antes de se entregar a uma boa discussão. Preparando-se para uma, ele se encostou no fogão.

— Eu jamais levo um mergulhador comigo para o mar contrariando ordens médicas.

Ela já esperava por isso. Dando de ombros, abriu a porta do refrigerador e retirou uma garrafa de suco. Sabia que estava teimosa e, embora essa não fosse uma de suas características, até que apreciou muito a experiência. A verdade é que precisava de algo para fazer ou acabaria enlouquecendo. Nunca ficara confinada numa casa por mais de dois dias. Tinha de se movimentar, caminhar, sentir a brisa no oceano e o calor do sol.

— Eu posso alugar um barco, equipamento, e ir sozinha — ela disse em tom de desafio. — Você não pode impedir-me.

— Tente.

A palavra foi pronunciada em voz baixa, calma, mas Kate pôde ver a chama de cólera nos olhos dele.

— Eu tenho o direito de fazer as coisas da forma que achar melhor. Nós dois sabemos disso. — Talvez ainda tivesse algum desconforto na perna, devido ao ferimento, mas sentia-se forte e pronta para entrar em ação. Também não havia nada de errado com sua mente ou sua capacidade de raciocinar. Kate planejara sua estratégia muito bem. Afinal de contas, o tempo que ficara na cama fora mais do que suficiente para isso.

— O que nós dois sabemos é que você não está em condições de mergulhar. E você não é estúpida, Kate. Sabe muito bem que não está em forma para descer lá por enquanto, e sabe também que não a deixarei fazer tal coisa.

— Eu mantive repouso absoluto durante dois dias. Sinto-me ótima. — Enquanto atravessava a cozinha na direção dele, Kate, satisfeita, o viu franzir as sobrancelhas em sinal de admiração. Ky sabia que ela era capaz de tomar suas próprias decisões e que esse era um problema que teria de ser enfrentado. A verdade é que Kate era mais forte do que ele havia imaginado. — Muito bem, senhor, estou disposta a deixar o mergulho por sua conta pelos próximos dois ou três dias, mas... — ela fez uma breve pausa, querendo se certificar de que ele entendia bem que estava somente negociando e não cedendo diante de sua autoridade — quero ir a bordo do "Tufão" com você. Esta manhã mesmo.

Ky semicerrou os olhos no instante em que percebeu a estratégia armada por Kate. Ela não pretendia mergulhar, apenas usara isso como uma forma de pressioná-lo para conseguir o que queria. Não podia censurá-la. Lembrava-se de uma ocasião, quando tinha quatorze anos, e estava na cama recuperando-se de uma perna fraturada. A dor que sentira já lhe escapava da memória. Mas o tédio por que passara continuava vivo como nunca.

— Você irá se deitar na cabine como uma boa menina assim que eu lhe disser. Está bem?

Kate sorriu e negou com um gesto de cabeça.

— Eu vou me deitar na cabine se achar que preciso.

Ky fez um carinho e disse:

— Pode estar certa de que irá. Muito bem, então vamos partir. Quero começar cedo.

Uma vez que o problema parecia resolvido, Ky pôs-se a caminho. Ela o seguiu. Poucos minutos mais tarde já estavam estacionando o automóvel próximo à lancha, no porto de Silver Lake. Logo que subiram a bordo do "Tufão", Kate tomou um lugar ao lado dele no leme e preparou-se para apreciar o sol e o vento. Ela já começava a sentir a energia voltando a seu corpo.

— Eu fiz um gráfico da posição exata que explorei no mergulho de ontem — Ky disse a ela enquanto manobrava o barco para fora do porto.

— Um gráfico? — Ela se virou, surpreendida com aquilo. — Você não me mostrou nada.

— Você já estava dormindo quando eu o terminei.

— Tenho dormido quase todo o tempo — ela resmungou.

Enquanto navegavam para o alto-mar, Ky passou o braço em torno dos ombros de Kate.

— Você parece melhor, Kate. Sem olheiras, sem tensão. Isso é o mais importante.

Por um momento, ela pressionou a face de encontro à mão dele. Poucas mulheres seriam capazes de resistir a tão doce demonstração de preocupação, expressa através daquele toque tão suave. Mesmo assim Kate não queria que a preocupação de Ky viesse a confundir o motivo real de sua permanência ali, junto dele. Não gostava que sentissem piedade dela. Kate necessitava ser vista como uma companheira, uma mulher.

Enquanto durasse o relacionamento entre eles, parecia de suma importância que Ky a encarasse como alguém em pé de igualdade com ele. Então, quando partisse... não restariam mágoas como da primeira vez.

— Eu não preciso mais ser mimada, Ky.

— Pois eu gostei de mimá-la — observou ele, dando de ombros. Ky já sabia que, ao aproximar-se de Kate, teria de fazê-lo com a mesma cautela com que enfrentava um mergulho perigoso: prestando atenção extrema às correntezas, à pressão, e com os sentidos alerta para o caso de surgir algo inesperado. — O gráfico está na cabine — ele disse ao desligar o motor. — Você talvez queira examiná-lo durante o tempo em que eu estiver no fundo.

Kate concordou com um simples gesto de cabeça, mas já sentia a impaciência crescendo dentro de si no momento em que viu Ky começando a se aprontar. Sentiu vontade de voltar a tocar no assunto, de insistir para que ele lhe permitisse mergulhar junto. Mas não o fez; não adiantaria nada mesmo, e a única coisa que conseguiria seria uma nova discussão.

— Há bebidas frescas lá na cozinha se desejar. — Ky prendeu a máscara de mergulho no rosto e caminhou para a escada. — Não fique no sol muito tempo.

— E você tome bastante cuidado — ela recomendou, sem que pudesse frear as próprias palavras.

Ky sorriu e saltou para o mar.

Kate correu para a lateral do barco mas não o viu mais. Durante alguns minutos permaneceu ali, parada, imaginando o que estaria ocorrendo sob as águas. Depois, com as mãos nos bolsos, levantou os olhos e ficou olhando para o céu. Havia umas poucas nuvens se formando a oeste, mas eram nuvens claras, transparentes. Desceu para a parte inferior do barco, pois não havia nada a fazer senão esperar.

Ky encontrou mais dois canhões e marcou as posições deles lançando bóias à superfície. Seria possível, caso não encontrasse algo mais concreto, resgatá-los a um perito para que lhes avaliasse a idade. Também parecia importante percorrer e demarcar a área onde estavam espalhados os destroços do navio. Mais tarde, para vasculhar com maior segurança todo aquele trecho, necessitariam de algumas ferramentas especiais. Um detector de metal, por exemplo, seria de grande utilidade durante essa fase das buscas. Até o presente, não haviam achado nada além de alguns objetos arruinados que um dia pertenceram a uma embarcação. Nada garantia que fossem do "Liberty", embora Kate estivesse convicta disso.

O que preocupava Ky era o fato de que, ao encontrarem o tesouro, teriam de decidir sobre suas vidas, e não havia qualquer garantia de que Kate ficasse com ele. Ky estava disposto a tudo para não perdê-la outra vez.

Quando a missão estivesse concluída, então seria a hora de tentar resgatar o que ele e Kate haviam tido um dia. Na opinião dele, algo que nunca deveria ter se perdido. Se eram capazes de recuperar algo que estivera perdido no mar por mais de dois séculos, também seriam competentes o bastante para não desperdiçar os sentimentos que tinham um pelo outro,

Ky não podia mais prosseguir sem o auxílio de ferramentas. No próximo mergulho, traria um dispositivo especial para a escavação. Mas alguém teria de ficar a bordo auxiliando-o no manejo do aparelho. Ky, então começou a pensar que já era hora de chamar seu irmão Marsh para participar da aventura.

O ar dos tanques estava no fim, e ele seria obrigado a retornar ao barco, mas antes resolveu investigar um pouco mais, a fim de encontrar algo que pudesse levar para Kate. Alguma coisa palpável, capaz de trazer de volta o brilho do entusiasmo aos olhos dela.

Levou mais tempo do que supunha, mas, quando ergueu nas mãos uma garrafa intacta, soube que a reação de alegria dela seria a justa recompensa por seus esforços.

Examinando a garrafa com atenção, descobriu a data de fabricação no fundo. Com um sorriso satisfeito, guardou-a na sacola presa ao cinto. Com o suprimento de ar quase esgotado, Ky voltou para o "Tufão".

Kate aguardava-o apreensiva, de pé junto às escadas do barco. Uma agradável sensação de alívio a invadiu no instante em que avistou bolhas de ar na superfície da água. Ky emergiu em seguida e agarrou-se a um dos degraus da escada enquanto removia a máscara do rosto.

— Esperando por mim?

Uma ponta de aborrecimento, devido ao tempo que tinha desperdiçado preocupando-se com ele, veio misturar-se à sensação de alívio.

— O que aconteceu? Você ultrapassou o tempo previsto.

— Sim, um pouco — ele respondeu, enquanto colocava os tanques no convés. — Tive de parar no caminho para comprar-lhe um presente.

— Não estou brincando, Ky. — Kate o viu saltar sobre a lateral do barco, num movimento ágil e preciso. — Você ficaria furioso se eu me arriscasse tanto quanto você.

— Deixe os sermões a cargo de Linda — ele aconselhou, descendo o zíper do traje. — Ela já nasceu com esse dom. — Depois, num gesto firme e decidido, segurou-a e puxou-a para junto de si, a fim de que ela sentisse toda a excitação que ele trouxera consigo do fundo do mar. Os lábios de Kate entreabriram-se para receber aquele beijo. Por estarem as roupas dele molhadas, colavam-lhe ao corpo e evidenciavam o contorno dos músculos viris que sempre a fascinaram.

Quando ele tentou afastar os lábios, ela o segurou com força, transformando aquele beijo em algo ainda mais ardente, caloroso, capaz de aquecer e secar toda a sua pele fria e molhada.

— Eu me preocupo com você, Ky. — Por um último momento ela o manteve preso a seus braços. — É isso que você quer ouvir?

— Não — ele respondeu, segurando o rosto dela com as mãos e balançando a cabeça. — Não é.

Então Kate afastou-se, temendo falar demais, dizer coisas que nenhum deles estava preparado para ouvir.

— É terrível ficar aqui sem fazer nada, sabendo que você está lá embaixo sozinho.

— Eu entendo. — O que Kate estava querendo dele, afinal? Por que arranjava sempre um jeitinho de mudar de assunto logo que começava a falar de sua preocupação por ele? — Tenho mais algumas coisas para acrescentar ao gráfico.

— Eu vi as bóias que você lançou à superfície.

— Encontrei mais dois canhões. Pelo tamanho deles, diria que faziam parte de um navio pequeno. É improvável que tivesse sido construído para batalhas.

— Era um navio mercante.

— Pode ser. Eu vou levar o detector de metal comigo e ver o que consigo trazer para cima. A julgar pelo material que descobrimos, não creio que a embarcação esteja enterrada muito fundo. Mas agora gostaria de falar sobre o seu presente. Não quer vê-lo?

— Eu pensei que fosse brincadeira — ela disse com um sorriso espontâneo nos lábios. —

Você me trouxe uma concha?

— Eu imaginei que você gostaria mais disto. — De dentro da sacola, Ky tirou a garrafa. — Devia ter um gosto tão bom que não deixaram nem um pouquinho. Se o conteúdo ainda estivesse aqui, nós poderíamos fazer um banquete, bebendo vinho e comendo pasta de amendoim.

— Oh, Ky, ela está inteira! — Emocionada, Kate estendeu o braço para apanhá-la, mas Ky puxou-a para fora de seu alcance e sorriu,— Atenção agora para a surpresa. — Dizendo isso ele virou a garrafa de boca para baixo.

— Oh, Deus — ela sussurrou, maravilhada. — A data está gravada no fundo: 1749. — Com extremo cuidado e carinho, Kate pegou a garrafa nas mãos. — O ano anterior ao naufrágio do "Liberty". Mais de duzentos anos, e o vidro contínua intacto. — Seus olhos brilhavam de entusiasmo quando voltou a encará-lo. — Ky, acho que deveríamos tentar descobrir o lugar onde foi feita esta garrafa.

— A maioria dos frascos de vidro encontrados em meio aos destroços de embarcações naufragadas durante os séculos dezessete e dezoito foram manufaturados na Inglaterra. Portanto, isso não provaria que o navio era inglês.

— Vejo que você andou fazendo suas pesquisas, hein?

— Eu não costumo entrar num projeto antes de conhecer todos os ângulos e problemas envolvidos. — Ky ajoelhou-se para inspecionar os tanques carregados.

— Você vai voltar lá para o fundo agora?

— Quero familiarizar-me com o local o máximo que puder antes de começarmos a lidar com o equipamento.

Kate achava estranho ver Ky tomando atitudes tão cautelosas. Ela sempre fora mais cuidadosa, e ele estava o tempo todo se arriscando, mas agora a situação parecia invertida. Desanimada, ela viu Ky se preparando para uma nova descida. Mais uma vez seria mera espectadora.

Num dado momento, ele apanhou uma haste de metal.

— Para que serve isso?

— É usada como suporte para esta peça. — Ky mostrou-lhe um dispositivo semelhante a uma bússola. — É chamado esclímetro. É uma maneira prática e barata de traçar o mapa do local. Coloco isto no centro aproximado dos destroços, alinho o círculo com o norte magnético e então meço a distância até os canhões. Depois que tiver instalado tudo isto, voltarei para pegar o detector de metal.

A frustração começou a crescer dentro dela.

— Ky, eu me sinto bem. Poderia ajudar se...

— Não — ele disse com voz firme. Não se importava se fosse necessário discutir com ela ou fazer-lhe uma relação dos muitos motivos por que ela teria de ficar no barco. Então, sem dizer mais nada, mergulhou outra vez.

O sol já estava se pondo quando eles decidiram voltar. Ky passou sua última hora no mar completando o gráfico, adicionando as informações que acabara de coletar. Havia juntado mais

algumas peças no fundo do mar: uma caneca e colheres e garfos feitos de ferro. Kate decidiu começar a fazer uma lista detalhada de todos os achados. Se era tudo o que podia fazer no momento, então o faria com prazer.

Enquanto retornavam, Ky e Kate entretinham-se conversando no convés. Ela parecia mais conformada com sua temporária inatividade e sua disposição havia melhorado bastante.

— Vou assá-los na grelha — disse referindo-se aos belos peixes que pescara durante os longos minutos em que Ky permanecera sob as águas.

— Você vai? — perguntou ele, erguendo as sobrancelhas, surpreso.

— Já que eu os pesquei, tenho todo o direito de prepará-los.

— Muito justo. Até deixarei que você os limpe — Ky riu do tom brando da própria voz e começou a brincar com os cabelos dela, até que todos os grampos que os prendiam caíssem ao chão.

— Ky! — Kate inclinou-se para apanhá-los.

— Use os cabelos presos quando estiver na sala de aula — ele aconselhou, arremessando alguns dos grampos ao mar. — Acho difícil resisti-la quando está com os cabelos soltos e meio desarrumados como agora.

— Verdade? — Kate permitiu que os cabelos esvoaçassem ao ritmo do vento, enquanto se aproximava dele, até sentir que seus corpos se tocavam. Um sorriso tomou conta de seus lábios ao notar a expressão de surpresa nos olhos de Ky no momento em que ela deslizou as mãos por baixo da camiseta dele. — Por que você não desliga o motor e me mostra o que acontece quando não consegue resistir mais?

— Você sabe muito bem o que acontece quando não consigo resistir mais.

Kate deu uma risada baixa e maliciosa.

— Refresque minha memória. — Sem esperar por uma resposta, ela mesma reduziu a velocidade da lancha, até que seu movimento não passasse de um simples vagar sobre as águas. — Você não fez amor comigo ontem à noite — As mãos dela deslizaram mais uma vez.

— Você estava dormindo.

— Pois agora não estou mais. — Kate ficou na ponta dos pés e roçou os lábios sobre os dele, de maneira provocante. — Ou talvez você esteja com pressa de voltar para casa para comer peixe.

Ela o estava excitando. Por que é que Ky jamais conseguira enxergar a feiticeira que havia escondida sob aquele manto de candura angelical? Ky sentiu o desejo invadindo-o, absorvendo-lhe as energias, entorpecendo-lhe a mente. Mas, quando tentou puxá-la, ela resistiu a fim de atormentá-lo.

— Se eu fizer amor com você agora, não serei nada gentil.

Ela mantinha os lábios próximos aos dele.

— Isso é um aviso? Ou uma promessa?

Ky sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha e ficou espantado. Nem mesmo por Kate ele já havia experimentado tal sensação. O desejo crescia rápido, e parecia impossível manter o controle.

— Eu não tenho certeza de que você saiba o que está fazendo...

Nem ela tinha, mas sorriu porque isso não mais importava.

— Desça para a cabine comigo e nós dois descobriremos juntos. — Kate caminhou para a escada, e, sem dizer mais uma só palavra, desapareceu sob o convés.

Depois de desligar os motores do barco, Ky a seguiu.

Ela já havia desabotoado a blusa, mas não a havia tirado ainda. Quando entraram na estreita cabine, Kate sorriu. Ela estava meio assustada, embora não soubesse explicar a razão. Mas, acima do medo, havia uma enorme vitalidade e força que estavam batalhando em seu íntimo para se libertar.

Sem, esperar que ele se aproximasse, Kate deu um passo à frente e arrancou-lhe à camiseta.

— Sua pele é dourada — ela murmurou. — Isso sempre me excitou. — Tentando saborear com calma todo o prazer que aquele homem podia lhe dar, ela deslizou as mãos pelo peito dele.

Seu coração batia acelerado no momento em que desceu o zíper da bermuda de Ky. Enquanto o fitava nos olhos, ela o despia com calma.

— Nunca desejei tanto a um homem!

Ky tinha de fazê-la parar. Ela não tinha idéia do efeito que causavam aqueles dedos longos e macios percorrendo-lhe a pele.

— Kate... — Tomando as mãos dela, ele se ajoelhou para beijá-la. Mas ela desviou a cabeça, e sua boca foi de encontro ao pescoço de Ky. O contato daqueles lábios quentes foi para ele como uma lança de fogo a perfurar-lhe a alma.

Então ela pressionou seu corpo contra o dele. Ofegante e com movimentos alucinados, Kate percorreu com a boca todo o peito másculo de Ky, enquanto suas mãos exploravam-lhe o resto do corpo. Ele sentiu a fúria do desejo atingi-lo, provocando um prazer tão intenso que jamais imaginara pudesse existir.

Nessa hora ele perdeu o controle e a vontade de ser gentil; Kate tornara-o selvagem e impulsivo.

Seus corpos emaranharam-se sobre a estreita tarimba da cabine. Ela lhe mordia os lábios, exigindo, suplicando que Ky a fizesse sentir-se desejada, que a devorasse com sua paixão enlouquecedora. Kate, em questão de minutos, transformara-se numa devastadora chama humana, impossível de ser apagada. Percorria o corpo de Ky com o desejo aumentando cada vez mais.

Ky respondia às carícias de Kate. Com os dedos, massageou-a de forma tão sensual, buscando sentir-lhe a pele úmida e macia, que a ouviu gemer. Kate queria sentir toda aquela força viril em ação e ser conduzida a um paraíso de delícias onde nunca haviam estado antes. Ela liderava os impulsos, e ter consciência disso a deixava feliz, enquanto saboreava a pele, os lábios e a língua de Ky.

Escorregando o corpo sobre o dele, pôde sentir cada pequeno movimento que fazia. Não havia mais espaço para a razão. Eles tinham se lançado a um mundo distante, de sensualidade e delícias, muito além da compreensão racional.

Quando Ky tocou com os lábios o seio de Kate, ela estremeceu e sentiu-se invadida por

sensações alucinantes, que iam e vinham rápidas como cometas, adormeciam e novamente explodiam dentro dela como o calor de um vulcão em erupção. Apesar do delírio que se apossara de sua mente, Kate pôde perceber que pronunciava o nome dele...

— Ky...

Nesse momento, ela o recebeu, e sentiu-se feliz por estar ali, unida a ele.

CAPÍTULO X

Chegara enfim o dia em que Kate poderia voltar a mergulhar. No entanto, ela sentia uma enorme insegurança.

Não houvera um dia sequer, durante o seu período de recuperação, em que ela não tivesse desejado descer com Ky ao fundo do mar. Toda vez que ele voltava trazendo algum artefato, Kate se emocionava com a descoberta e se frustrava por não ter participado da busca. E, como uma colegial que esperava a chegada do verão, Kate passara a contar os minutos em que ainda teria de ficar inativa.

Agora, uma semana após o incidente, encontrava-se de pé no convés do "Tufão", com a boca seca e as mãos trêmulas ante a expectativa do próximo mergulho. Agradecia a Deus por Ky não estar próximo a ela, assistindo ao seu evidente nervosismo. Ele estava ocupado, fazendo as ligações necessárias entre o motor do barco e o aparelho que seria usado para remover os sedimentos que se haviam acumulado com o passar dos anos sobre os destroços do navio naufragado. Marsh permanecia parado, na popa, acompanhando o trabalho do irmão. Com o apoio de Linda, ele concordara em ceder a Ky algumas de suas preciosas horas livres, ajudando-o na tarefa de resgate do tesouro.

Kate aproveitou aquele momento em que estava só para coordenar as idéias e acalmar os nervos.

Era natural que estivesse apreensiva, depois da triste experiência por que passara. Mas, de uma forma ou de outra, não iria recuar agora. Teria de dominar o medo e a ansiedade e terminar o que havia iniciado.

— Está tudo certo aqui, Kate — Marsh gritou, no instante em que Ky lhe fez sinal.

— Eu já estou quase pronta. — Kate apanhou a sacola que usaria para guardar os pequenos objetos recolhidos do fundo.

— Kate!

— Sim? — ela disse sem levantar os olhos, enquanto prendia a sacola ao cinto.

— Você sabe que é normal que sinta um certo nervosismo. — Marsh tocou-lhe no ombro com a mão, mas Kate continuou de cabeça baixa, prestando atenção ao que estava fazendo. — Se precisa de um pouco mais de tempo, eu posso trabalhar com Ky enquanto você fica aqui cuidando do equipamento.

— Não — ela disse sem pensar. Depois praguejou em silêncio. — Está tudo bem, Marsh — esforçando-se para manter a calma, prendeu no pescoço a alça da câmara que havia adquirido no dia anterior. — Tenho de voltar a mergulhar algum dia, não acha?

— Não precisa ser hoje.

Kate sorriu para ele, vendo como era calmo e sóbrio em comparação com Ky. Esse era o tipo de homem por quem deveria ter se apaixonado.

— Sim, precisa. Por favor — ela pôs a mão no ombro de Marsh antes que ele pudesse dizer qualquer coisa. — Não deixe seu irmão saber dessa minha insegurança.

Este pedido não fazia a menor diferença, Ky já havia notado sua inquietação. Afinal, conhecia cada gesto, cada expressão, cada entonação da voz de Kate.

— Você está pronta? — perguntou Ky, em voz alta, enquanto apanhava um arpão. Não estava disposto a arriscar a vida dela logo no seu primeiro dia de retorno ao mar.

— Eu estou.

Então Ky lhe deu um rápido beijo.

— Você é corajosa, professora — murmurou. Os olhos dele brilhavam intensamente. — Sua coragem é que a torna uma mulher tão atraente e sexy. — Dizendo isto, ele saltou, esperando por Kate dentro da água.

Kate suspirou enquanto descia os degraus da escada. Ky sabia que ela estava amedrontada, e aquela fora a forma que encontrara de transmitir-lhe ânimo e confiança. Antes de desaparecer da superfície, ela voltou os olhos para Marsh, que acenava com a mão.

Sentiu-se em pânico por um momento e desnorteada na hora em que se viu envolvida pela água. Ocorreu-lhe que ali embaixo, naquele mundo repleto de beleza mas também de perigos imprevisíveis, ela era como uma criança perdida, desamparada. Quanto mais fundo descesse, mais vulnerável se tornaria. Sentindo-se sufocada pelo medo, impulsionou o corpo de volta para a superfície, para a luz.

Então Ky a segurou pelas mãos, tentando afastar o pânico inicial que se apoderara dela.

Tocando-lhe o rosto, num gesto delicado e encorajador, esperou até que ela se acalmasse e, então, o fitasse. Nos olhos dela encontrou, além de grande energia, uma excepcional expressão de desafio. Foi isso que a fez vencer a batalha contra o medo e continuar a acompanhá-lo.

Com um movimento de cabeça, ela apontou para baixo, indicando que já estava pronta para prosseguir. De mãos dadas, partiram em direção ao fundo.

O redemoinho formado nas águas por ação do aparelho ligado ao motor do barco já havia arrancado parte dos sedimentos que cobriam o que poderia ser o "Liberty".

À primeira vista, Ky pôde ver que, se o lugar onde estavam enterrados os destroços fosse um pouco mais profundo, seria necessário usar algo mais potente do que seu moderno aparelho de construção caseira e o fraco motor de sua lancha. Mas, por enquanto, seria o suficiente. Ter paciência era, naquela etapa da busca, o mais importante.

Kate avistou alguma coisa sólida se deslocar do fundo à medida que a lama ia sendo removida. Agarrando-a, descobriu que se tratava de um castiçal.

Prata? Ela perguntou a si mesma, sentindo forte excitação. Teriam eles encontrado seu primeiro tesouro verdadeiro? A peça estava coberta por uma escura camada de oxidação, portanto era impossível afirmar com certeza de que tipo de material era feita. Apesar disso, sentia-se muito emocionada. Após dias e dias de inércia, ela estava em plena atividade, trabalhando pelo sonho de seu pai e sua realização própria.

Erguendo os olhos, observou que Ky já estava ensacando diversos outros artigos que havia juntado: mais castiçais, talheres. Antes que ele terminasse o que estava fazendo, Kate bateu algumas fotos.

Haveriam de achar algum carimbo, alguma marca, algo que revelasse a procedência daqueles artigos. Então teriam a certeza de ter encontrado um navio inglês. Marinheiros não costumavam usar prata, ou mesmo artigos de mesa tão requintados.

Quando Ky descobriu a primeira peça de porcelana, acenou-lhe. Era um vaso ou o que sobrara dele. Devido à pressão da água durante todos aqueles anos, apenas parte de sua estrutura

ainda permanecia inteira. Entretanto, a marca do fabricante continuava legível.

Quando Kate a leu, agarrou com força o braço de Ky: "Whieldon". Inglês, portanto. Ela o segurou nas mãos com cuidado e delicadeza, como se aquele objeto inanimado fosse uma criança recém-nascida. Quando seus olhos encontraram os de Ky, irradiavam uma enorme euforia e uma sensação de vitória.

Aborrecida com a impossibilidade de falar, Kate apontou para o nome inscrito na superfície do casco.

Ky apenas gesticulou com a cabeça e fez-lhe sinal para que o colocasse na sacola. Embora relutante em afastar-se dele, Kate, obedeceu, ansiosa por descobrir mais. Não, as provas de que todas aquelas peças pertenceram a um navio mercante ainda não eram suficientes, Kate disse a si mesma, enquanto continuava a coleta de objetos.

Até o momento, a única coisa que parecia indiscutível era que a tripulação e talvez alguns dos passageiros daquela embarcação haviam saboreado suas refeições em alto estilo a caminho do Novo Mundo. Oficiais ingleses, ela recordou. Quanto a isso não havia dúvida. A força da água fez com que um objeto se desprendesse com violência da grossa camada de sedimentos que o cobria. Notando-o, Ky, que estava perto, conseguiu estender o braço e agarrá-lo antes que desaparecesse. Era um jarro encrostado e sujo, que deveria ter sido usado como recipiente para chá ou café. Talvez estivesse trincado sob aquela grossa casca endurecida. Dando algumas pancadinhas no próprio tanque, ele atraiu a atenção da companheira.

Kate teve certeza, no momento em que pôs os olhos no objeto, de que se tratava de algo de valor inestimável. Controlando a impaciência, ela pediu, através de gestos, que Ky o segurasse acima da cabeça, enquanto ela preparava a câmara para uma foto. Ele obedeceu e, cruzando as pernas como o gênio da lâmpada de Aladim, fez pose.

Isso arrancou um sorriso dos lábios de Kate. Talvez tivessem descoberto algo muito valioso, mas ele ainda era capaz de brincar e agir como um palhaço. Nada era sério demais para Ky, que tinha atitudes das mais infantis. Kate sabia que a caça ao tesouro seria excitante, talvez lhes rendesse muitos dólares, mas jamais imaginou que fosse também ser engraçado. Avançando na direção de Ky, ela pegou o jarro de suas mãos.

Apalpando-o, descobriu que havia algum tipo de desenho sob a crosta. Estava segura de que não se tratava de um simples artigo de cerâmica. Nem de algo para ser utilizado no dia-a-dia. Tinha nas mãos uma coisa elegante, rara, feita com muita arte.

Ky parecia compreender o valor daquilo tanto quanto ela. Recebendo-o das mãos de Kate, indicou que deveriam levar para cima todos os achados daquela manhã. Apontando para o relógio, avisou-a de que o suprimento de ar começava a se extinguir.

Ela não reclamou. Em breve retornariam. O "Liberty" esperaria por eles. Então, segurando cada um num alça da sacola, rumaram de volta à tona.

— Sabe como me sinto? — Kate perguntou, logo que puseram a cabeça fora da água.

— Sim. — Ky agarrou-se à escada com uma das mãos e aguardou até que ela desatasse os tanques e os arremessasse para o convés. — Sei muito bem como você se sente.

— O jarro... — Com a respiração acelerada, devido à excitação, Kate subiu depressa os degraus do "Tufão". — Ky, ele deve valer uma pequena fortuna. É como achar uma delicada e bem-formada rosa em meio a uma roseira brava. — Antes que Ky tivesse chance de responder, ela começou a rir e a chamar por Marsh. — É fabuloso! Fabuloso!

Marsh desligou o motor e aproximou-se para ajudá-los.

— Vocês dois trabalham rápido — observou, e, curvando-se, tocou a peça com o dedo. — Meu Deus! Está inteiro!

— Nós poderemos descobrir o ano de fabricação assim que estiver limpo. Mas olhe só isto. — Kate puxou o vaso quebrado de dentro da sacola. — Este é o nome de um famoso ceramista inglês. Inglês — ela repetiu, olhando para Ky. — Foi ele quem ensinou a arte da cerâmica a Wedgwood, e Wedgwood não começou a produzir antes do ano de 1760, portanto...

— Portanto esta peça pode ser da época em que o "Liberty" foi a pique — Ky terminou. — Parece que você encontrou os destroços de um navio naufragado no século dezoito e de origem inglesa. — ele segurou uma das mãos dela entre as suas. — Seu pai ficaria orgulhoso de você.

Kate foi tomada por emoções intensas e incontroláveis naquele instante. A mão que segurava o vaso quebrado começou a tremer. Ela o colocou de volta na sacola e levantou-se.

— Eu vou para baixo.

A lembrança de seu pai a fazia ficar insegura. Ele nunca demonstrara orgulho ou amor pela filha, mas isso não importava agora.

Tentou acalmar as emoções e coordenar as idéias. Queria encontrar o "Liberty", transformar o sonho de seu pai em realidade, ter o nome dele inscrito numa placa no museu, junto com todos os artefatos encontrados. Ela devia isso a ele. Mas prometera a si mesma achar o "Liberty" também por uma questão de satisfação pessoal.

— Kate?

Ao ouvir seu nome, ela se virou. Embora achasse que já estava bem mais calma, Ky, que acabava de entrar, pôde ver a inquietação em seus olhos.

— Seria melhor você tirar esse traje molhado.

— Mas nós vamos mergulhar outra vez.

— Não hoje. — Para provar que estava decidido, Ky começou a remover a própria roupa, enquanto Marsh acionava os motores para voltarem.

Kate percebeu que o barco estava sendo manobrado.

— Mas nós ainda temos mais dois pares de tanques cheios. Não há razão para irmos embora agora que começamos a ter sucesso.

— Este primeiro mergulho absorveu a maior parte de sua energia. Se quiser mergulhar amanhã, deve evitar os abusos hoje.

A cólera de Kate surgiu com tanta rapidez que deixou espantados a ambos.

— Para os diabos com isso! — ela reclamou. — Estou enjoada de ser tratada como se não conhecesse meus próprios limites, e meu próprio corpo.

Ky caminhou até a cozinha, apanhou uma lata de cerveja e abriu-a.

— Não sei do que você está falando.

— Eu permaneci imóvel na cama boa parte da semana devido à pressão que sofri de você, de Linda e de todos os que me cercavam. Não vou mais tolerar isso.

Com uma das mãos, Ky empurrou para o lado o cabelo molhado da testa.

— Você vai tolerar o que for necessário e por quanto tempo for preciso.

— Nada disso! — O sangue subiu-lhe à cabeça, e Kate aproximou-se dele, furiosa. — Eu não sou obrigada a fazer o que você ou qualquer um outro me diga. Não mais. Já é hora de você se lembrar a cargo de quem está esta operação de resgate.

— A cargo de quem?

— Eu o contratei. Setenta e cinco por dia e vinte e cinco por cento. Lembra-se? Esses foram os termos. No nosso acordo não havia nada a respeito de você dirigir a minha vida.

Ele se calou por um momento. Tudo que se ouviu além do barulho dos motores, era a respiração ruidosa e agitada de Kate. Dólares e porcentagem, ele pensou com uma calma incomum.

— Então é nisso que se resume o nosso relacionamento?

Agitada demais para enxergar além de sua própria raiva, ela continuou a açoitá-lo com palavras.

— Nós fizemos um acordo. Eu cuidarei para que você receba tudo o que combinamos, mas não quero que continue me dizendo o que devo ou não fazer. Estou cansada de ter alguém me ditando ordens.

— Pois muito bem. Faça como desejar, professora. Mas não se esqueça de procurar outro mergulhador! Vou mandar-lhe a conta mais tarde. — Dizendo isso Ky saiu da cabine da forma mais rápida que pôde.

Com as mãos cruzadas, Kate sentou-se na tarimba e permaneceu ali, quieta, até que o ronco dos motores cessou. Quando teve certeza de que já poderia se controlar, levantou-se e foi para o convés.

Tudo estava como ela havia deixado: a sacola de malha cheia de talheres e pedaços de porcelana, seus tanques quase vazios. Ky se fora. Marsh, que a estava esperando na popa, aproximou-se.

— Você vai precisar de uma mãozinha com estas coisas.

Kate concordou com um gesto de cabeça.

— Sim. Quero levar tudo isto para o meu quarto no hotel.

— Está bem. — Mas, em vez de apanhar a sacola, ele segurou o braço dela. — Kate, eu não gosto de dar conselhos...

— Ótimo — ela disse sem refletir e, em seguida, arrependeu-se. — Lamento, Marsh. Não estou me sentindo muito bem no momento.

— Eu posso ver isso, e sei que as coisas não estão sempre bem entre você e meu irmão. Ele tem o hábito de calar-se de vez em quando, de não dizer tudo o que tem na cabeça. Ou pior — Marsh acrescentou —, de dizer a primeira coisa que lhe vem à mente.

— Ele é livre para agir como quiser. Eu vim a Ocracoke com o propósito específico de encontrar o "Liberty". Se Ky e eu não somos capazes de manter uma convivência aceitável, então eu tenho de fazê-lo sem sua ajuda. Agora gostaria que me dissesse onde posso alugar um barco e algum equipamento. Vou voltar lá esta tarde.

— Kate...

— Vou voltar lá esta tarde — ela repetiu com voz decidida. — Se não pode me ajudar, não tem importância.

Sem discutir, Marsh abaixou-se para apanhar a sacola.

Kate levou o resto da manhã acertando os últimos preparativos para a jornada. Estava decidida a voltar sozinha ao local onde se encontravam os destroços do navio que procurava. No início da tarde o "Gaivota" Já estava pronto para a missão. Segurando o leme com firmeza, Kate partiu para mais uma aventura.

Ao atingir o local determinado, desligou os motores e aprontou-se para o mergulho. Sentiu uma enorme emoção no instante em que percebeu o corpo imergir naquele misterioso e fascinante mundo dos peixes, a água acolheu-a macia como seda, saudando-a, enquanto se dirigia ao lugar onde julgava estar enterrado "Liberty".

A primeira coisa que encontrou logo que chegou foi um prato de jantar com um multicolorido desenho floral na borda. Em seguida encontrou mais doze iguais, dois dos quais estavam intactos. Havia também xícaras de porcelana inglesa que poderiam ter enfeitado a mesa de algum rico colono de outros tempos.

Prosseguindo na busca, avistou algo que se assemelhava a uma escura concha. Ao examinar mais de perto, viu que se tratava de uma moeda de prata. Não conseguiu descobrir a procedência, mas isso não importava. Poderia muito bem ser de origem espanhola, pois ela havia lido que as moedas espanholas haviam estado em circulação por todas as nações européias com colônias no Novo Mundo.

A primeira moeda que encontrou, embora fosse de prata e não de ouro, e não pudesse ser identificada no momento, ela a tinha achado sozinha. Isto a fazia sentir-se orgulhosa.

Preparava-se para guardá-la na sacola quando sentiu o braço sendo puxado para trás.

Ela sentiu o sangue gelar naquele momento. O arpão tinha ficado a bordo do "Tufão". Ela estava desarmada. Antes que tivesse tempo de fazer qualquer outra coisa além de virar-se apavorada, teve os ombros imobilizados pelas fortes mãos de Ky.

O medo desapareceu, entretanto o ódio presente nos olhos dele a irritou.

Livrando-se das mãos dele, ela o empurrou e fez-lhe sinal para que partisse.

Ky acatou a ordem, mas só depois de haver-lhe enlaçado a cintura com um dos braços, arrastando-a consigo de volta para a superfície.

— Idiota! — ele gritou, enquanto a forçava a subir a escada do "Tufão". — Um dia apenas fora da cama e você já quer se meter sozinha numa aventura arriscada como essa. Não sei por que diabos fui achar que você tinha cérebro.

Com muita raiva, ela arremessou os tanques para dentro do barco. Quando estivesse segura, sentindo o piso sólido sob os pés, então seria sua vez de falar. Por ora, deixaria que ele desabafasse à vontade.

— Eu tiro os olhos de cima de você por algumas horas e você faz uma asneira dessas. Se eu tivesse matado Marsh, isso pesaria na sua consciência.

Para aumentar ainda mais a sua raiva, Kate percebeu que havia subido a bordo do "Tufão". O barco de Marsh não podia mais ser avistado.

— Onde está o "Gaivota"? — ela perguntou, irritada.

— Marsh teve o bom-senso de me contar o que você estava fazendo. — As palavras saíam de sua boca como balas mortais. — Eu só não acabei com ele porque precisava de alguém que viesse comigo para levar de volta o "Gaivota". — Ky colocou-se diante dela, encarando-a, com os cabelos pingando e os olhos faiscando. — Você não tem juízo, imagine só, vir aqui e mergulhar sozinha!

— Você tem?

Enfurecido, ele a agarrou e começou a tirar-lhe o traje molhado.

— Nós não estamos falando de mim. Eu mergulho desde que tinha seis anos. Conheço bem as correntes.

— Eu também conheço.

— E eu não estive de cama, doente por uma semana.

— Eu fiquei de cama todo esse tempo por causa dessa sua maldita mania de exagerar. — Kate distanciou-se dele, e como as roupas já haviam sido baixadas até a cintura acabou de tirá-las. — Você não tem nenhum direito de ficar me dizendo quando e onde eu posso mergulhar, Ky. O simples fato de ser mais forte do que eu não lhe dá o direito de arrastar-me para cima contra a minha vontade, interrompendo o meu trabalho.

— Para os diabos com o que eu tenho o direito de fazer ou não. Conheço muito bem os perigos que você corria lá embaixo, desacompanhada. E não permitirei mais que faça isso. Nem que seja obrigado a acorrentá-la.

— Você me disse para arranjar outro mergulhador Até que o faça, terei de continuar sozinha.

— Você me atirou na cara o nosso maldito acordo comercial. Sabe como aquilo me fez sentir?

— Não, eu não sei. — ela gritou. — Só sei que nós concordamos com os termos do acordo.

— Isso foi antes.

— Antes de quê? — ela perguntou em tom categórico, como que a exigir uma resposta. Algumas lágrimas inoportunas insistiram em lavar-lhe o rosto.

— Antes de eu dormir com você?

— Ora, pare com isso, Kate. Às vezes tenho a impressão de que você está tentando me castigar por algo que fiz ou deixei de fazer há quatro anos. Eu não sei o que é. Não sei o que você quer de mim e que não quer.

— Eu não quero ser pressionada como estou me sentindo neste momento — ela disse, descontrolada. — É isso que eu não quero. Não quero ninguém esperando que eu vá morrer de amores por seus planos sem tê-los discutido comigo. Nem que pensem que eu não tenho meus próprios desejos e objetivos a atingir.

— Muito bem. — Ambos estavam perdendo o controle, mas nenhum deles fazia mais uso de palavras grosseiras, — Eu não espero coisa alguma, nem penso de você nada disso que acaba de mencionar. Talvez durante uma certa época no passado, quem sabe, mas não mais. Houve apenas uma pessoa que exigiu de você e relegou seus próprios desejos a segundo plano, e não fui eu. Eu sou apenas aquele que a deixou partir.

Os músculos de Kate enrijeceram-se. Apesar da distância que os separava, Ky pôde ver seus olhos se turvando.

— Eu não quero discutir sobre meu pai com você.

— No entanto, você entendeu bem rápido, não é?

— Ky, você se ressentiu com ele. Você...

— Eu?! — Ky interrompeu. — Talvez você devesse olhar um pouco para si mesma, Kate.

— Eu o amava — ela disse com voz irritada. — Toda a minha vida tentei mostrar isso a ele. Você não entende.

— Como você sabe que eu não entendo? Não sabia que eu posso ver o que você sente toda vez que encontramos algo lá embaixo? Pensa que sou cego e não percebo o quanto você sofre por descobrir o tesouro no lugar dele? Que não me parte o coração vê-la se punindo por não ser o que ele imaginara que seria?

E eu estou cansado de ser comparado a um homem que você diz ter amado e com o qual tinha tão pouco em comum,

— Eu não faço isso. — Ela cobriu o rosto, odiando-se por essa demonstração de fraqueza, mas reconhecendo a própria impotência para combatê-la. — Eu não faço isso. Apenas quero...

— O quê? — ele perguntou, insistente. — O que você quer?

— Eu não chorei quando ele morreu — ela explicou com a voz sufocada pela emoção. — Não chorei nem mesmo em seu funeral. Fiquei devendo-lhe lágrimas, Ky. Fiquei devendo-lhe alguma coisa.

— Você não deve nada a ele. Nada que já não lhe tenha dado repetidas vezes, Kate. — Enquanto ele falava, foi se aproximando. Sabia que suas palavras seriam inúteis naquele momento e acariciava-a tentando restituir-lhe a calma.

— Eu não chorei.

— Chore agora — Ky murmurou. Então tocou-lhe a cabeça com os lábios e deu-lhe um carinhoso beijo.

— Chore agora.

E ela chorou, como uma criança. Por tudo o que perdera e pelo que nunca chegara a ter. Suas lágrimas eram amargas e sofridas.

Sentando-se num banco, Ky a colocou em seu colo, embalando-a como a uma menina. Não podia oferecer-lhe palavras de conforto. Essas eram para ele, palavras difíceis de ser pronunciadas. Apenas podia oferecera lhe um pouco de carinho e ouvi-la em seu desabafo.

— Eu não consegui chorar por ele antes — ela murmurou, logo que as lágrimas começaram a escassear — Não sei a razão.

— Chorar não é a única maneira de se demonstra dor pela perda de alguém amado.

— Talvez não. Eu não sei, mas acho que é verdade o que você acaba de dizer. Tenho me empenhado em concluir as pesquisas de meu pai porque ele mesmo nunca mais terá a oportunidade de fazê-lo. Não sei se você me entende, mas sinto que com isso estar fazendo

realmente tudo o que poderia. Por ele, e por mim mesma.

— Kate — ele disse com voz suave, inclinando a cabeça dela de forma que o fitasse nos olhos. — Não tenho que compreender. Tenho apenas que amá-la.

Ky sentiu os músculos dela enrijecendo em seus braços. Por que é que nunca lhe dizia coisas da maneira que deveriam ser ditas? Com doçura, calma e suavidade? Kate era uma mulher sensível, que necessitava de palavras doces, e ele era um homem que procurava evitá-las sempre, de uma forma ou de outra.

Ela permaneceu imóvel, e por um longo momento os dois ficaram se olhando.

— É verdade? — ela perguntou após uma pausa.

— É verdade o quê?

— Que você me ama?

— Kate... — A sensação de frustração era evidente em sua voz. — Não sei mais o que fazer para lhe provar. Será que você deseja buquês de flores, garrafas de champanhe francês, poemas? Deus! Eu não sou desse tipo de homem.

— Eu quero apenas uma resposta direta.

— Eu jamais deixei de te amar. Nem por um instante sequer.

— Por que nunca me disse?

— Ouça Kate. Eu até já perdi a conta do número de vezes que disse isso às mulheres. Sempre foi bastante fácil, porque elas não significavam nada para mim. É muito mais difícil se expressar através de palavras quando se trata de um sentimento verdadeiro, quando se tem medo de ser abandonado pela pessoa amada.

— Eu não o abandonaria.

— Você já o fez uma vez. Ficou distante por quatro anos quando eu lhe havia pedido que ficasse.

— Você me pediu para ficar — ela o lembrou. — Pediu-me para não voltar a Connecticut e que ficasse morando aqui com você. Apenas isso. Nenhuma promessa, nenhum compromisso, nenhuma indicação de que pretendia construir uma vida em comum comigo. Eu tinha minhas obrigações, minhas responsabilidades.

— Fazer o que seu pai queria que fizesse.

Kate teve de engolir essa verdade.

— Está bem, sim. Mas você nunca disse que me amava.

— Estou lhe dizendo agora.

Ela concordou com um gesto de cabeça, tentando aparentar calma. Sentia, no entanto, o coração bater acelerado.

— Eu não fugirei novamente. Mas não estou certa de poder dar o próximo passo e não tenho certeza de que você possa também.

— Você quer uma promessa?

Kate sacudiu a cabeça, incerta do que faria caso Ky realmente lhe fizesse uma.

— Precisamos de tempo, nós dois. Parece que ambos temos ainda muito que pensar sobre isso.

— Kate... — Impaciente, Ky tomou as mãos dela. Estavam trêmulas. — Há coisas que não necessitam ser pensadas ou analisadas.

— Você tem o seu próprio modo de vida há muito tempo, e eu tenho o meu. Ky, estou apenas começando a mudar. Não quero cometer nenhum erro, me precipitando. Não com você. É muito importante. Com tempo...

— Nós já perdemos quatro anos — ele a interrompeu. — Não agüento mais esperar para ouvi-la dizer que me ama, se é que de fato sente isso por mim.

— Eu o amo, Ky. Nunca deixei de amá-lo. Já devia ter-lhe dito isso antes, mas não o fiz, como você.

Ky sentiu um arrepio percorrendo-lhe a espinha e tocou o rosto dela com as mãos.

— Não tem importância. Está me dizendo agora.

E parecia ser o bastante naquele momento.

CAPÍTULO XI

Nos dias que se seguiram, Ky e Kate não mais voltaram a discutir os termos do acordo nem chegaram a mencionar mais o assunto da porcentagem. Aos poucos, Kate foi desistindo da idéia de manter o seu quarto no hotel, até, por fim, abandoná-lo de vez e ir morar com Ky.

Os dias começaram a passar rápido. Os dois trabalhavam muito, unidos pelo mesmo propósito. Com o uso de equipamentos ou mesmo sem eles, foram encontrando mais e mais artigos remanescentes do naufrágio. Descobriram que os castiçais eram feitos de estanho e que a moeda de prata, de origem espanhola, datava de 1848.

Kate fotografava cada um dos achados, por razões práticas e pessoais. Ela queria ser capaz de, mais tarde, olhando para as fotos, lembrar-se da emoção que sentira no momento em que vira Ky segurando nas mãos uma xícara de chá encrostada ou uma caneca toda oxidada.

Por mais de uma vez, Ky sugerira o uso de um barco maior, mais equipado para a operação, mas, embora tivessem discutido o assunto e reconhecido a vantagem da troca, preferiram continuar o trabalho com o "Tufão". De alguma forma, estavam sentindo mais prazer na busca lenta do tesouro, às vezes usando as próprias mãos para isso.

Os canhões e as peças de madeira mais pesadas do navio não podiam ser trazidos à superfície sem ajuda, portanto decidiram deixá-los no fundo do mar por mais algum tempo.

O calor estava intenso na hora em que eles se preparavam para mergulhar. Era metade do mês de julho, e Kate já completara seu primeiro mês de trabalho em Ocracoke.

— Deixe-me fazer isso. — Ky pegou o tanque de ar das mãos de Kate e a ajudou a prendê-lo às costas. — A água deve estar deliciosa.

— Sim — disse Marsh, enquanto destampava uma garrafa de suco. Pensem só em mim, assando aqui neste sol, e vocês lá embaixo, divertindo-se.

— Mantenha o motor em baixa rotação, mano — Ky avisou com um sorriso nos lábios, ao mesmo tempo que começava a descer as escadas do barco. — Nós lhe traremos uma lembrancinha.

— Pois que seja algo redondinho, brilhante e com a data gravada numa das faces — brincou Marsh. Deu uma olhada para Kate, que descia os primeiros degraus da escada atrás do companheiro, e desejou-lhe sorte.

Ela foi tomada de forte excitação no momento em que sentiu a água batendo-lhe nos tornozelos.

O ruído do equipamento ligado ao motor do "Tufão" quebrava o silêncio das águas, mas não o seu mistério. Até mesmo com a ajuda da tecnologia, o mar permanecia um enigma, cinqüenta por cento beleza, cinqüenta por cento perigo.

Mergulhando em direção ao fundo, chegaram ao local onde concentrariam as buscas naquele dia.

Já haviam descoberto o que imaginavam ser os alojamentos de oficiais e passageiros, identificando-os através de uma caixa de guardar tabaco, um castiçal de prata, daqueles que se costumava usar junto à cabeceira da cama, e, finalmente, algo que encantou a Ky: uma bonita espada decorada.

Usando os alojamentos de passageiros e a cozinha como pontos de referência, Ky e Kate começaram a trabalhar no que deveria ter sido a popa do navio.

Havia pesados pedaços de rocha para serem removidos. Teriam de retirá-los com as mãos e colocá-los numa área que já tivessem escavado. Apesar da monotonia da tarefa, Kate achava fascinante a capacidade de realizá-la debaixo da água e com tão pouco esforço. Ela podia mover as rochas com a mesma facilidade de Ky, ao passo que em terra firme teria se cansado bem mais rápido do que ele.

Em determinado momento, Ky sentiu seus dedos tocarem alguma coisa pequena e dura. Curioso, apanhou-a, esfregou com a mão para remover parte do sedimento e o observou-a de perto. O coração quase lhe saltou do peito.

Era um diamante. Embora Ky não fosse um perito, examinando-o com atenção, julgou-o como sendo de pelo menos dois quilates. Com uma pancadinha no ombro, atraiu a atenção de Kate.

Causou-lhe enorme prazer ver os olhos dela se arregalarem diante da novidade. Juntos, eles viraram a pedra de um lado para o outro. Encontrava-se suja e opaca, mas estava ali em suas mãos.

Talvez o diamante pertencesse a alguma dama que, no momento do naufrágio, jantava com o capitão, fazendo comentários sobre a América. Ou talvez algum oficial britânico o estivesse carregando no bolso do colete para entregá-lo à mulher com quem pretendia se casar. Um mistério indecifrável, mais precioso do que a pedra em si.

O trabalho continuou assim que Ky guardou a pedra na sacola.

A força da água fez com que um novo objeto se desprendesse da lama. Era pequeno e tinha a borda afiada, arranhando a palma da mão de Kate no momento em que ela o segurou. "Uma fivela?", ela se perguntou, enquanto examinava seu formato. Enquanto estendia o braço para mostrá-la a Ky, outras começaram a se soltar do fundo.

Fivelas de sapato, Kate pensou, admirada. Centenas e centenas se libertando e se arremessando nas águas. Entusiasmada, ela começou a recolher todas que podia.

Segurando uma delas na mão, virou-se para Ky, com uma expressão de triunfo nos olhos. Haviam achado a carga do navio. Seu pai havia incluído as fivelas de sapato na relação que fizera das mercadorias do "Liberty". Segundo ele, havia cinco mil. Só um navio mercante carregaria tal produto em tão grande quantidade.

Essa era a prova de que precisavam. O resto da carga teria que estar enterrada ali abaixo deles. E o tesouro também. Teriam apenas de retirá-lo.

Ky segurou as mãos de Kate e sacudiu a cabeça, sabendo exatamente o que se passava na mente da companheira. Sob os dedos, ele podia sentir a aceleração do pulso dela. Era isso que Ky desejava para ela, a excitação, a emoção obtida pela descoberta de algo em cuja existência não haviam tido muitos motivos para crer. Com uma expressão de euforia nos olhos, Kate trouxe a mão dele até seu rosto. Queria saborear ao máximo todo o prazer e contentamento que aquele momento lhes estava oferecendo. Cinco mil fivelas de sapato os conduziria a uma arca carregada de ouro.

Com gestos de mão, Ky informou a Kate que subiria e pediria a Marsh para desligar os motores. Já havia chegado a hora de trabalharem exclusivamente com as mãos.

Emocionada, ela concordou com um gesto de cabeça. E, enquanto o aguardava, resolveu descansar um pouco, observando as maravilhas do fundo do mar. Havia dividido o instante maior

da descoberta com Ky, e agora desejava absorvê-la por si própria.

O "Liberty" estava enterrado abaixo dela, o navio pelo qual seu pai procurara com tanto empenho. O sonho que ele por tanto tempo acalentara, realizando cuidadosas pesquisas, meticulosos cálculos, mas sem nunca ter podido concretizá-lo.

Alegria e tristeza mesclavam-se em seu espírito enquanto ela apanhava algumas das fivelas e as depositava na sacola. Naquele momento Kate sentiu que conseguiria dar a ele tudo o que se propusera.

Apanhou a câmara e começou a bater fotos. Muitos anos mais tarde, ela pensou, olharia para elas e reviveria os momentos de intensa emoção e satisfação que agora sentia.

De repente, o silêncio. Os sedimentos e peças de metal decoradas e encrostadas começaram a se depositar novamente no fundo, livres da turbulência causada nas águas pelo equipamento ligado ao motor do "Tufão". O mar era de novo um mundo silencioso, sem movimento.

Ao notar uma ligeira agitação nas águas bem acima dela, Kate levantou a cabeça para observar. Sentiu o sangue gelar no mesmo instante. Um temível habitante dos oceanos se aproximava do local.

O barulho provocado pelo remoinho nas águas mantivera todas as formas de vida afastadas. Agora, o repentino silêncio se encarregara de atrair a atenção dos curiosos. Entre cardumes de inofensivos peixes destacava-se nitidamente a imagem de um grande e terrível tubarão.

Kate permaneceu paralisada no lugar, respirando lentamente. Temia que as simples bolhas de ar acabassem por atraí-lo. O tubarão movia-se sem pressa e não parecia estar interessado nela. Talvez já tivesse se alimentado o suficiente naquele dia. Mas, mesmo com a barriga cheia, esses animais costumam atacar quando se sentem importunados.

Se permanecesse quieta, era bem capaz que ele a ignorasse e partisse em busca de águas mais interessantes. Não fora isso que ela lera nos livros de seu pai? E não foi isso que Ky lhe dissera uma vez enquanto almoçavam a bordo do "Tufão"? Mas tudo isso parecia tão remoto e irreal agora, quando a única coisa que conseguia avistar entre ela e a superfície era a figura do poderoso e feroz predador.

O que chamava a atenção dos tubarões sob as águas eram os movimentos e os ruídos. O deslocamento de um mergulhador, por exemplo, funcionava como verdadeiro chamariz.

Ele estava a menos de cinco metros de distância de Kate. Ela podia ver-lhe claramente os pequenos olhos pretos e o movimento ritmado das guelras. Não podia fazer nada, apenas manter-se imóvel e rezar para que ele fosse logo embora.

Mas, e quanto a Ky? Ele retornaria a qualquer momento, sem imaginar o que estava se passando lá embaixo.

Com seu fantástico faro para caça, o tubarão não teve dificuldades para sentir o distúrbio provocado na água. O movimento dos pés e dos braços de Ky atrairia o enorme peixe antes que ela tivesse chance de avisá-lo do perigo. Não, ela não podia ficar sem fazer nada, vendo o companheiro mergulhar, em direção à morte.

Virando o rosto para baixo, viu que o arpão estava a pouca distância dela. Encontrava-se desarmado, por segurança. Kate jamais chegara a armar e muito menos a disparar um. E, antes de mais nada, teria de chegar até ele. Haveria apenas uma chance. Sabendo que não dispunha de tempo para tentar acalmar os nervos, ela se pôs em ação.

Sem perder o tubarão de vista, aproximou-se lentamente do arpão. Naquele momento, o animal não parecia interessado em nada. Talvez fosse embora antes que Ky descesse, mas ela precisava da arma. Não podia fiar-se nessa esperança.

No instante em que firmou os dedos no arpão, notou um vulto próximo da superfície da água. E o tubarão, virando-se para a esquerda, partiu na direção de Ky, sem que ele percebesse.

— Não! — ela gritou enquanto armava o arpão, mas sob as águas sua voz era inaudível. Seu único pensamento naquela hora foi o de proteger a vida do homem que amava. Kate avançou, com o objetivo de ficar na metade do caminho entre Ky e o tubarão. Tinha de se aproximar dele o máximo possível para não errar. Caso contrário, seria o fim de tudo: dos sonhos de Ky, de sua vida.

Pela segunda vez, Kate pôde ver aqueles olhos pequenos, tão negros quanto a morte. Agora, no entanto, o tubarão movia-se na direção dela com enorme velocidade. Suas mandíbulas se abriram, e ela pôde ver como que uma caverna através delas.

Ky mergulhava com rapidez querendo juntar-se à mulher amada, ansioso por continuar na busca daquilo que os unira novamente. Se era do tesouro que ela precisava para tomar uma decisão, então ele o encontraria. Com isso, talvez pudessem abrir as poucas portas de seu relacionamento que ainda permaneciam fechadas. Seu sangue fervilhava de excitação enquanto mergulhava para o fundo.

Ao avistar o tubarão, parou, aterrorizado. Essa sensação já o havia visitado antes, mas nunca de maneira tão intensa. Embora sabendo ser totalmente inútil contra um predador daquelas dimensões, Ky puxou a faca do cinto e partiu para o ataque, preocupado com Kate que ficara sozinha.

Como um rojão, Kate se colocou entre ele e o tubarão. Isso fez o sangue de Ky gelar. Teria ela enlouquecido? Ou simplesmente não se dera conta da presença do perigoso visitante?

Ao ver o que a companheira segurava nas mãos, seu desespero aumentou, e ele começou a mergulhar na direção dela o mais veloz que podia.

O arpão disparou, e o dardo cravou-se profundamente na carne do tubarão, que continuou avançando cheio de dor e ódio. Ele iria segui-la agora, Kate sabia. Se o dardo não o derrubasse, ele estaria em cima dela em questão de momentos.

Ky viu o sangue jorrando do ferimento. O tubarão sacudia-se para os lados como que para se libertar do dardo, ao mesmo tempo em que começava a diminuir a velocidade com que se movia para frente. Então, furiosamente, Ky foi para cima dele, desferindo golpes certeiros e contínuos.

A uns poucos metros de distância, Kate assistira à batalha. Ela estava completamente paralisada. O sangue brotava do corpo do tubarão e dissipava-se na água. Soltando o arpão, Kate também pegou sua faca e partiu para auxiliar o companheiro.

Mas não foi necessário, pois estava tudo acabado e o corpo do animal afundava sem vida. Kate ainda teve tempo de ver-lhe os olhos uma última vez.

Sentia-se meio atordoada e com o braço muito dolorido, devido ao esforço para armar o arpão e à tensão por que acabava de passar. Não opôs resistência alguma quando Ky a abraçou e a levou de volta para a superfície. Apesar do susto, ele estava ali ao lado dela, são e salvo, e isso era motivo para alegria.

Cansado demais para falar, Ky puxou-a para cima da escada, com tanque e tudo. Então viu as barbatanas de mais dois tubarões que apressadamente se dirigiam ao local da luta, atraídos

pelo sangue.

— Ora, o que aconteceu? — perguntou Marsh, levantando-se e atravessando o convés até onde Kate estava deitada.

— Tubarões — Ky respondeu sem rodeios, enquanto se ajoelhava ao lado dela. — Eu tive de trazê-la para cima muito rápido, Kate. — Colocando a mão por trás do pescoço dela, Ky a levantou e começou a retirar-lhe os tanques das costas. — Você está atordoada? Sente alguma coisa nos joelhos, nos cotovelos?

Embora ainda estivesse respirando com certa dificuldade, Kate sacudiu a cabeça, negando.

— Não, não, eu estou bem. — Ela sabia que Ky estava preocupado com problemas de descompressão, por isso tentou imprimir alguma firmeza às palavras, para tranqüilizá-lo. — Ky, nós não estávamos assim tão fundo quando você me trouxe para cima. Portanto, não há motivo para se preocupar.

Ele confirmou com um gesto de cabeça. Depois, levantando-se, arrancou a máscara e a atirou no chão.

— Alguém quer me dizer o que está acontecendo? — Marsh perguntou, impaciente. — Ky pediu-me para desligar os motores do barco, falou sobre fivelas de sapato e eu acabei sem entender nada.

— A carga do navio — Kate murmurou. — Nós a encontramos. Mas apareceu um tubarão.

— Ela quase se matou — Ky explicou com voz furiosa —, nadando direto para a frente dele. — Antes que Marsh pudesse fazer qualquer comentário, Ky virou-se para Kate e continuou: — Será que você se esqueceu de tudo o que eu lhe ensinei? Você conseguiu concluir o seu doutorado, mas não é capaz de se lembrar que deve tentar permanecer imóvel quando um tubarão está por perto? Você sabe que os movimentos de braços e pernas os atraem, e mesmo assim permaneceu bailando na frente dele, segurando um arpão: ineficiente contra um animal daqueles. Se eu não tivesse chegado naquela hora, ele a teria estraçalhado.

Qualquer emoção que Kate pudesse ter sentido até aquele momento foi encoberta por uma profunda raiva. Com calma, ela removeu a máscara e levantou-se.

— Se você não estivesse chegando naquela hora, não teria havido nenhum motivo para eu me arriscar, colocando-me na direção dele. Fiz aquilo por você. — Virando-se, ela caminhou até a escada e desceu para a cabine.

Por um momento o convés ficou envolto em profundo silêncio. Sabendo que não haveria mais mergulhos naquele dia, Marsh dirigiu-se ao leme.

— É costume — ele disse a Ky, sem se voltar — dizer pelo menos "obrigado" à pessoa que nos salva a vida. — Sem esperar uma resposta, ele acionou os motores.

Não fora descuido, Ky pensou, um tanto abalado e arrependido. Ela o fizera sabendo do risco que corria. Colocara-se no caminho do tubarão por causa dele. Arriscara a própria vida para salvá-lo. Passando as duas mãos no rosto, como que para clarear as idéias, Ky se dirigiu à cabine.

Ao entrar, viu Kate sentada na tarimba, segurando um copo nas mãos. Próximo a seus pés, havia uma garrafa de conhaque. Ninguém jamais havia feito coisa semelhante por ele. Isso o deixava sem saber o que dizer.

— Kate...

— Por favor, eu não estou disposta a ter ninguém gritando nos meus ouvidos neste momento.

— Eu não vou gritar. — Por ele estar se sentindo tão mal quanto Kate, sentou-se ao lado dela e, apanhando a garrafa, começou a beber também. — Você me deixou apavorado lá embaixo.

— Eu não vou lhe pedir desculpas pelo que fiz.

— Eu deveria agradecê-la. Mas o problema é que você não tinha nada que fazer aquilo. Foi uma grande sorte não ter sido devorada por aquele tubarão.

Virando-se para ele, Kate disse, fitando-o:

— Eu deveria ter ficado quieta no fundo, sã e salva, enquanto você lutava com ele usando sua faca?

— Sim.

— E você teria feito isso em meu lugar?

— É diferente.

— Oh! — Com o copo na mão, ela se levantou. Durante alguns instantes, ficou a observá-lo, aquele rosto de contornos sólidos e bem definidos, aquela pele bronzeada, os cabelos ensopados e despenteados, aqueles olhos que pareciam refletir o mar. — E você se importaria de me explicar a lógica disso?

— Eu não tenho de explicá-la. Simplesmente é diferente.

— Não, não é, e esse é um dos seus maiores problemas.

— Kate, você tem alguma idéia do que poderia ter acontecido se não tivesse acertado um ponto vital do animal com aquele arpão?

— Sim. Agora vou subir e ficar com Marsh.

— Espere um minuto. — Ky levantou-se para bloquear-lhe a passagem. — Será que você não percebe que eu não seria capaz de continuar vivendo se algo lhe acontecesse? Eu quero tomar conta de você. Preciso mantê-la em segurança.

— Enquanto você toma para si todos os riscos? É assim que deve ser o nosso relacionamento? Você *o* homem, eu a mulher? Eu asso o pão enquanto você sai em busca da carne?

— Ora, Kate, não é bem assim.

— É assim — ela continuou, aborrecida. — Você quer que eu me submeta a um modo de vida que você escolheu para mim. Quer que eu o obedeça, que me curve diante de suas vontades. No entanto, eu sei muito bem como você se sentia com relação a meu pai. Eu passei a minha vida toda tentando fazer coisas que o deixassem satisfeito — ela prosseguiu, agora mais calma. — Ele sacudia a cabeça em sinal de aprovação, mas apenas isso. Nenhuma demonstração sincera de afeição, de carinho. E agora você está me pedindo que faça as mesmas coisas por você. Por que é que os dois únicos homens que eu já amei hão de querer-me tão submissas aos seus desejos?

— Não — disse Ky, colocando as mãos nos ombros de Kate. — Não, isso não é verdade.

Não é o que eu desejo de você ou para você. Apenas quero tomar conta da mulher que amo.

— E qual é a diferença, Ky? — ela sussurrou, — Qual *é* a diferença? — Sem dizer mais nada, Kate subiu para o convés.

CAPÍTULO XII

Recobrando a calma. Kate pediu a ele que a deixasse sozinha para que pudesse refletir sobre o que havia acontecido.

Seria bom para Ky estar só também e reavaliar seu comportamento e suas palavras.

Ele percebeu que, por causa do medo de perdê-la, por causa da necessidade que sentia de zelar por Kate, acabara por magoá-la e colocara em risco o seu relacionamento já tão delicado.

De certa forma, Kate tinha razão em suas acusações. Ele se preocupava demais e tentava mantê-la em total segurança, fazendo a parte mais arriscada do trabalho. Era de sua natureza procurar proteger aquilo que amava. No caso de Kate, talvez até com certo exagero. Também era natural para ele querer que outras pessoas se curvassem diante de seus desejos.

A maneira sutil com que o Sr. Hardesty costumava manipular a filha o tinha enfurecido uma vez. Agora era ele quem estava fazendo a mesma coisa, embora por razões diferentes. Ele queria apenas que Kate permanecesse a seu lado e tinha certeza de poder fazê-la feliz se ela permitisse.

No entanto, nunca levara em conta o fato de Kate ter seus próprios planos. E, até o momento Ky não havia pensado em como faria para se adaptar a eles.

A suave luz da aurora anunciava a chegada de um novo dia, Ky trabalhara quase a noite toda em seu barco, no barracão de sua casa, dando a Kate e a si próprio algumas horas de solidão para refletirem.

Agora, apenas uma coisa parecia cada vez mais clara em sua mente, tão clara quanto o dia em que se iniciara: o fato de que Kate era o grande amor de sua vida.

Durante os dias que se seguissem, eles procurariam se; concentrar exclusivamente na escavação da carga do navio naufragado. Quanto mais se prolongava a busca mais o tesouro se transformava num símbolo para ele! Se pudesse dá-lo a Kate, isso representaria o fim da procura para ambos. E os dois teriam nas mãos aquilo por que tanto lutaram.

Kate realizaria o sonho de seu pai; e Ky teria a satisfação de vê-la livre do compromisso.

Ele fechou as portas do barracão e se dirigiu à casa. Em poucos dias, ele pensou, teria algo mais para dar a Kate. Algo mais para pedir-lhe.

Ainda estava a certa distância da cabana quando sentiu o suave aroma de bacon e café fresco que vinha da cozinha. Ao entrar, deparou com Kate de pé junto ao fogão, vestindo uma longa camiseta, com os pés descalços e os cabelos soltos.

— Eu achei que, já que vamos ter um exaustivo dia de trabalho pela frente, deveríamos fazer um desjejum reforçado — ela explicou assim que o viu.

Ele ficou apenas observando, enquanto Kate fritava os ovos.

— Kate, eu gostaria de lhe falar.

— E estive pensando que nós talvez devêssemos alugar um barco maior, afinal de contas — ela o interrompeu. — E, quem sabe, contratar mais dois ou três mergulhadores. Desenterrar a carga do navio daqui para frente vai ser uma tarefa muito lenta se houver apenas nós dois para fazer o trabalho.

— Eu não quero falar sobre negócios agora.

— É algo que não podemos adiar por muito tempo. — Ela retirou os ovos da frigideira e os colocou nos pratos. — Estou começando a achar que devemos acelerar as escavações. Caso contrário, empataremos ainda várias semanas no serviço.

— Não agora. — Ky desligou o fogo sob a frigideira e tomou os pratos das mãos de Kate, colocando-os sobre a mesa. — Ouça, eu tenho de fazer uma coisa, e não estou certo de poder fazê-la bem.

Virando-se Kate apanhou os talheres na gaveta e sentou-se à mesa.

— O que?

— Desculpar-me. — Quando Kate o fitou com aquele seu jeito típico e calmo, ele praguejou. — Não, eu não vou mesmo conseguir fazê-lo bem.

— Não é necessário — ela disse, levantando-se.

— Sim-, é necessário. Sente-se. — Ky suspirou profundamente enquanto ela permanecia de pé. — Por favor... — ele pediu, enquanto puxava uma cadeira e sentava-se. Sem dizer uma palavra, Kate acomodou-se perto dele. — Você me salvou a vida ontem. Reconheço que jamais teria derrubado aquele tubarão com minha faca de mergulhador. A única razão de tê-lo conseguido foi porque você já o tinha enfraquecido e distraído.

Com uma calma incomum, Kate pegou a xícara de café e tomou um gole, como se estivessem discutindo o assunto mais banal do mundo.

— Sim?

Com um ar de frustração, Ky espetou os ovos com o garfo.

— Eu nunca fiquei tão assustado — ele confessou. — Nem por mim mesmo nem por outra pessoa. Pensei que ele fosse pegá-la. — Ky levantou a cabeça e seus olhos encontraram os dela, serenos, pacientes. — Eu ainda estava longe demais para fazer qualquer coisa. Se...

— Algumas vezes é melhor não ficar se atormentando com possibilidades que não chegaram a acontecer.

— Está bem — ele concordou com um gesto de cabeça e, esticando o braço, segurou a mão dela. — Kate, saber que você arriscou a vida para me proteger apenas contribuiu para tornar as coisas piores de alguma forma. Imaginar que qualquer coisa ruim pudesse lhe acontecer já era terrível, mas a idéia de algo lhe acontecendo por minha causa era insuportável.

— Você teria me protegido.

— Sim, mas...

— Não deveria haver nenhum "mas", Ky.

— Talvez não.

— Eu sou uma mulher diferente, hoje. Por muitos e muitos anos tentei reprimir meus próprios desejos porque achava que, de alguma forma, a aprovação de meu pai fosse tão importante quanto o amor. Vejo as coisas com clareza agora.

— Eu não sou o seu pai, Kate.

— Não, mas você também tem uma maneira de impor suas vontades sobre mim. — Sua

voz era serena, tranqüila, e tinha o mesmo tom que ela usava quando falava a seus alunos. Kate não havia dormido enquanto Ky trabalhava no barracão. Como ele, ela também usara o tempo para meditar. — Quatro anos atrás, eu tive de atender a um de vocês e dar as costas ao outro. Isso me magoou, me fez mal. Hoje eu sei que são minhas próprias necessidades que tenho de satisfazer em primeiro lugar. Embora mal tivesse tocado o desjejum, Kate levantou-se e levou o prato para a pia. — Eu o amo, Ky — ela murmurou. — Mas tenho de buscar a resposta para algumas perguntas primeiro.

Levantando-se, Ky caminhou até ela e colocou-lhe as mãos nos ombros.

— Está bem. Apenas não deixe de me avisar assim que tiver a resposta.

— Quando eu a tiver, Ky... Quando eu a tiver.

Durante três longos dias eles mergulharam, removendo sedimentos e encontrando novos objetos. Descobriram mais de oito mil dos dez mil cachimbos decorados relacionados na lista de mercadorias transportadas pelo "Liberty". Pelo menos metade deles, para a alegria de Kate, tinha seus fornilhos intactos. Eram cachimbos longos, de argila, cujos fornilhos eram decorados com folhas de carvalho ou cachos de uvas e flores. Num momento máximo de prazer, ela bateu uma foto de Ky enquanto ele segurava um junto aos lábios.

Kate sabia que, em leilão, eles cobririam com grande vantagem o investimento que ela fizera. Mas, mais do que isto, a descoberta de tantos cachimbos em meio aos destroços servia para reforçar a idéia de que o navio encontrado era realmente o que procuravam.

Havia também caixas de fumo em grande quantidade, o que deixava mais do que provado que se tratava do "Liberty". Encontraram mais talheres e louças, algumas delas elegantes e finas, algumas de qualidade inferior. A lista de achados cresceu muito além das expectativas de Kate.

Em dado momento, ao remover os sedimentos, ela tocou em algo escondido em meio àquela confusão. Num gesto rápido e automático, puxou a mão para trás. As lembranças de raia-lixa e outros perigos ainda estavam bem vivas em sua mente. Quando o pequeno objeto redondo tiniu, batendo contra uma xícara, seu coração disparou. Kate estendeu o braço e o apanhou. Surpreendeu-se ao ver que tinha entre os dedos uma pequena moeda de ouro muito antiga.

Embora já tivesse lido a repetição não esperava que pudesse se conservar tão brilhante e reluzente como no dia em que fora cunhada.

Era de origem inglesa e datava do ano de 1740.

Ky! Meio estonteada pela emoção, Kate pronunciou o nome dele. O som era abafado e indistinguível, mas Ky percebeu e virou-se. Incapaz de se conter, Kate foi em sua direção. Segurou-lhe o braço e pressionou a moeda contra a palma de sua mão.

Não foi necessário vê-la para saber do que se tratava. Estava escrito nos olhos da companheira. Ela acabava de encontrar aquilo que tanto desejara. Colocando a moeda de volta na mão dela apertou-lhe os dedos com firmeza. O ouro pertencia a Kate.

Mergulhando lado a lado com a companheira, Ky se dirigiu ao local onde havia sido achada a moeda. Juntos, continuaram a busca, com toda a paciência. Durante os vinte minutos que lhes restavam de ar, só conseguiram encontrar mais cinco moedas. Tratando-as como se fossem feitas de vidro, Kate colocou-as na sacola com especial cuidado antes de subirem à superfície.

— Está lá, Ky — ela disse enquanto ele puxava a primeira sacola para dentro do barco. Haviam dispensado o auxílio de Marsh, e estavam os dois sozinhos novamente. — É o "Liberty". Nós o encontramos!

— É o "Liberty", sem dúvida — ele concordou, pegando a segunda sacola das mãos dela. — Você conseguiu terminar o que seu pai havia iniciado.

— Sim. — Kate desatou os tanques e sentiu um enorme alívio. — Eu consegui. — Remexendo o fundo da sacola, ela retirou as seis moedas brilhantes. — Estas estavam soltas. Ainda não encontramos a arca. Se é que ela ainda existe.

— Eles poderiam tê-la transportado para uma outra dependência do navio assim que o temporal começou.

— É possível que tivessem colocado o ouro num dos botes salva-vidas. A história do sobrevivente não é muito clara a partir do momento em que o navio começou a espatifar-se.

— Muitas coisas são possíveis — ele disse, tocando suavemente o rosto dela com a mão. — Com um pouco de sorte e um pouco mais de tempo, vamos encontrá-lo.

Ela sorriu e jogou as moedas de volta à sacola.

— Então você poderia comprar o seu barco novo.

— E você poderia fazer sua viagem à Grécia.

Durante toda a tarde, o tempo foi utilizado para transportar os achados que se encontravam no "Tufão" para a casa de Ky, onde foram separados e catalogados. Kate já havia decidido entrar em contato com o Park Service. A ajuda seria de muita valia e facilitaria o resgate do que ainda restava do "Liberty". Poderia prestar uma justa homenagem à memória de seu pai e dar a Ky qualquer coisa que ele pedisse. Só isso já fazia valer a aventura.

O acordo original não tinha mais importância. Se ele quisesse metade, ela o daria sem discutir. Tudo o que desejava para si, Kate pensou, era a primeira tigela que encontrara, a moeda de prata e a de ouro que a conduzira às outras cinco.

— Nós teremos de pensar em arranjar um barco maior e também mais equipamento — ele observou enquanto colocava no chão uma pequena caixa prateada de fumo. — talvez fosse melhor interrompermos o mergulho pelos próximos dois ou três dias, durante o tempo em que cuidamos disso. Já estamos trabalhando há seis semanas e mal conseguimos extrair os artigos que estão beirando a superfície.

Ela concordou com um simples gesto de cabeça, incerta sobre a razão que a fazia sentir naquele momento uma grande vontade de chorar. Como poderia explicar a ele o que não conseguia explicar a si mesma? Enquanto o sol se punha, observava feliz o espetáculo que lhe proporcionava a natureza.

— Ky... — ela começou, mas interrompeu-se em seguida, pois não era capaz de encontrar as palavras certas para dizer-lhe o que se passava dentro dela. Tristeza, desejos, uma sensação de vazio.

— Algo errado?

— Nada — ela respondeu, mas, enquanto se levantava, pegou as mãos dele. — Venha — ela disse com voz suave. — Faça amor comigo antes que o sol se ponha.

Algumas perguntas surgiram na mente de Ky, mas ele disse a si mesmo que poderiam esperar. A necessidade que ele percebeu no tom de voz de Kate era tão grande quanto a sua própria. Ele queria dar a ela e receber dela aquilo que não poderia em nenhuma outra parte ser encontrado.

O quarto estava banhado pela luz cálida e suave do sol. O céu assumia uma coloração

avermelhada no momento em que Ky se deitou ao lado dela. Os braços de Kate o envolveram, enquanto os lábios dela se entreabriram para receber os dele. Despiram um ao outro. Agora, livres de obstáculos, os corpos nus se encontravam e suas bocas ansiosas se tocavam.

Seguiram-se beijos longos e profundos que os conduziram além dos domínios do tempo e do espaço. Já não havia passado, não havia o amanhã; tudo que importava era o momento presente. O corpo dela se tornava submisso sob o dele, mas sua boca buscava sôfrega o êxtase e o prazer!

Enquanto as mãos másculas de Ky tratavam de fazer emergir à superfície as emoções de Kate, ela fazia exatamente o mesmo com ele, explorando os músculos rijos de suas costas. Demorando-se ali, ela apreciava uma das mais marcantes diferenças entre o corpo viril e firme de Ky e o seu, suave e delicado. A pele dele era lisa, e os músculos, fortes e bem proporcionados. Ele era esbelto, mas não havia o menor sinal de fraqueza ou fragilidade em seu corpo.

— Kate... — ele murmurou ofegante, enquanto saboreava com a ponta da língua a pele alva e sensual dos seios dela. — Você é uma tentação. Diga-me que deseja mais!

— Sim — a palavra veio acompanhada de um gemido de prazer. — Eu desejo mais.

E ele a satisfez.

Por diversas vezes, viu o prazer e o delírio estampados no rosto de Kate, enquanto ela arqueava o corpo e agitava-se com a respiração acelerada. Ela havia se entregado sem qualquer reserva. Penetrando-a com a língua, Ky pôde senti-la explodir de excitação.

Nesse momento, Kate rolou para cima de Ky, provocando-o de uma maneira que só ela sabia e que o fazia gemer e perder o controle.

Rolaram sobre a cama entre murmúrios. A delicadeza já não mais existia, estavam entregues ao instinto. Debatiam-se com apenas um objetivo: a plena satisfação de seus desejos.

Tremendo e apertados um contra o outro, finalmente atingiram o êxtase juntos. Agora reinava a suavidade entre eles. Sorriam como que encantados um com o outro.

A madrugada estava surgindo clara e calma, enquanto Kate permanecia em silêncio, observando Ky dormir. Ela sabia que alguma coisa deveria ser feita para que amor não fosse desperdiçado.

Ela havia negociado com Ky, oferecendo-lhe uma parte do ouro em troca de seus serviços. A princípio, Kate acreditara que queria o tesouro, que necessitava dele como um meio de obter o direito de tomar as próprias decisões, coisa que nunca tivera. Agora, sabia que estava enganada. Aquela quantidade de ouro multiplicada por cem não iria mudar o que existia entre ela e Ky, o que os ligara e depois os separara.

Ela o amava. E sabia que, a seu próprio modo, ele também a amava. Será que isso seria suficiente para superar as diferenças existentes entre eles? Será que isso a fazia desejar abandonar a própria vida para unir-se àquele homem? Ou a tornava capaz de pedir a ele que fizesse o mesmo?

Seus mundos continuavam tão diferentes como há quatro anos. Seus desejos continuavam em desarmonia. Se ela ficasse, teria de renunciar à carreira. Mais cedo ou mais tarde acabaria se desprezando por isso, e na certa ele ficaria ressentido. Era melhor aceitar o que haviam tido por umas poucas semanas do que tentar prolongar a situação.

O tesouro era importante para Ky. Ele havia se arriscado e trabalho pelo ouro. Kate colocaria parte dos achados no museu, conforme havia prometido, para que a memória de seu pai

jamais fosse esquecida. E ele poderia ficar com todo o resto. Em silêncio, ela se vestiu.

Decidida a ir embora, não demorou muito a apanhar a mala no quarto e juntar tudo o que levaria consigo. Numa caixa, colocou a tigela embrulhada em camadas de jornal, a moeda de prata e a de ouro foram colocadas num saquinho. Com igual cuidado, empacotou o filme com as fotos que havia batido no fundo do oceano.

Resolveu que seria melhor partir sem falar com Ky.

Depois de colocar a mala no carro, voltou e deixou as cinco moedas de ouro sobre a penteadeira. Dando uma última olhada para ele, que ainda dormia, saiu para despedir-se do lugar.

Tinha de ter um momento final de contato com o mar. A manhã estava bonita, e ela deu uma rápida caminhada pelas dunas. Guardaria esta doce imagem na lembrança, a água batendo suavemente na areia branca, espalhando a espuma pela praia.

O dia clareava depressa, e ela tinha de partir. Embora um pouco confusa, deu as costas para o mar e caminhou em direção ao carro.

Seus dedos não haviam ainda tocado a maçaneta da porta quando ela ouviu a voz firme de Ky.

— Que diabos pensa estar fazendo?

Virando-se para ele, Kate sentiu sua determinação desmoronar. Os olhos dele estavam pesados de sono, e seus cabelos, despenteados. Vestia apenas uma bermuda velha.

— Eu tinha a intenção de partir antes que você acordasse.

—Partir? — Seu olhar estava agora fixo no dela. — Para onde?

— Eu vou voltar a Connecticut.

— É? — Ele havia jurado que não perderia a calma. Não desta vez. — Por quê?

— Você mesmo já respondeu a essa pergunta ontem, Ky, enquanto voltávamos de nosso último mergulho. Eu consegui realizar aquilo a que tinha me proposto.

Ele abriu a mão. As cinco moedas brilhavam, refletindo os primeiros raios de sol da manhã.

— E quanto a isto?

— Quero que fique com elas — Kate disse com esforço, sem saber por quanto tempo ainda conseguiria falar sem demonstrar todo o aperto que estava sentindo no coração. — O tesouro não é importante para mim. Ele é seu.

— Maldita generosidade — ele disse, virando a mão e deixando as moedas caírem na areia. — É isso o que o ouro significa para mim, professora.

— Mas eu não o entendo.

— Era você quem queria o tesouro. Ele nunca representou nada para mim.

— Mas você disse... Quando eu o procurei, você disse que aceitaria o serviço por causa do tesouro.

— Não. Eu aceitei o serviço por sua causa. Você queria o ouro, Kate.

— Não era por seu valor em dinheiro. — Passando a mão pelos cabelos, ela se virou para o outro lado. — Nunca me importei com isso.

— O problema era o seu pai, não?

Kate confirmou com um gesto de cabeça. Era verdade, mas isso não mais a magoava.

— Eu terminei o que ele havia iniciado, e dei algo a mim mesma. Não quero mais as moedas, Ky.

— Por que você está fugindo de mim outra vez?

Ela voltou a encará-lo.

— Nós somos quatro anos mais velhos do que éramos naquele verão, mas ainda continuamos as mesmas pessoas.

— E daí?

— Ky, quando eu o abandonei naquela ocasião, foi em parte por causa de meu pai. Eu sentia que devia ser leal com ele. Mas se tivesse achado que você me queria — ela enfatizou colocando a palma da mão sobre o coração —, assim como sou, e se achasse que poderíamos ter um futuro juntos, eu não teria partido. Nem estaria partindo agora.

— E quem lhe deu o direito de decidir por mim o que eu quero, o que sinto? Talvez eu tenha cometido erros, mas já paguei por todos eles. Fiz de tudo para não repeti-los desta vez. Esforcei-me ao máximo. De repente eu acordo e descubro que você está fugindo sem me dizer uma palavra sequer.

— Não existem palavras, Ky. Eu sempre lhe ofereci muitas delas, mas você nunca me deu o suficiente.

— Você sempre foi melhor com as palavras do que eu.

— Muito bem, então eu as usarei agora. Eu o amo e sempre o amei, mas também conheço minhas próprias limitações. Talvez conheça as suas também.

— Não, você pensa demais em limitações, Kate, e se esquece de pensar nas possibilidades. Eu a deixei partir uma vez. Mas não será fácil agora.

— Eu preciso tentar ser eu mesma, Ky. Não posso viver o resto de minha vida como tenho feito até agora.

— Mas por que diabos você insiste em ser qualquer coisa além do que é? — ele explodiu. — Já é hora de você parar de confundir o amor com a responsabilidade e olhar para o outro lado da questão. Amar é compartilhar, dar e receber. Se lhe peço que me dê parte de você, é justo que lhe ofereça parte de mim em troca.

Incapaz de se conter, Ky segurou-lhe os braços, como se através desse contato pudesse fazer com que suas palavras fossem melhor entendidas.

— Eu não quero a sua devoção constante. Não quero que se sinta presa a mim, nem quero passar a vida pensando que tudo o que você faz é para me agradar. Diabos! Eu não desejo esse tipo de coisa.

Calada, ela o fitou. Ele nunca havia dito nada a ela de maneira tão simples e objetiva. Uma ponta de esperança começou a surgir. No entanto, Ky estava apenas lhe contando o que não queria. Ao apresentar a outra face da moeda, contudo, quem sabe se esta esperança não pudesse

outra vez se apagar?

— Diga-me agora aquilo que você quer.

— Venha comigo um minuto — ele pediu, segurando-lhe a mão e conduzindo-a ao barracão. — Quando, comecei a construí-lo era porque sempre prometera a mim mesmo que o desejava. Mas não demorou muito para que as razões se alterassem. — Girando o ferrolho ele abriu as portas do barracão.

No primeiro momento. Kate não viu nada. Aos poucos, no entanto, seus olhos se acostumaram à escuridão e ela deu alguns passos em direção do interior. O barco estava quase terminado. O casco estava lixado e pintado, esperando apenas que Ky o tirasse e prendesse o mastro. Era adorável e simples. Olhando para ele, Kate pôde ter uma boa idéia de como seria sobre as águas, viajando com o vento. Livre, leve e ágil.

— É lindo Ky. Eu sempre tive curiosidade... — Ela se interrompeu no instante em que leu o nome gravado na popa:

"Segunda Chance".

— É tudo o que desejo de você — Ky disse a ela apontando para as duas palavras. — O barco é seu. Quando eu o comecei, achei que o estava construindo para mim. Na verdade, estava fazendo tudo por você, porque sabia que esse era um sonho que *você* compartilharia comigo. Eu apenas quero o que está gravado nele, Kate. Para nós dois. — Em silêncio, ela o viu subir no barco e abrir um pequeno compartimento de onde retirou uma caixinha.

— Eu o limpei — ele explicou enquanto abria a tampa e revelava o magnífico e reluzente diamante que encontrara. — Não me custou nada. É simplesmente algo que descobri entre as rochas.

Quando Kate começou a falar, ele a interrompeu.

— Espere um pouco. Você desejava palavras e eu não terminei ainda. Sei muito bem que você tem necessidade de lecionar. Não estou lhe pedindo que desista disso. Apenas que me dê um ano em Ocracoke. Há uma escola aqui, não como Yale, mas ainda assim repleta de alunos que precisam de um bom professor. Um ano, Kate. Se depois desse tempo você descobrir que não é o que deseja, então eu a acompanharei de volta.

— De volta? — ela perguntou, espantada. — Para Connecticut? Você seria capaz de morar lá?

— Se for necessário.

Um compromisso... ela pensou, surpresa. Ele estava se oferecendo para ajustar a sua vida de acordo com a dela?

— E se Connecticut não o agradar?

— Então nós tentaremos algum outro lugar. Talvez tenhamos de nos mudar meia dúzia de vezes nos próximos anos. Mas o que importa? Eu quero que você se case comigo — disse, estudando a expressão do rosto de Kate para ver se aquelas simples palavras a faziam estremecer tanto quanto a ele. — Se você concordar em me conceder um ano aqui em Ocracoke, acho que conseguiremos acertar nossas vidas. Podemos nos casar amanhã, a não ser que você ache muito cedo. Se quiser, posso esperar.

Ela quase sorriu. Sabia que ele jamais esperaria. Uma vez que ela lhe prometesse ficar, Ky começaria a arranjar as coisas de maneira a levá-la ao altar o mais cedo possível.

Limitações? Ela havia falado em limitações? Pois no amor não havia nenhuma.

— Não — ela disse em voz alta. — Você somente conseguirá me ter aqui se me der um anel de casamento. E tudo mais que costuma acompanhá-lo.

— Negócio fechado — ele pegou a mão dela antes que pudesse mudar de idéia e, retirando um anel do canto da caixa, colocou-o gentilmente no dedo de Kate. Reclamando baixinho, ele sacudiu a cabeça. — É grande demais.

— Tudo bem. Eu manterei a mão fechada pelos próximos cinqüenta ou sessenta anos. — Com uma risada espontânea, ela atirou-se nos braços dele. Todas as dúvidas haviam se dissipado.

— Nós mandaremos ajustá-lo — ele murmurou, beijando-lhe o pescoço.

— Apenas se conseguirem fazer o serviço sem que eu tenha de tirá-lo do dedo. — Kate fechou os olhos feliz. Acabara de encontrar tudo que sempre procurara e sabia que o mesmo se passava com Ky. — Ky, quanto ao "Liberty", o resto do tesouro...

Com um gesto suave, ele a beijou.

— Eu não tenho mais nenhuma dúvida quanto ao tesouro, Kate... afinal você está comigo e era só isso que eu queria.